

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

A CONTRIBUIÇÃO SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL DA EMPRESA INDUMA
PARA O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TAIÓ

RENATO RODRIGUES

FLORIANÓPOLIS, SC

2001



Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Campus Universitário - Trindade
Caixa Postal 476
Cep: 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
E-mail: ppgsp@cfh.ufsc.br

**A CONTRIBUIÇÃO SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL DA EMPRESA
INDUMA PARA O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO
MUNICÍPIO DE TAIÓ.**

RENATO RODRIGUES

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua
forma final pelo Orientador e Membros da
Banca Examinadora, composta pelos
Professores:

Prof. Dr. Fernando Ponte de Sousa
Orientador

Prof. Dr. Paulo José Krischke
Membro

Prof. Dr. Selvino José Assmann
Membro

Profa. Dra. Ilse Scherer-Warren
Coordenadora

Florianópolis, (SC), Julho de 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

A CONTRIBUIÇÃO SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL DA EMPRESA INDUMA
PARA O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TAIÓ

RENATO RODRIGUES

Esta dissertação foi julgada e aprovada em
sua forma final pelo Orientador e Membros
da Banca Examinadora, composta pelos
Professores:

Prof. Dr. Fernando Ponte de Sousa
Orientador

Prof.
Membro

Prof.
Membro

Prof.
Membro

Florianópolis, SC, julho de 2001

A CONTRIBUIÇÃO SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL DA EMPRESA INDUMA
PARA O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TAIÓ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, para obtenção do grau de Mestre sob a orientação do Professor Dr. Fernando Ponte de Sousa.

Florianópolis, SC, julho de 2001

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta de minha família.

Agradeço profundamente à minha companheira Edi, que sempre acreditou nos meus ímpetos idealistas, sempre deu-me forças para continuar nos momentos mais difíceis dessa longa trajetória, quantas semanas ficamos distantes um do outro, quanta saudade.

Ao meu filho Artur que soube compreender os momentos que ficamos distantes, não podendo jogar o nosso futebol de final de semana, as nossas partidas de xadrez, o nosso jogo de combate, as nossas leituras no seu quarto, as corridas de vídeo game no computador, a nossa visita à casa da árvore que construímos juntos.

Ao meu filho Gabriel que nasceu quando de minha entrada no mestrado, aprendeu a conviver com a minha distância, mas que soube expressar nas suas primeiras construções da palavra que o pai tinha ido trabalhar em Lages, quanta saudade das músicas que lhe cantava no final de semana, quanta saudade do seu cheiro.

Agradeço ao meu orientador, que dentro do possível soube compreender a situação adversa em que realizamos esse

mestrado; agradeço a minha amiga Waltair, colega de mestrado, agradeço a minha amiga Neide, colega de mestrado, que sempre me incentivou e acreditou no meu trabalho de dissertação. Agradeço ao novo amigo, Maurício, que digitou o meu trabalho, sem medir esforços para que ficasse o melhor possível.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que esse trabalho se tornasse realidade.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iv
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE FIGURAS	ix
SIGLAS	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	8
A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SÉCULO XIX	9
O Brasil e a imigração alemã	25
As colônias, pequenas propriedades e a divisão do trabalho ..	33
A colonização e a indústria Brasileira	46
A indústria da madeira	49
O vale e o alto vale do Itajaí	53
O município de Taió	58
CAPÍTULO II	70
AS COLONIZADORAS E AS INDÚSTRIAS DE MADEIRA: DO VALE DO ITAJAÍ AO ALTO VALE	71
A Instalação das fábricas no interior de Taió	83
CAPÍTULO III	114
A HISTÓRIA POLÍTICA	115
Perfil Sócio Cultural dos Operários da INDUMA	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
ANEXOS	164

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. FATURAMENTO DA EMPRESA INDUMA NO PERÍODO DE 1959 À 2000.....	109
TABELA 2. NÚMERO MÉDIO DE EMPREGADOS DA EMPRESA INDUMA	109
TABELA 3. PADRÃO SALARIAL DA EMPRESA INDUMA	110
TABELA 4. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (1ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/10/1949 A 30/09/1953).....	122
TABELA 5. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (2ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/10/1953 A 30/09/1957).....	123
TABELA 6. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (3ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/10/1955 A 15/09/1961).....	124
TABELA 7. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (4ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 15/09/1961 A 05/02/1963).....	125
TABELA 8. COMPOSIÇÃO DA MUNICIPAL DE VEREADORES (5ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 31/01/1963 A 31/01/1967).....	126
TABELA 9. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (6ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/02/1967 A 31/12/1969).....	127

TABELA 10. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (7ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/1979 A 31/12/1972).....	128
TABELA 11. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (8ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/1973 A 31/12/1976).....	129
TABELA 12. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (9ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/1977 A 31/12/1982).....	130
TABELA 13. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (10ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/1983 A 31/12/1988).....	132
TABELA 14. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA DE VEREADORES (11ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/1989 A 31/12/1992).....	134
TABELA 15. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (12ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/1993 A 31/12/1996).....	137
TABELA 16. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (13ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/1997 A 31/12/2000).....	143
TABELA 17. COMPOSIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES (14ª LEGISLATURA - PERÍODO DE 01/01/2001 A 31/12/2004).....	146

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. INÍCIO DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO ESTADO DE SANTA CATARINA.....	11
FIGURA 2. DIVISÃO MUNICIPAL DE SANTA CATARINA	55
FIGURA 3. VISTA DA CIDADE DE TAIÓ, 1959.	59
FIGURA 5. MAPA DO TERRENO DA INDÚSTRIA DE MADEIRA INDUMA S.A.....	92
FIGURA 6. VISTA DA MADEIREIRA INDUMA LTDA.	97
FIGURA 7. FOTO DA MADEIREIRA INDUMA NO INÍCIO DE SUAS ATIVIDADES.....	111

SIGLAS

INDUMA	Industria de Madeiras S.A
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PDS	Partido Democrata Social
PDT	Partido Democrático dos Trabalhadores
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido Social Democrático Brasileiro
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
PFL	Partido da Frente Liberal
PRN	Partido Reconstrução Nacional
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
ARENA	Aliança de Renovação Nacional
PRP	Partido de Representação Popular
UDN	União Democrática Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
HIMASA	Heidrich Industrial Mercantil e Agrícola S.A.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a história da colonização alemã no Brasil, Santa Catarina e em especial no Alto Vale do Itajaí, e empresários da região de Taió, principalmente aqueles da Indústria de Madeiras S.A- INDUMA, que são descendentes de alemães. Esta análise é feita a partir de uma perspectiva histórica e sociológica que evidencia a organização e a ação política destes empresários no município e a sua contribuição sócio-política para o desenvolvimento histórico de Taió. Este estudo também busca entender a história política do município de Taió, associando-a à trajetória política da família Purnhagen (proprietários da INDUMA) até o momento presente, quando a família elegeu o Diretor Presidente da sua indústria, senhor Horst Purnhagen, como prefeito da cidade através da coligação PMDB/PSDB com o apoio do PT. Através deste estudo foi possível identificar a essência da política, os mecanismos de mercado e a vida social da comunidade taioense, bem como, o perfil sócio-cultural dos operários da empresa INDUMA.

ABSTRACT

The present study analyzes the history of the german colonization in Brazil, Santa Catarina, specially in the "Alto Vale of Itajaí" , and the businessmen of the region of Taió, namely the ones from the "Indústria de Madeiras S.A - INDUMA", who are german descendants. This analysis is carried out from a historical and sociological perspective , underlyning the organization and the political action of these businessmen in the municipality as well as, their cultural, social and political contribution for the historical development of Taió. This study also attempts to understand the political history of the municipality of Taió associating it to the political trajectory of the Purnhagen family(the owners of INDUMA) until the present, when the family elected the Diretor Presidente of their industry, Mr. Horst Purnhagen, as the mayor of the city through a coalition of two political parties, PMDB and PSDB and the support of a third one, PT. By means of this work it was possible to identify the essence of the politics, the market mechanisms and the social life of the taioense community as well as, the social and cultural profile of the workers from INDUMA.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho contribui para a análise da história da colonização alemã no Brasil, Santa Catarina e em especial no Alto Vale do Itajaí, além de analisar o empresariado na região de Taió, especificamente da Indústria de Madeiras - INDUMA, provenientes da colonização alemã, analisando a organização e a ação política desse empresariado no município e suas contribuições sócio-político e cultural para o desenvolvimento histórico do município de Taió.

Para atingir a meta central, resgata-se a trajetória histórica da colonização alemã até a contemporaneidade, como agente formador e empregador de mão-de-obra, criando alternativas industriais, buscando o entendimento de como deu-se a imigração alemã no século XIX, coincidindo com as grandes crises que antecederam à unificação da Alemanha, destaca-se o

Brasil e a imigração alemã, na formação e fundação de seu primeiro núcleo, identificando o objetivo das colônias alemãs, como viviam as famílias dos imigrantes nas pequenas propriedades e como dava-se a divisão do trabalho, buscamos compreender qual o papel da colonização na formação da indústria Brasileira e qual o papel da indústria da madeira, qual o papel do Vale e o Alto Vale do Itajaí em relação a colonização e qual a contribuição do município de Taió neste contexto sócio-político, cultura para o seu desenvolvimento histórico, qual o papel das colonizadoras e das indústrias de madeira na sua passagem do Vale do Itajaí para o Alto Vale, como deu-se a instalação das fábricas no interior de Taió, busca-se a compreensão da história política do município de Taió, a trajetória política da família Purnhagen até chegar no poder, buscando a identificação do perfil sócio cultural dos operários da INDUMA. Para efetivar este resgate, alguns procedimentos básicos foram percorridos:

Revisão Bibliográfica e levantamento de dados secundários: Aprofundamento teórico sobre a colonização alemã em Santa Catarina, bem como estudos pertinentes ao assunto. Pesquisas no IBGE, nos Relatórios e Balanços anuais da empresa INDUMA, arquivos pessoais de pesquisadores da região, cartas de particulares, cartas da família Purnhagen, departamentos de Contabilidade, baús antigos de famílias de imigrantes alemães

com documentos raríssimos.

Coleta de dados: Constituíram um primeiro momento no rastreamento de dados existentes na internet, em jornais, arquivos da empresa e de arquivo morto de contabilidades e das bibliotecas públicas e de particulares, pastas com documentos de ex-funcionários da empresa pesquisada e de descendentes de alemães em Taió e região, considerando que para esse trabalho o resgate histórico, constituiu-se peça fundamental para entender o presente:

"Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (...). O tempo é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar (...) "A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana" (BOSI, 1979, p.39 e 49).

Num segundo momento, realizou-se entrevistas, como forma de elucidar e comprovar todo o resgate histórico da colonização alemã até chegarmos na empresa INDUMA, constituindo-se as relações de contribuições sociais, políticas e culturais no contexto local.

Para a elaboração do trabalho foram realizadas muitas

entrevistas qualitativas com ex-funcionários, moradores antigos da cidade de Taió e região de Alto Palmital, (alguns mortos recentemente), professores, pesquisadores da região, com o Diretor Presidente da INDUMA, com seus familiares, com políticos da região, assessores da Câmara de Vereadores de Taió, antigos e contemporâneos. Presidente do Sindicato Rural de Taió, Diretores de Recursos Humanos das Indústrias em Taió, Diretor de Recursos Humanos da INDUMA em Rio do Sul e pessoas influentes na sociedade que desenvolveram trabalhos nas relações contribuição histórica da colonização alemã na região.

Outra fonte rica e extremamente útil foi a aplicação de questionário aos operários da empresa INDUMA (anexos) e pesquisas realizadas em documentações antigas, nas quais pode-se resgatar elementos fundamentais da história da colonização alemã e da efetiva implantação empresarial na região.

Considerou-se como ponto relevante na obtenção de dados, a disposição de fornecer informações por parte dos pesquisados, bem como a abertura das portas da empresa INDUMA ao pesquisador, fato não ocorrido com a outra empresa (HIMASA), que propunha-me a pesquisar, conforme consta no projeto inicial.

Sempre que solicitei dados aos pesquisados fui bem correspondido e convidado para tomar café ou uma boa cerveja

na casa dos pesquisados, além de eventos realizados na empresa INDUMA como: comemoração do 1º de maio, natal, reuniões pedagógicas com os alunos operários na empresa e palestras para esses, sobre a importância da alfabetização e dos estudos.

Como entrave na pesquisa destacou-se os seguintes aspectos: A não abertura de espaço da empresa HIMASA para pesquisa, boicotando as minhas expectativas propostas no projeto inicial, onde propunha-me a fazer um confronto com a empresa INDUMA, que aparentemente tem o mesmo perfil da empresa citada.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: No primeiro capítulo enfatizamos a significativa imigração alemã no século XIX. Resgatam-se aspectos importantes do panorama da Alemanha nesse século, mostrando um amontoado de pequenos Estados pobres e com sua economia baseada na agricultura. Como viviam os camponeses alemães e o que os levou a emigrarem para o Brasil. Destacamos aspectos importantes sobre a emigração alemã para o Brasil, criando colônias na Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, enfatizando que a sua maior concentração tenha sido nos dois Estados meridionais do país: Rio Grande do Sul e Santa Catarina e quais as conseqüências dessa imigração em relação à criação das colônias no Vale do Itajaí e no Alto Vale do Itajaí, qual

o papel da colonização na indústria Brasileira e a indústria da madeira destacando-se na exportação de pinho serrado para outros países. Um enfoque especial para o Vale e o Alto Vale do Itajaí, traçando aspectos históricos e sociológicos relevantes para o nascimento de Taió, ao qual apresentamos dados a partir da primeira clareira em 1911 do lugar que hoje fica a cidade de Taió.

No segundo capítulo, enfatizam-se aspectos do contexto do desenvolvimento industrial, em relação às Colonizadoras (empresas que negociavam terras), e às Indústrias de Madeira na sua trajetória do Vale do Itajaí para o Alto Vale do Itajaí, identificando a trajetória da família Purnhagen e da empresa INDUMA, até a instalação das fábricas no interior de Taió .

No último capítulo adentra-se na trajetória histórica da política taioense, qual a participação da família Purnhagen e da empresa que dirigem, como deu-se a instalação do município de Taió, a participação do PSD, a industrialização desse período e a influência política. Demonstra-se ainda nesse capítulo a trajetória dos partidos políticos em Taió, passando do PSD/UND/PRP/PTB, para o período dos anos de chumbo ARENA/MDB, para o PMDB/PDS, para o PDS/PMDB/PFL/PT/PSDB/PRN, para o PPB/PSDB/PMDB/PTB/PT/PDT/PL/PPS/PFL, até a chegada definitiva ao poder da família Purnhagen no ano de 2001

elegendo o Diretor Presidente da INDUMA o Sr. Horst Purnhagen como prefeito da cidade. Identificamos a essência da política, dos mecanismos do mercado e da vida social. Finalizamos identificando o perfil sócio-cultural dos operários da empresa INDUMA.

Torna-se importante registrar que, cada época pesquisada e descrita foi analisada na ótica de uma sociedade em constantes mutações, onde os valores, as questões políticas, sociais e culturais, mudam rapidamente, porém, evidenciam-se em cada presente.

Assim, neste trabalho, não se buscou construir uma verdade isolada, ou uma realidade a partir do ponto de vista do pesquisador. A interpretação é a de uma história feita por homens e mulheres que proporcionaram uma grande contribuição para o desenvolvimento sócio-político, cultural para o desenvolvimento histórico do município de Taió.

CAPÍTULO I

A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SÉCULO XIX

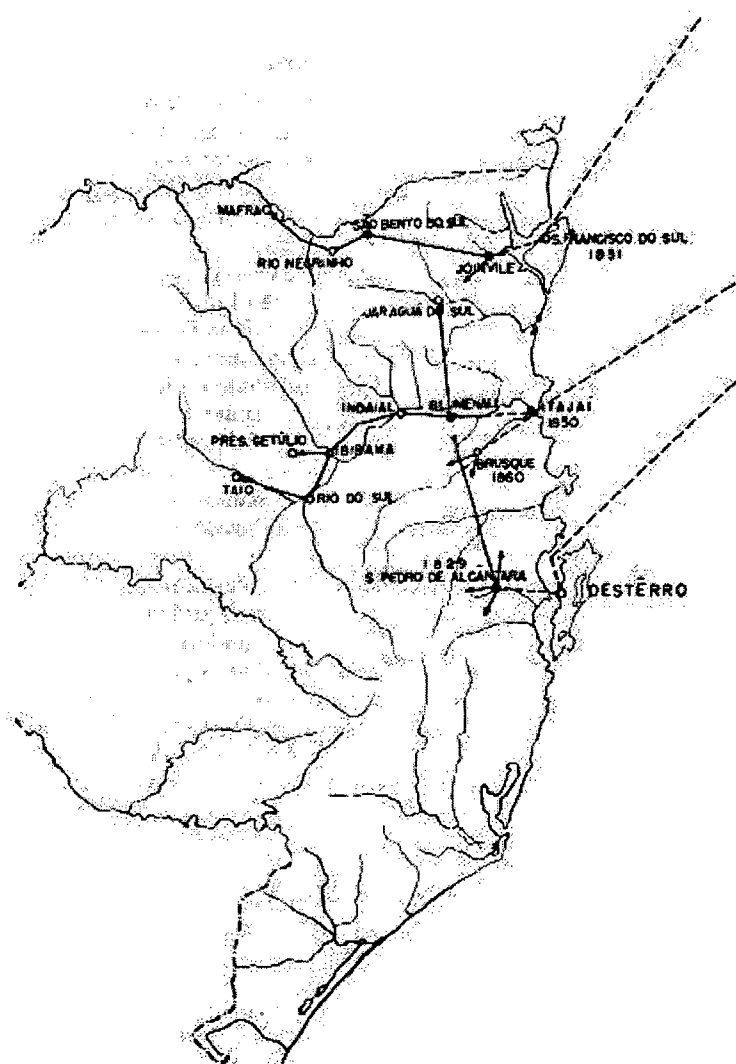
A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SÉCULO XIX

A significativa emigração de alemães no século XIX, ocorreu coincidentemente com o período de grandes crises que antecederam à unificação da Alemanha sob a hegemonia da Prússia, a partir de 1871. As causas dessa emigração são tanto políticas como econômicas, acrescentando-se a elas uma intensa propaganda por parte das Companhias de Colonização e de alguns países interessados em atrair imigrantes.

O fim da dominação francesa na Alemanha foi marcado pela guerra de libertação, entre 1813 e 1815, na qual a Prússia se aliou à Rússia contra a França. A consequência mais importante desta guerra para a Alemanha foi o estabelecimento da Confederação Alemã durante o Congresso de Viena, sob hegemonia da Áustria. A Confederação incluía, além da Áustria, os Reinados da Prússia, Baviera, Saxônia, Württemberg e Hannover;

e os grão-ducados¹. O número de pequenos Estados incluídos na Confederação deixa perceber muito bem o caos político que era a Alemanha antes da unificação. O corpo legislativo da Confederação Alemã - o Bundestag - teve sua sede estabelecida em Frankfurt e possuía poderes para decidir questões comuns a todos os Estados. Foi um primeiro passo para a unificação alemã e marca o início da chamada "Era de Metternich", assinalada por inúmeros distúrbios internos em toda a Alemanha que culminaram com a revolução de 1848.

¹A relação dos Grão-Ducados, aparece relacionado na obra de SEYFERT, Giralda. A Colonização Alemã.



Fonte: PIAZZA, 1997, p. 78

Figura 1. Início da Colonização Alemã no Estado de Santa Catarina

Em grande parte, o exemplo da Revolução Francesa e o período da dominação francesa na Alemanha provocaram, na Segunda década do século XIX, uma série de reformas que pretendiam beneficiar os camponeses. Entretanto, essas reformas acabaram por beneficiar ainda mais os nobres, tornando a situação do campo extremamente instável para os

camponeses. A primeira grande causa da emigração, por isso, foi a própria situação dos camponeses, em particular na Prússia.

O panorama da Alemanha no início do século XIX mostra um amontoado de pequenos Estados pobres e com sua economia baseada na agricultura. Três quartos da população alemã viviam em aldeias e pequenas cidades ligadas entre si por precárias vias de comunicação. Essa população estava dividida em três classes²: "a nobreza, a classe média educada e o 'povo' (esta última incluindo todos os que a classe média considerava como seus inferiores - camponeses, artesãos, lojistas, servos e o proletariado). Comércio e indústria eram regulados por velhas leis medievais".

As condições dos camponeses nesta época eram bastante heterogêneas: em cada Estado tinham suas próprias características e variavam desde uma total sujeição dos servos (Prússia) até o campesinato chamado "livre"³, das regiões do sul e oeste da Alemanha. O regime de servidão feudal persistiu na Prússia e na Pomerânea até o séc. XIX: nestas regiões, o camponês estava ligado à gleba e não podia deixá-la nem mesmo

² SNYDER, 1957, p. 31.

³ Livre, nesse caso diz respeito à ausência de laços feudais. O camponês era dono de sua terra mas pagava pesadas taxas.

quando a terra era vendida. Também em Hesse, o servo não tinha a propriedade da terra; cada família podia, de forma vitalícia, usufruir de um pequeno pedaço de terra, visando a sua subsistência. Sua obrigação maior de prestação de serviços era para com o seu senhor, o proprietário das terras. Tanto na Prússia como em Hesse, acrescentava-se a isso o regime do Bauernlegen, ou seja, o camponês corria o risco de, à vontade do Junker⁴, ser expulso de sua casa e da terra que explorava, passando à condição de trabalhador nômade no campo. A situação dos camponeses em Hesse era tão precária que os proprietários das terras, à sua vontade, dispunha deles como gado. Na época da Guerra de Independência dos Estados Unidos, o proprietário das terras de Hesse vendeu seus camponeses como soldados para o rei da Inglaterra a 31 libras por cabeça. Após a guerra, vendeu esses mesmos soldados à recém-criada república para servirem como colonos. Esse panorama pouco se modificou no decorrer do século XIX.

No sul e oeste da Alemanha, onde o camponês tinha como sua propriedade pelo menos as dependências de sua casa, a Quinta (terrenos de semeadura) e o gado, os trabalhos para o senhor não iam além de alguns dias por ano, mas em compensação os

⁴Os Junkers - nome derivado da palavra Junc-herre (Jovem Senhor) - eram os nobres grandes proprietários de terras que dominavam a política e o exército na Prússia. Foi dessa classe de senhores que saíram os generais, estadistas e comerciantes que dominaram o cenário alemão no século XIX.

serviços eram substituídos por rendas pagas em produtos agrícolas ou em dinheiro. Onde prevalecia a propriedade privada do camponês, a fragmentação excessiva da terra era o problema mais grave (por exemplo, em Baden e no Palatinado). Nas regiões de Hannover e no Schleswig, o regime de herdades arrendadas tornava mais fácil a vida do camponês; na Floresta Negra e na Westfália alguns vestígios de campesinato livre podiam ser encontrados⁵. G. BIANQUIS descreve, de forma generalizada, a vida do camponês alemão por volta do final da época romântica (1830)⁶.

A agricultura ainda estava no sistema do afolhamento trienal, vigente desde a Idade Média. Nesse sistema, o ponto de partida da exploração camponesa foi o quintal com a casa e uma pequena parte de terreno para construir a horta. As terras de agricultura não eram de propriedade particular. Eram divididas em três campos que, por sua vez, eram divididas em inúmeras faixas cultiváveis. Cada camponês tinha direito a uma dessas subdivisões em cada um dos campos. Anualmente um campo era deixado em repouso, enquanto nas outras duas se alternavam os cultivos de cereais. As pastagens e florestas eram exploradas pela comunidade. O sistema só foi mudado no século XIX, quando os holandeses introduziram na Alemanha o sistema

⁵ Camponês livre é aquele que se encontra independente dos laços feudais.

⁶ Ver obra de BIANQUIS, 1956, p.66.

agrícola chamado Norfolk, que alterna a cultura dos cereais e de forragens, suprimindo a interrupção da cultura de uma terra por um ou mais anos.

Uma atitude política em favor dos camponeses só foi tomada em 1789, quando os servos da Prússia foram emancipados. Mas a iniciativa dessa emancipação ficou a cargo dos Junkers, o que garantiu a permanência do sistema. Só em 9 de outubro de 1807 é que o Ministro Stein, com o Edito de Confirmação, garantiu essa emancipação, abolindo definitivamente a servidão na Prússia. Foi anulado o regime de fideicomisso⁷, o que permitiu aos Junkers alienarem ou venderem suas propriedades se assim o quisessem. Essa revogação do fideicomisso, inclusive, tinha como objetivo possibilitar a venda das terras aos camponeses que nelas viviam. Os demais estados alemães seguiram o exemplo da Prússia no período de 1800 a 1816. Mas essas reformas acabaram num grande fracasso, pois foram feitas tantas concessões aos nobres que a situação, em vez de melhorar a vida do camponês tornou-a ainda mais insustentável. As reformas só beneficiaram os nobres e uns poucos camponeses e ainda não estavam totalmente concluídas em 1848. As altas somas que os camponeses, tinham de pagar à nobreza e ao fisco, para permanecer como proprietários de suas próprias terras,

⁷ Fideicomisso: o filho mais velho do Junker herdava a propriedade sozinho.

eram excessivas em vista dos seus poucos recursos. Ficaram entre o endividamento extorsivo e a perda total ou parcial da terra que cultivavam. Na opinião de KAUTSKY (1968, p. 46), os agricultores se aliviaram da escravidão, mas também foram "aliviados" das suas terras. O servo, para se libertar, tinha de pagar pela sua casa e pelas terras que explorava. Mas "só podia resgatar sua terra e sua casa abandonando um quarto e por vezes metade da superfície ao senhor. As propriedades dos camponeses assim amputadas tornavam-se tão exíguas que já não bastavam para o sustento de uma família. O camponês vendia o resto e se expatriava, ia para as cidades ou percorria o campo, em busca de um trabalho precário e mal pago". (BIANQUIS, 1956, p.65). Neste contexto, os nobres ampliaram suas propriedades por preço irrisório, enquanto os camponeses se transformavam em trabalhadores nômades ou em proletários sem qualificação nas grandes cidades. O êxodo rural na primeira metade do século XIX foi tão violento que a cidade de Berlim duplicou sua população no período de 1815 a 1850.

Além dessas reformas e dos problemas suscitados pela rigidez do sistema feudal ainda vigente, a lenta mecanização da lavoura, na Segunda metade do século, foi uma das causas menores do êxodo em massa dos camponeses. As máquinas diminuíram as tarefas do trabalhador rural. O número de pessoas necessário à colheita dos cereais ficou reduzido e a

debulha, principal tarefa durante o inverno, passou a ocupar cada vez menos pessoas. Por outro lado, o início da industrialização da Alemanha veio competir com o trabalho artesanal do camponês, havendo, com isso, uma redução no ganho suplementar da família.

A legislação sobre a herança da terra nos vários Estados também foi uma das causas importantes da emigração. No sul e oeste da Alemanha, a atomização das propriedades rurais tornou improdutiva a pequena exploração camponesa. Chegou ao ponto de o camponês ter de adquirir os cereais para sobrevivência da sua família. Prevalencia aí a partilha real dos bens que deveriam ser igualmente divididos entre os filhos com a morte do progenitor. O problema agrário na Alemanha era um verdadeira faca de dois gumes: se de um lado a atomização provocava o êxodo rural, de outro, a terra passava do pai para o filho mais velho e também aumentava constantemente o número de lavradores sem terras que procuravam trabalho de fazenda em fazenda ou então se transferiam para as cidades.

O camponês entrou, então, num círculo vicioso. Fora do sistema feudal, ao qual estava habituado, para sobreviver ele precisava produzir para o mercado. O esgotamento das terras e a atomização das propriedades passaram a ser os dois impedimentos mais sérios para uma produção racional. O camponês, para enfrentar as despesas com o plantio, precisava

de crédito. Não podendo pagar a dívida, ficava nas mãos dos credores. Além disso, havia as taxas que tinham de ser pagas aos Junkers para poderem ficar com a terra (na Prússia e na Pomerânia), e os impostos extorsivos dos demais Estados. A propriedade de tamanho médio, neste esquema, desapareceu gradativamente em benefício da pequena e da grande. Na Prússia, por exemplo, em meados do século XIX era grande o número de propriedades agrícolas com menos de um hectare. Em Hesse, a partilha das propriedades rurais parcelou de tal forma as terras entre os herdeiros que os proprietários de minúsculos lotes se viram na contingência de sair à cata de empregos. Na região de Baden e Württemberg, esse ganho paralelo, que nem sempre existia ou era insuficiente, tornou-se necessário em virtude da agricultura não oferecer à população rural, muito numerosa, os rendimentos necessários à subsistência. No Palatinado ocorria a mesma coisa: camponeses em busca de trabalho acessório.

Esse trabalho acessório era de vários tipos e o mais comum deles o trabalho agrícola assalariado.

"O mais desejável para o camponês, naturalmente, é conseguir esse trabalho acessório no momento em que a faina agrícola se interrompe, no inverno. Isto se verifica mais facilmente nas proximidades das grandes florestas, que reclamam, no inverno, numerosos operários para o corte e o transporte de lenha" (KAUTSKY, 1968, p. 194).

Mas nem sempre existia esse tipo de trabalho. Na maioria dos casos, o pequeno camponês só encontrava tarefas acessórias em épocas em que na sua própria terra era necessário seu trabalho - isto é, nas épocas de plantio e de colheitas. Nesses casos, quase sempre o camponês deixava de lado sua propriedade para ir ganhar dinheiro, ficando a exploração agrícola nas mãos de sua mulher e filhos (quase sempre crianças).

A todos estes problemas devem-se ainda acrescentar as pesadas taxas impostas aos camponeses pelos pequenos Estados alemães que, não menos que as outras circunstâncias desfavoráveis, impeliram as populações rurais ao êxodo. A situação dos artífices e artesãos das aldeias e cidades não era muito melhor, na medida em que a revolução industrial apareceu no cenário econômico alemão. Não tinham eles condições de concorrer com os produtos manufaturados das fábricas e nem todos queriam a proletarização. Restava, pois, o recurso da emigração. Tanto camponeses quanto artífices foram compelidos à emigração motivados pela possibilidade de se tornarem proprietários de terras no Novo Mundo e, ao mesmo tempo, fugir da proletarização.

Embora camponeses e artífices formassem boa parte dos fluxos emigratórios, havia pessoas forçadas a emigrar por razões estritamente políticas. Após a "guerra de libertação",

em 1815, liberais e nacionalistas entraram em luta contra as monarquias conservadoras e a nobreza, provocando sucessivas revoltas envolvendo tanto gente da cidade como também camponeses. Uma primeira reação séria da Confederação Alemã contra os liberais foram os Acordos de Karlsbad, assinados em 1819, que atingiram principalmente as universidades. Por esses Acordos, os dirigentes dos principais Estados se comprometeram a combater os liberais generalizadamente.

Em conseqüência, houve uma fuga em massa dos liberais para países vizinhos e daí para a América. Os que permaneceram na Alemanha passaram a agir clandestinamente. Em 1830 e 1831 ocorreram vários motins populares inspirados pelos liberais, em conseqüência dos sucessos revolucionários que levaram Luís Filipe a ocupar o trono francês. Tais motins atingiram toda a Alemanha: no Hesse, os camponeses se sublevaram exigindo melhores condições; em Kassel toda a população se rebelou. Daí, a revolução se espalhou para os outros Estados, com o proletariado tomando parte ativa nos protestos. Aparecem, então, no cenário político, os líderes socialistas. A resposta dos governos conservadores foi o reavivamento dos Acordos de Karlsbad e a revolução, mal começada, terminou com o fortalecimento das classes conservadoras e a fuga dos líderes socialistas (entre eles Weitling, o pioneiro do socialismo na Alemanha).

A partir da década de 1830, a revolução industrial se firmou na Alemanha, alcançando em meados do século XIX, as indústrias que se estabeleceram em certas regiões (Aquisgrão, Colônia, Düsseldorf e no Ruhr) onde se concentrou por sua vez, um proletariado industrial só comparável ao da Inglaterra. Ao lado da industrialização, o comércio exterior se desenvolvia rapidamente, graças ao Zollverein - União Aduaneira) que forjara os laços de unidade econômica dos vários Estados alemães. O resultado dos dois processos foi a acumulação de grandes capitais financeiros e a sujeição das classes trabalhadoras a um capitalismo de ferro. Os operários adultos (homens e mulheres) trabalhavam até 14 horas por dia e havia nítida preferência pela mão-de-obra infantil e feminina, muito mais barata. Uma nova classe emergiu da Revolução Industrial: o Lumpenproletariat⁸, em sua maioria ex-camponeses forçados a deixar suas aldeias.

Essa situação do proletariado, a crise econômica que atingiu o campo, os movimentos nacionalistas provocados pelos liberais e a atuação dos comunistas foram as principais causas da revolução de 1848. As colheitas dos anos anteriores (1846, 1847) foram péssimas e a fome atingiu milhares de camponeses e operários. Ao mesmo tempo, ao lado da agitação da burguesia

⁸ Lumpenproletariat: proletariado andrajoso, composto de operários não qualificados.

liberal, a atividade comunista aumentava gradativamente. Marx e Engels lançaram em 1848, em Londres, o Manifesto Comunista que logo em seguida circulou na Alemanha. Além disso, havia uma forte dose de insatisfação por parte da burguesia, que queria para si uma maior participação política. A revolução de 1848 começou como proletária e acabou sendo usada pela burguesia para atingir seus objetivos. Começando em Badem e Württemberg, a revolução espalhou-se por toda a Alemanha e Áustria. O regime de Metternich caiu em Viena e Fernando I foi substituído por Francisco José I. Assembléias e reivindicações da burguesia e do proletariado se sucediam em Berlim e culminaram com uma série de choques entre manifestantes e o exército em março de 1848. A revolução, portanto, envolveu todas as classes sociais em toda a Alemanha. Seus resultados foram, sem dúvida, favoráveis à burguesia e não ao proletariado ou mesmo ao campesinato. Os liberais haviam conseguido um triunfo muito breve no Parlamento estabelecido em Frankfurt, dissolvido logo depois pela contra-revolução. Nesta, a burguesia, aliada à aristocracia, passou a ter considerável importância política. O exército foi reforçado com a finalidade de reprimir melhor futuras desordens e os líderes liberais e comunistas tiveram de procurar o exílio. A Liga Comunista se desfez após a contra-revolução e em 1854 todas as fraternidades operárias foram dissolvidas.

O depoimento de Heinz Müller define bem a situação após 1848: "Passara o ano de 1848, muitas coisas novas haviam sido introduzidas; de melhora, todavia, pouco se via. As sociedades de reforma nas cidades muito logo se dissolviam; a situação nos sítios era cada vez pior. A maior dureza era sentida nos distritos agrários, sobretudo na Pomerânia. Ainda viviam os jornaleiros como escravos, e até mesmo o pequeno proprietário estava obrigado a prestar ao Senhor serviços forçados. Em verdade aumentava o êxodo das populações para as cidades, onde maquinarias e fábricas pareciam nascer do chão para absorver as massas humanas; muitos sentiam o jugo mais pesado ainda pelas revoluções⁹". A situação alemã foi ainda agravada entre 1848 e 1870 por uma série de guerras que culminaram com a unificação alemã.

Em 1848 e 1850 voltaram à cena as disputas da Dinamarca e Prússia com relação aos territórios do Ducado de Schleswig-Holstein. O conflito envolvendo a posse dos dois ducados (particularmente do Holstein) data dos tempos medievais. Desde 1025 o ducado de Schleswig fazia parte da Dinamarca: o rei da Dinamarca era também Duque de Schleswig. O Ducado de Holstein permaneceu com parte integrante do Santo Império Romano Germânico e germanizado. Em 1460 o rei da Dinamarca herdou o

⁹ Depoimento de um colono transcrito por H. Müller no folheto comemorativo dos 60 anos da Escola Evangélica Alemã de Brusque, 1932.

Holstein e declarou os dois ducados inseparáveis. Apesar disso, o Holstein continuou como parte do Santo Império e, depois, da Confederação Alemã. A não ser pela parte norte do Schleswig, a população era alemã. A primeira guerra entre a Prússia e a Dinamarca pela posse do Holstein terminou em 1850 favorável à Segunda. Em 1864, como primeiro degrau da unificação alemã, Bismarck fez o primeiro teste do poderio bélico prussiano, contra a Dinamarca, novamente disputando o Holstein. Aliando-se com a Áustria, Bismarck invadiu a Dinamarca que perdeu a guerra, passando o Holstein para a administração austríaca e o Schleswig para a administração prussiana. Anos depois, a Prússia estava novamente em guerra, agora com a Áustria, outra vez envolvendo a posse do Schleswig-Holstein. O triunfo prussiano sobre a Áustria teve como resultado a anexação dos dois ducados à Prússia, mas, principalmente, acabou com a Confederação Alemã. Bismarck, então, deu mais um passo em direção à unificação, estabelecendo a Confederação Alemã do Norte, unindo vinte e dois Estados sob hegemonia da Prússia em 1867. Três anos mais tarde, outra guerra agitou a Alemanha - a franco-prussiana - que terminou com a derrota da França e a criação do Segundo Reich Alemão.

Observando o conjunto da situação alemã no século XIX, pelo menos até 1871, temos vários pequenos Estados conturbados por

uma série contínua de revoluções e guerras, com uma estrutura econômica mais ou menos instável. Nesse contexto os camponeses formam a maior parte dos grupos de emigrantes, juntamente com contingentes do Lumpenproletariat e liberais fugidos das revoluções de 1830 e 1848. Segundo estimativas não muito precisas, cerca de cinco milhões de alemães deixaram sua terra de origem durante o século XIX movidos pela precariedade político-econômica. Alguns autores afirmam que a maior parte dos emigrantes alemães que vieram para o Brasil eram habitantes das cidades (WILLEMS, 1946, p. 53). Mas a realidade é um pouco menos simples, uma vez que a maioria desses emigrantes eram camponeses que, tendo deixado o campo, se dirigiram para as cidades onde foram engrossar o "proletariado andrajoso" que a fome, o fracasso das revoluções e as guerras sucessivas acabaram forçando à emigração.

O Brasil e a imigração alemã

A Colônia de Leopoldina, na Bahia, foi o primeiro núcleo colonial fundado com imigrantes alemães no Brasil, em 1818. A partir desta data, imigrantes alemães entraram em vários Estados brasileiros (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná), embora sua maior concentração

tenha sido nos dois Estados meridionais do país: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Sob o rótulo de "colonos alemães", englobam-se todos os imigrantes de língua alemã, sejam eles provenientes da Alemanha, Áustria ou Polônia. Como área de "colonização alemã" consideramos aquelas regiões do sul do Brasil povoadas predominantemente com imigrantes de origem alemã, embora tenham recebido também colonos de outras origens, inclusive luso-brasileiros.

Os imigrantes alemães, que entraram nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul durante o século XIX, se localizaram nas áreas de florestas, entre o litoral e o planalto, longe das regiões de grandes propriedades luso-brasileiras empenhadas na criação de gado. Estes imigrantes, portanto, ficaram separados dos luso-brasileiros e suas atividades não afetaram em nada as áreas latifundiárias. As regiões colonizadas por alemães se caracterizaram principalmente pelo regime de pequenas propriedades policultoras e pelo fato de permanecerem relativamente isoladas, gozando de uma certa autonomia e realizando um comércio em pequena escala, não especializado, dominado por alguns comerciantes, proprietários de pequenas lojas nos principais centros coloniais. Nas duas Províncias citadas, a colonização alemã - no século XIX - acompanhou os vales dos principais rios, desde o curso inferior até quase as

nascentes, já no planalto: trata-se dos vales dos rios Itajaí (Santa Catarina) e Sinos, Jacuí, Taquari e Caí (Rio Grande do Sul).

A imigração alemã para o Rio Grande do Sul começou em 1824, com a fundação da Colônia de São Leopoldo, no vale do rio dos Sinos. Esta imigração sofreu uma interrupção com a Revolução "Farroupilha" e se reiniciou muito mais tarde, na década de 1850, quando foi instalada a Colônia de Santa Cruz (1849) e toda uma série de colônias privadas. Em Santa Catarina, os primeiros alemães chegaram em 1828 e foram instalados na Colônia de São Pedro de Alcântara, não muito distante da capital, na estrada que se abria para Lajes. Só duas décadas depois é que começou o grande fluxo de imigrantes alemães para este Estado, com a colonização do vale médio do rio Itajaí e das terras a noroeste do Estado, próximas ao porto de São Francisco do Sul que compunham o dote da Princesa D. Francisca, casada com o Príncipe de Joinville. Da iniciativa privada de Hermann Blumenau, surgiu a Colônia Blumenau, no médio Itajaí-Açu (1850); em seguida, foram fundadas as Colônias de D. Francisca (1851), Itajaí-Brusque (1860) e Ibirama (1899), a primeira nas terras da Princesa D. Francisca, a Segunda no médio Itajaí-Mirim e a terceira no

alto Itajaí-Açu¹⁰.

A fundação de colônias com imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e Santa Catarina se deve tanto à iniciativa privada como à iniciativa governamental (seja do Governo Imperial ou Provincial). Entre as colônias fundadas por iniciativa governamental estão São Leopoldo, Três Forquilhas e Ijuí, no Rio Grande do Sul, e Itajaí-Brusque, em Santa Catarina. Blumenau (depois transformada em colônia oficial a pedido do seu fundador), D. Francisca (instalada pela Hamburguer Kolonisationsverein) e Ibirama (instalada pela Hanseatische Kolonisationsgesellschaft) são exemplos de iniciativa privada na área da colonização. As sociedades de colonização tinham interesse principalmente na venda das terras a longo prazo, que dava um lucro razoável, acrescentando-se ainda o financiamento da passagem dos imigrantes e os empréstimos iniciais para permitir a instalação dos mesmos nos lotes. Iniciativa individual e idealista como a do Dr. Blumenau é uma exceção à regra e teria fracassado se não fossem os esforços do mesmo para transformá-la em colônia oficial. Ao Governo Imperial interessava povoar uma área de florestas com pequenos proprietários agricultores e os esforços de colonização se concentraram nas duas províncias meridionais em virtude da

¹⁰ Outras colônias também foram fundadas no vale do Itajaí.

pressão dos grandes proprietários de café quanto à concessão de terras a estrangeiros em São Paulo. Sendo o café uma das principais fontes de divisas para o país, argumentava-se no Senado que pequenas propriedades, policulturas ou não, encravadas nas áreas cafeeiras seriam extremamente prejudiciais. Mas havia uma razão bem mais importante para concentrar grandes contingentes imigratórios entre o planalto e o litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. É evidente que não foram os imigrantes que deliberadamente escolheram essas regiões de floresta para colonizar. Havia uma razão estratégica para que o Governo Imperial destinasse essas áreas à colonização; era preciso abrir vias de comunicação entre o litoral e o planalto e isto só seria viável acompanhando o vale dos principais rios. Segundo WAIBEL (1958, p. 211-213), o que interessava ao governo brasileiro era estabelecer nas áreas de floresta das províncias meridionais colonos que fossem pequenos proprietários livres "que cultivassem as terras de mata com auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessadas nem no trabalho escravo, nem na criação de gado". As primeiras colônias foram estabelecidas em pontos estratégicos entre o planalto e o litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a fim de garantir de alguma forma as vias de penetração. Em Santa Catarina, principalmente, não havia comunicação entre a capital Desterro e o planalto e foi

com esta finalidade que se deu estímulo à colonização alemã no vale do Itajaí.

A maior parte dos alemães que entrou no Brasil durante o século XIX, portanto, se concentrou em algumas áreas dos dois Estados sulinos. Nos demais Estados as cifras não chegam a ser significativas, a não ser para o Paraná (onde a imigração chegou a ser importante só no século XX), e, em menor escala, para o Espírito Santo. Os alemães que foram para o Paraná, em grande parte saíram das colônias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina em busca de melhores terras; os contingentes imigratórios mais numerosos no Paraná foram de eslavos. O Estado de São Paulo atraiu imigrantes de origem alemã durante a primeira metade do século XIX para trabalhar na lavoura de café, mas uma série de circunstâncias limitaram a entrada de colonos na Segunda metade do século. O governo da Prússia, pelo Rescrito de Heydt em 1859, proibiu a propaganda a favor da imigração para o Brasil e a atividade dos agentes de imigração, proibição que atingiu toda a Alemanha em 1871. O decreto foi revogado no final do século (1896), mas só em relação aos três Estados do sul do Brasil. A proibição prussiana foi conseqüência dos problemas enfrentados pelos imigrantes nas grandes fazendas paulistas, por causa do regime de parceria. O interesse do Governo Imperial também se limitou às primeiras colônias fundadas no Rio Grande do Sul e Santa

Catarina - no caso, São Leopoldo, São Pedro de Alcântara e Rio Negro. Com a mudança da política em 1830 foi proibida qualquer despesa do governo com colonização estrangeira no Império e a responsabilidade dessa colonização passou a ser dos governos provinciais a partir de 1834. A iniciativa privada na área de colonização só começou a partir de 1850.

As grandes levas de imigrantes alemães entraram no Brasil entre 1850 e o final do século, o que pode ser deduzido do grande número de colônias fundadas nesse período. É difícil fazer a estatística exata dos imigrantes dessa origem que chegaram ao Brasil. As informações mais precisas só existem a partir de 1884; de acordo com estatísticas oficiais, entre 1884 e 1939 entraram no Brasil 170.645 alemães. Eduardo Prado calcula que entre 1830 e 1884 o número de imigrantes alemães chegou a ser de 671.247 e no período anterior (isto é, 1818 a 1830) foi de apenas 6.856¹¹. Dos cinco milhões de imigrantes que saíram da Alemanha entre 1824 e a Segunda Guerra Mundial, o Brasil recebeu uma porcentagem mínima. De acordo com WILLEMS (op. Cit., p. 66), somando os imigrantes de língua alemã que chegaram nos cinquenta anos que vão de 1886 a 1936, teríamos uns 280.000 indivíduos - apenas 7% do total de imigrantes que o Brasil recebeu neste período. Os dados estatísticos, como se

¹¹ WILLEMS, 1946, p. 64-5 \

pode ver pela amostra acima, são muito contraditórios; o número exato de imigrantes que entrou em cada área de colonização, mais do que o número global, é praticamente impossível de ser estipulado pois as estatísticas regionais são muito incompletas.

O que é importante destacar no caso da imigração alemã não é a quantidade de pessoas que entraram nos vários períodos, mas sim o fato de que os colonos dessa origem se concentraram em determinadas áreas, longe do contato com elementos luso-brasileiros. As colônias alemãs, em geral, ficaram isoladas durante várias décadas antes de serem introduzidos nelas imigrantes de outras procedências, principalmente italianos - o que ocorreu só depois de 1870. Formaram-se, então, no sul do Brasil, núcleos coloniais etnicamente homogêneos nos quais a introdução posterior de imigrantes de outra origem não alterou fundamentalmente o sistema de colonização. No vale do Itajaí, onde a colonização foi predominantemente alemã, os colonos italianos receberam terras em alguns distritos ainda não totalmente povoados com imigrantes alemães, como Rodeio, Benedito Novo e Rio do Sul. Os colonos franceses e italianos que entraram no Itajaí-Mirim foram encaminhados, em sua maioria para o vale do rio Tijucas.

As colônias, pequenas propriedades e a divisão do trabalho

O objetivo do governo provincial de Santa Catarina ao criar um núcleo de colonização no Vale do Itajaí, não era apenas povoar com imigrantes alemães uma área ainda inexplorada. Pretendia, principalmente, promover o desenvolvimento de uma colônia agrícola baseada em pequenas propriedades. A cada família de imigrantes foi vendido um lote de terras, com financiamento do governo, cujo tamanho oscilava entre 20 e 30 hectares. O conjunto desses lotes - chamado Kolonie - juntamente com a sede administrativa, que os colonos designavam com o termo Stadtplatz¹², constituíam a comunidade camponesa.

A tradição histórica do campesinato alemão, o tipo de povoamento que prevaleceu no vale do Itajaí, o isolamento e a adequação de novas técnicas agrícolas ligadas ao cultivo em um novo "habitat", o cultivo de plantas nativas em substituição às européias e um novo tipo de comércio, foram fatores relevantes na formação dessa comunidade camponesa. Nela, dois elementos importantes se destacam: de um lado, a pequena propriedade agrícola (colônia) e o grupo doméstico

¹² Stadtplatz: etimologicamente designado de lugar da cidade.

constituindo a unidade econômica; de outro, a vila, constituindo o "mundo do camponês".

A unidade básica do sistema econômico camponês é a pequena propriedade agrícola trabalhada pela família. Não apenas no passado, mas mesmo na época presente, uma economia camponesa tem sido uma economia de família camponesa. Na economia a unidade fundamental de produção é, pois, o grupo doméstico representado pela família¹³, como uma unidade sócio-econômica que planta roças principalmente pelos esforços físicos dos membros da família. A atividade principal dos grupos domésticos camponeses é o cultivo de suas próprias terras, faixas ou lotes. O grupo doméstico pode também se envolver em outras atividades: por exemplo, em trabalhos artesanais, na fabricação de produtos derivados ou mesmo no pequeno comércio. Alguns membros da família podem trabalhar, talvez serem forçados a trabalhar, fora de casa, ocasionalmente. Numa economia camponesa metade ou mais de todas as plantações serão produzidas por esses grupos domésticos, com base principalmente no trabalho da própria família.

O lote colonial - a colônia, portanto -, com uma superfície de mais ou menos 25 hectares, trabalhado por uma família, constitui a unidade econômica. É a unidade de produção e

¹³ Definido por THORNER (1971, p. 205)

consumo no sistema econômico que se desenvolveu nessa região de colonização alemã. Isto é particularmente verdadeiro se considerarmos a impossibilidade do colono obter auxílio comunitário ou de empregar mão-de-obra estranha à família. A não ser umas poucas famílias que já vinham da Alemanha com agregados (geralmente uma pessoa apenas e quase sempre tendo algum laço de parentesco), as tarefas da propriedade eram divididas entre os membros do grupo doméstico, incluindo as crianças. As dificuldades do trabalho agrícola, principalmente no início da exploração da propriedade, eram o principal obstáculo para o trabalho individual. Assim, dificilmente esses agregados tinham condições de cultivar uma propriedade. Foram raros os imigrantes alemães que entraram na área sem família. A própria política de colonização do governo visava principalmente à instalação de famílias em pequenas propriedades agrícolas e não de indivíduos isolados.

Na colônia como um conjunto separado da vila, inicialmente, devem ser destacadas as formas de trabalho na terra, o ciclo agrícola anual, a pequena indústria doméstica ligada à lavoura, a divisão do trabalho na propriedade e o trabalho acessório exercido fora da propriedade.

Apesar da utilização de algumas técnicas agrícolas comuns

ao caboclo brasileiro¹⁴, os colonos alemães implantaram no vale do Itajaí um sistema econômico que, de certa forma, manteve algumas características peculiares ao campesinato alemão da primeira metade do século XIX: a pequena propriedade agrícola trabalhada pela família em conjunto, associando-se a este trabalho, em certos períodos, o artesanato, a busca do trabalho acessório e a tendência de produzir um excedente para um mercado, efeito da articulação entre a aldeia e a cidade que, na Alemanha, dominava a estrutura da economia camponesa.

Os imigrantes alemães tiveram de se adaptar ao novo "habitat" e ao novo tipo de agricultura. A forma como se processou essa adaptação não é difícil de deduzir. Os primeiros tempos da colonização indicam que os colonos, em sua maioria, vinham completamente iludidos quanto ao tipo de vida que iriam ter no sul do Brasil. A propaganda na Alemanha não lhes dava a mínima informação - afirmava, isto sim, a existência de um verdadeiro paraíso subtropical onde todos seriam proprietários de terras. Os colonos estavam totalmente despreparados para explorar um lote de terras coberto de floresta e isolado numa ampla área despovoada. Esse despreparo dizia respeito a tudo: nada sabiam das técnicas agrícolas

¹⁴ Segundo Seyferth, o termo caboclicização é freqüentemente usado pelos estudiosos da colonização alemã por causa da utilização pelos colonos da técnica de derrubada - queimada para preparar a roça. Diz-se, então, que o colono alemão ficou caboclicizado. O uso do termo pode levar a interpretações errôneas, principalmente se levarmos em conta o contexto global da colonização.

adequadas do equipamento necessário ao desmatamento e plantio, dos tipos de roupa adequados à região ou mesmo da inexistência de animais domésticos. Há referências jocosas feitas a imigrantes que traziam da Alemanha, com muito custo, louças finas, grossos cobertores de penas de ganso, roupas de lã e feltro demasiado grossas, enfeites para a casa e até móveis pesados - que tornavam a bagagem muito volumosa. Gastavam seu dinheiro no país de origem com equipamentos inúteis e chegavam à área de colonização sem nada para começar a exploração do lote. Na administração da Colônia é que recebiam um machado, enxada e um facão ou uma foice.

Foram três, provavelmente, as fontes de informação dos colonos: os administradores da colônia, os vendeiros e os jornais em língua alemã editados em Joinville e Blumenau. É improvável que tivessem aprendido a plantar suas roças com brasileiros pois os poucos agregados de Werner e Salientien trabalhavam na exploração da madeira. A zona litorânea de Santa Catarina por sua vez, fora colonizada com açorianos, cuja atividade principal era a pesca.

A exploração do lote colonial se caracterizou pela policultura e pelo uso de técnicas agrícolas peculiares ao sistema de coivara. Leo Waibel estabeleceu uma tipologia dos sistemas agrícolas adotados pelos colonos europeus no sul do Brasil que está correta apenas no que diz respeito às técnicas

de preparo da terra. Essa tipologia inclui três fases: a de rotação de terras primitiva, rotação de terras melhorada e rotação de culturas com criação de gado. O que caracterizou pelo menos os cinco primeiros anos de exploração agrícola do colono é o que WAIBEL (1958) classificou como rotação de terras primitiva, feitas as devidas ressalvas. O colono ao tomar posse do seu lote construía uma casa rústica, com madeira obtida na propriedade. Quase sempre tinha de fazer este trabalho sozinho, particularmente se os filhos eram pequenos. A casa e outras dependências (ranchos para guardar mercadorias e abrigar uns poucos animais domésticos) se situavam próximo à picada. No seu lote alongado e acidentado, o colono só dispunha de 1/3, e às vezes até menos, de terras de várzea próprias para a lavoura.

A administração, pelo menos nos primeiros anos, parece ter se preocupado em instruir os colonos quanto às atividades agrícolas. Nos seus relatórios, o Barão von Schneeberg fala nas sementes fornecidas aos colonos com as respectivas informações de como plantá-las. E faz referência também aos cultivos experimentais com plantas européias e seu posterior fracasso. Os vendeiros também tinham interesse em ensinar aos colonos o tipo de plantio e as plantas melhor adaptadas na área. Havia também um pequeno número de colonos que vieram de outras áreas de colonização e deviam conhecer a agricultura

aqui praticada.

A criação de animais domésticos ocorria em pastagens que ocupavam só uma pequena parte da propriedade e são cobertas de gramíneas de vários tipos. A criação de gado praticamente não existia associada à agricultura. Havia muitas razões para isso: o preço do gado era exorbitante e o colono não tinha condições de adquiri-lo; o gado tinha de ser trazido do planalto, por caminhos em péssimas condições, sendo a própria distância um empecilho e verdadeira causa do alto preço e, por fim, dada a proximidade das florestas, havia muitas pragas que atacavam os animais. Para o camponês, contudo, era indispensável possuir pelo menos um ou dois cavalos e algumas vacas. O cavalo era o único meio de locomoção de que dispunham os colonos. Em cada propriedade colonial existia, portanto, um ou dois cavalos, utilizados para transporte de pessoas e mercadorias da propriedade colonial até a vila, seja como animal de viagem ou de tração. Nas picadas mais estreitas o burro era o animal usado para transporte de mercadorias e, por isso mesmo, era chamado de "cargueiro" e as picadas de "caminhos de cargueiros". Tanto os cavalos como os burros eram trazidos da região de Lajes para serem vendidos, individualmente, nas áreas de colonização do vale do Itajaí.

Em cada propriedade era comum encontrar uma ou mais vacas leiteiras, cuja manutenção dispendiosa era compensada pelo

valor de troca dos derivados do leite, principalmente da manteiga e do queijo. Gado de corte não existia na colônia. A carne consumida pelos colonos era a de animais de sua própria criação: aves e porcos. A carne de boi só muito raramente era adquirida nas vendas.

O tipo de criação mais desenvolvida pelos colonos era a do porco, destinada principalmente à produção de banha, que tinha lugar garantido no mercado. O cuidado com estes animais não apresentava grandes dificuldades e era amplamente compensador para os colonos. Até a época em que o crescimento se completa, eram deixados em liberdade; depois passavam a ser confinados num chiqueiro e soltos ocasionalmente em pastos. Diariamente recebiam ração de mandioca, aipim ou outro tubérculo. Para a engorda, os porcos eram presos e tratados com inhames cozidos e milho. Com esta alimentação, os colonos obtinham melhor carne e gordura.

As aves, em geral, se destinavam ao consumo doméstico. Eram criadas em grande quantidade e o aproveitamento da carne e dos ovos era muito grande, em virtude da inexistência de carne bovina. As penas eram aproveitadas para fazer travesseiros e cobertores.

As condições impostas pelo isolamento da área colonial do vale do Itajaí, levaram o camponês a produzir o máximo na sua propriedade e adquirir o mínimo para a sua subsistência.

Visava, antes de tudo, à poupança que possibilitaria a aquisição de mais terras. Assim, as características peculiares das atividades econômicas nesse regime de pequena propriedade incluíam não apenas a agricultura e criação de animais, mas também toda uma atividade associada a essas duas: uma pequena indústria doméstica destinada à transformação da produção agrícola para consumo próprio e para venda. A família do camponês que fornece a mão-de-obra na transformação da produção agrícola. A produção incluía também o trabalho nas serrarias, cervejarias e olarias que, embora fosse realizado por alguns colonos, não consistia na atividade principal dos mesmos. Particularmente as serrarias eram propriedade de pessoas vinculadas ao comércio mais do que à exploração agrícola.

O trabalho nos engenhos de açúcar, a produção de fubá e farinha de mandioca nas atafonas, a manufatura de charutos, a produção de vinhos, banha, derivados do leite, e de um doce de frutas, pastoso, chamado Muss, constituíam as principais atividades da "indústria doméstica".

As atafonas e engenhos de fubá e farinha de mandioca eram em maior número mas, ainda assim, uma grande parte das propriedades não os possuíam. Como o produto bruto (milho e mandioca) não pudesse ser consumido pelos colonos - e era a base da sua alimentação - aqueles que não dispunham de atafona

ou engenho tinham de recorrer a seus vizinhos mais afortunados ou aos vendeiros que também se dedicavam à exploração dos mesmos. Isto originou uma série de arranjos entre os colonos e entre os colonos e vendeiros e, em geral, aqueles que levavam o produto bruto para ser transformado em farinha perdiam um terço ou até a metade da quantidade de milho e mandioca empregada. Havia duas formas mais comuns de arranjos: quando o proprietário do engenho se encarregava de moer o produto trazido, ficava até com a metade do mesmo; quando os donos do produto "alugavam engenho, o pagamento exigido era de um terço da quantidade trazida para moer. O mesmo sucedia, em parte, com a transformação da cana de açúcar, embora neste caso prevalecesse a primeira alternativa, uma vez que a produção de açúcar e cachaça exigia mais cuidados e era mais demorada.

Esse tipo de arranjo entre colonos não atingia apenas as atividades dos engenhos e atafonas. Arados, animais de tração e roças (ou terras) muitas vezes eram alugados e o aluguel era pago com produtos agrícolas. Estes aluguéis são consequência do alto custo dos animais domésticos e das dificuldades de adquirir arados e terras boas.

As indústrias que os colonos rotulavam como "técnicas"¹⁵, consistiam nas serrarias, olarias e cervejarias. Estas não

¹⁵ "Técnicas" em alemão Technischeindustrie.

faziam parte da atividade doméstica dos colonos e principalmente as serrarias eram de propriedade de comerciantes ou pessoas apenas ligadas ao comércio da madeira. Apenas um ou outro colono tinha, em sua propriedade, serraria para aproveitar sua própria madeira, mas de qualquer maneira não dispunham de meios para escoar a produção. Também nessa atividade havia influência do tamanho e composição da família: possuíam serrarias os proprietários cujas famílias se compunham de um certo número de filhos adultos que possibilitassem o funcionamento das mesmas. Os proprietários de serrarias foram responsáveis por muitos conflitos envolvendo invasão de propriedade. Em busca da madeira, quase sempre invadiam lotes já ocupados, provocando com isso reações às vezes violentas por parte dos colonos.

A produção de cerveja era muito pequena, sendo insuficiente até para o consumo local e dependia de matéria prima importada da Europa. Havia até o final do século XIX apenas duas cervejarias, que mais tarde desapareceram. As olarias, atendiam as necessidades locais de telhas e tijolos. O número de pessoas que se ocupavam desse trabalho era pequeno e não se dedicavam ao trabalho agrícola.

A agricultura constituía-se no recurso principal e essencial dos colonos alemães, nesse regime de pequena propriedade e policultura, sendo que a pecuária representava

uma atividade secundária e muito limitada. De todos os produtos cultivados, apenas a cana de açúcar e o tabaco se destinavam à venda. A criação de porcos, aves e vacas tinha por objetivo primeiramente o consumo doméstico. A subsistência dos colonos se garantia na propriedade por causa do pequeno valor de troca das mercadorias produzidas. Não havia um produto especializado; todos os colonos produziam as mesmas coisas e dependiam da oscilação dos preços do mercado, representado pelas casas comerciais da vila. O plantio de um determinado produto, portanto a monocultura, traria sérios problemas para os pequenos proprietários isolados e sem meios de transporte.

Assim, a produção da propriedade fornecia os meios básicos de consumo da família do camponês e dava a ela uma relativa independência dos outros produtores de mesmo tipo e do mercado. Isto era extremamente importante em virtude do isolamento a que estava submetido o colono¹⁶.

O trabalho na propriedade agrícola do colono alemão era exercido apenas pelos componentes da família: todos os seus membros, com exceção das crianças muito pequenas ou das pessoas muito idosas tinha sua parcela de trabalho, agrícola

¹⁶ Segundo SHANIN (1971b, p. 240), esta independência "dá uma relativa estabilidade ao grupo doméstico do camponês que, em crise, está apto para manter sua existência através do aumento dos seus esforços, diminuindo seu próprio consumo e parcialmente afastar-se de quaisquer relações de mercado que possa ter.

ou não. O maior ou menor desenvolvimento da produção agrícola numa propriedade dependia diretamente do tamanho e composição da família. O período crítico de exploração da propriedade colonial era aquele em que a família se compunha apenas do marido, mulher e filhos pequenos. Não podendo contar com auxílio de fora (quando muito um vizinho podia ajudar em tarefas mais pesadas, mas não por muito tempo), o marido se via na contingência de, sozinho, fazer a derrubada, construir a casa e os ranchos e preparar a roça, auxiliado apenas por sua esposa. Na medida em que as crianças crescem e podem fazer determinadas tarefas, a produtividade agrícola aumenta, atingindo o máximo quando os filhos forem adultos. Um outro fator importante é o tamanho da família: quanto maior número de filhos, maior será a força de trabalho disponível.

O trabalho na propriedade camponesa se dividia, em geral, da seguinte maneira: com exceção da derrubada, a mulher participava ativamente de todas as atividades do marido; portanto, o preparo da roça, a colheita e o cuidado com os animais domésticos eram ocupações de homens e mulheres adultos da família. Era considerado trabalho exclusivamente feminino o cuidado com a horta e com a casa e o preparo dos alimentos. As crianças, em geral de 7 a 15 anos auxiliavam os adultos em tarefas secundárias: obter forragens para os animais, fazer a capina das roças, ajudar na colheita (principalmente do milho)

e no trabalho da horta.

O trabalho infantil já era comum na Alemanha, devido principalmente à impossibilidade do pequeno camponês obter mão-de-obra assalariada por não dispor de meios para contratá-la. Por isso, os filhos desde os 6 ou 7 anos auxiliavam os pais nas atividades econômicas. O sistema persistiu nas áreas de colonização alemã quase que pelas mesmas razões: a pouca disponibilidade de mão-de-obra assalariada e falta de meios para contratar auxiliares.

Assim como havia tarefas peculiares a cada membro da família, determinadas atividades reuniam todas as pessoas da casa, numa espécie de mutirão familiar: a colheita e debulha do milho, o preparo da farinha de mandioca, o beneficiamento das folhas de tabaco.

A colonização e a indústria Brasileira

A maior parte dos trabalhos que tratam da colonização alemã no sul do Brasil sugerem que a industrialização partiu do artesanato ou, colocando mais explicitamente, as oficinas se transformaram em fábricas. A realidade, porém, não é tão simples. No início da colonização o artesanato era apenas uma atividade suplementar dos colonos, forçados a depender de uma

economia estritamente familiar. Mesmo o melhor artesão precisava trabalhar na lavoura. As necessidades de sobrevivência faziam com que cada família camponesa produzisse a maior parte dos artigos de consumo. Neste caso, as necessidades locais somadas às necessidades de transformar os produtos da lavoura em artigos vendáveis determinaram os caminhos do artesanato rural. Este, no período da colonização até fins do século XIX, estava ligado à agricultura e apenas algumas pessoas se dedicavam à atividades artesanais em tempo integral. Mesmo os imigrantes que na sua terra de origem eram artesãos não continuaram integralmente com essa atividade. O trabalho artesanal oscilava entre atividades que não requeriam nenhuma especialização, até atividades muito especializadas. De qualquer forma, era estritamente doméstico e não tinha nenhuma característica de empresa. A construção e utilização de engenhos e moinhos era atividade do artesão, mesmo nos casos em que o vendeiro se encarregava da transformação dos produtos agrícolas em maior escala. O beneficiamento das folhas de fumo, a fabricação de banha e da farinha, a construção de casas e a indústria de laticínios não constituíam especialidade de ninguém. No caso da utilização dos engenhos, o camponês ocasionalmente se transformava em artesão, utilizando ele próprio instrumentos que não lhe

pertenciam para beneficiar a produção bruta da sua lavoura¹⁷.

É importante salientar que as atividades artesanais eram quase sempre exercidas por um indivíduo, quando muito auxiliado por um dos seus filhos. O trabalho era feito sem nenhuma instalação técnica, em geral num rancho nos fundos da residência, e o artesão também plantava sua roça e cuidava da sua propriedade, embora em escala reduzida quando comparada com a dos demais colonos. Esses artesão não tinham capital e nem maquinaria adequada, trabalhando com ferramentas simples e sem maiores chances de ampliar suas oficinas. Seu trabalho raramente era remunerado em dinheiro; recebiam mercadorias em troca dos serviços prestados.

O processo de industrialização no Brasil, de 1914 a 1945 tem prosseguimento dentro do mesmo modelo econômico que caracterizou sua primeira fase, dependente da monocultura do café e, em menor escala, do cacau e do algodão. Até a década de 1930, quando se reestruturou o Estado brasileiro, esse quadro continuou a significar, para a indústria, proteção indireta, condicionada à manipulação do câmbio e às tarifas alfandegárias¹⁸.

¹⁷ SEYFERTH, Giralda. A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim. 2 ed., Porto Alegre RS. Editora Movimento, 1999.

¹⁸ A tarifa de 1900, em vigor até a década de 1930, aumentou para 25% a quota-ouro sobre as importações e reajustou as taxas, que passaram a oscilar de 50% a 80%.

Mas, embora se mantivesse vacilante o apoio do governo à indústria, limitando-se à proteção indireta, as conquistas no setor foram graduais, resultando, finalmente, no reconhecimento de sua importância como alternativa indispensável à independência da economia nacional. Para a indústria brasileira em seu conjunto, as duas décadas que antecederam os anos 30 se inserem no período que foi classificado como sua "idade de ouro", tanto no que se refere ao seu crescimento quanto à rentabilidade dos investimentos.

Os dois conflitos mundiais e a recessão igualmente mundial de 1930 são três eixos sob os quais geralmente se enfoca a questão da indústria, no período que se abre em 1914 e se fecha em 1945. Frente a essas três ocorrências seria, por assim dizer, testada sua capacidade de resposta ao desafio que representava o campo deixando livre pela concorrência externa que se retraí, e de conquista definitiva de espaço próprio, nos anos subseqüentes.

A indústria da madeira

A industrialização da madeira, assumiu maior importância, superando, em 1940, a produção dos têxteis no estado; a primeira participou com 20,8% da produção industrial por

gênero, em Santa Catarina e os tecidos com 17,5%¹⁹. No vale do Itajaí o avanço deu-se em decorrência da exportação de pinho serrado para outros países. Já existia, antes, desde os tempos coloniais, a exportação de madeira de lei serrada e também de caixas e esquadrias, para mercados nacionais, em escala relativamente pequena, mas a maior produção supria, unicamente, o mercado local²⁰.

O beneficiamento da madeira em Blumenau está ligado o nome da família Odebrecht. Seu patriarca, Emílio Odebrecht, encarregado pelo doutor Blumenau da medição e distribuição dos lotes coloniais, foi um dos primeiro imigrantes a estabelecer-se no Vale do Itajaí. Já em 1859, Odebrecht naturalizou-se brasileiro e, do seu casamento com Bertha Bichels, resultou, por sua vasta descendência, um dos mais importantes troncos familiares do Vale do Itajaí. Em 1865 Emílio abriu com seu nome a lista de voluntários para a Guerra do Paraguai, o que lhe valeu o conhecimento das fronteiras da Argentina e Uruguai; participou, depois, da elaboração dos projetos de ferrovias e linhas telegráficas para o sul do Estado. No vale do Itajaí fez exploração e o levantamento topográfico da região, para a construção das linhas de comunicação terrestre

¹⁹ Análise da Indústria de Transformação em SC. Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Florianópolis, 1974, p. 27.

²⁰ HERING, M.L.R. Colonização e Indústria no Vale do Itajaí. p. 167.1987.

entre Brusque e Lajes, a partir de Blumenau. Foi justamente na localização do caminho para o planalto que a família Odebrecht tornou-se pioneira na área, dedicando-se à exploração de madeira. Rodolpho Odebrecht, filho do desbravador, fundou a primeira fábrica de esquadrias para exportação em Rio do Sul, além de desenvolver atividades industriais ligadas a área agrícola na região de Taió, à 60 km de Rio do Sul no Alto Vale do Itajaí.

A nova sociedade, que passou a chamar-se Sociedade Madeireira Rio do Sul Ltda., cumpriu etapas não muito diversas daquelas que exigiram a instalação das fábricas de tecido. Dispondo de meios financeiros, reorganizou-se a Sociedade Madeireira, a qual assumiu também a seção que a Fábrica Renaux mantinha em Blumenau. O projeto dessa Sociedade ficou a cargo de Raiman & Cia²¹.

Mão-de-obra experiente havia suficiente no ramo, constituída por alemães estabelecidos em Rio do Sul e Jaraguá. Foi o caso dos gerentes técnicos Bredemeier, Fitzer e Purnhagen. A firma comprara grandes reservas de madeira; cerca de 12.000 ha de terras nas cercanias de Rio do Sul, com serrarias montadas em Taió e Dona Matilde, ocupando, o conjunto, cerca de 750 operários. Sua produção era de

²¹ Raiman & Cia. Filial de empresa alemã em São Paulo.

compensados e esquadrias: a matéria-prima básica, o cedro. O maior mercado consumidor para as madeiras eram as praças do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo seu principal concorrente a Cia. Gropp, em Mosquito, Rio do Sul.

Em Itajaí, o estaleiro da Madeireira Rio do Sul encarregou-se da construção de navios para o duplo transporte, de madeira e tecidos. Dispunha o grupo de algumas embarcações, como uma escuna "Roland", adquirida na Alemanha e avariada em sua primeira viagem ao Brasil, nas costas do Espírito Santo, em 1935, e outras menores, a Ângela, Otto e Triunfo; as duas últimas construídas no estaleiro de Itajaí. Nos anos da Segunda Guerra acelerou-se o consumo da madeira e começaram a esgotar-se as reservas. O plano de garantir continuidade à empresa foi dar início à produção de aglomerado, capaz de aproveitar qualquer tipo de madeira, por não exigir qualidade. Obteve-se patente para exploração do ramo, adquiriu-se maquinaria da Alemanha e providenciaram-se estudos técnicos realizados em fábrica alemã. O início da guerra paralisou, contudo, todos os compromissos de fornecimento de máquinas daquele país para o exterior. Frustrado o projeto e limitadas as reservas de madeira próximas, Otto Renaux retirou-se do ramo, passando parte do negócio ao filho, Roland, que fundou nova sociedade, de porte menor. O fornecimento de madeira foi garantido por mais 25 anos, tempo que perdurou a atividade da

nova sociedade. Para esse fim foram anexadas reservas florestais no limite das terras entre Blumenau e Brusque, encerrando as nascentes do Garcia, ribeirão em cujas margens nascera a Colônia Blumenau.

A zona madeireira em Santa Catarina transferiu-se do Alto Vale do Itajaí (onde fica a cidade de Taió), para Lages, onde se procedeu ao reflorestamento, através da plantação de *Pinus elliotti* e *Pinus taeda* da alta produtividade na região, em metro cúbico por hectare. O grupo Hering se interessara pela exploração da madeira, criando uma fábrica de papel, com manufaturas em Itajaí e em Lages; esta, absorvida por grupo americano que se instalou no planalto.

O vale e o alto vale do Itajaí

A bacia hidrográfica do vale do Itajaí, em Santa Catarina, ocupa uma área de 15.000 quilômetros quadrados de extensão e se situa nas regiões do planalto e litoral entre os paralelos 65°25'30" sul e os meridianos 48°37'20" e 50°21'50" oeste de Greenwich. Divide-se em duas regiões distintas: a do planalto e a do litoral. No planalto, os rios Itajaí d'Oeste e Itajaí do Sul se encontram, na altura do município de Rio do Sul (à 60 km de Taió), formando o rio Itajaí-Açu, o maior da bacia

Atlântica do Estado de Santa Catarina. Cerca de 90% da área da bacia do Itajaí é de terrenos acidentados e essa topografia influiu desfavoravelmente no desenvolvimento da agricultura na região. Apesar de localizado numa zona temperada, o vale apresenta um clima chuvoso e quente no verão, com muita precipitação, o que ocasiona enchentes periódicas - um dos grandes obstáculos da colonização. "Da mesma forma que todo o litoral de Santa Catarina, a bacia do Itajaí está sujeita a invasões de massas de ar polar, quando se produzem as precipitações orográficas de grande importância para a região. O relevo, com elevadas serras agudas no sentido leste-oeste, que dominam as pequenas elevações junto à costa e os altos planaltos tabulares a oeste, é propício às chuvas orográficas... Este fenômeno é responsável pelas enchentes que tais chuvas acarretam, dada a impossibilidade de o rio dar vazão rápida à massa d'água que cai sobre a região"²². A temperatura média da região no verão é de 24,5°C e no inverno 15,6°C, sendo os meses mais quentes os de janeiro e fevereiro e os mais frios julho e agosto.

As terras mais próximas ao vale do Itajaí permaneceram inabitadas até 1897, quando se deu início ao povoamento da região de Porto Belo, situada a uns 20 quilômetros da foz do

²² PELUSO, 1950, p. 116

rio Itajaí-Açu. Este povoamento começou com cerca de 100 colonos procedentes dos Açores, que permaneceram próximo ao litoral, dedicando-se às atividades de pesca e a uma lavoura muito pobre. As tentativas de penetração para o interior se frustraram em virtude das dificuldades impostas pelos contrafortes da Serra do Mar. A bacia do Itajaí passou a entrar nos planos de colonização do governo como meio mais provável de ligação entre o litoral e o planalto.



Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento e Fazenda, 1993

Figura 2. Divisão Municipal de Santa Catarina

O alto vale do Itajaí (onde localiza-se, dentre outros, o município de Taió), teve o seu início de desenvolvimento no município de Rio do Sul (distante 60 km de Taió) entre a confluência do Rio do Sul com o Rio do Oeste. Os modos de locomoção nesta região já foram os mais variados. Muitos foram os casos de viagem á pé até a estação de Morro Pelado, da extinta Estrada de Ferro Santa Catarina, uns três mil metros abaixo da confluência com o Ribeirão Subida. No dia seguinte se tomava o trem. Cavalo de montaria era o modo mais comum de viajar, ainda na década de trinta. A bicicleta, assim como a motocicleta não tinham vez. Entre Riachuelo, na região de Rio do Sul, e Taió a canoa era forte concorrente da carroça, no transporte de cargas e passageiros. A Casa Odebrecht (em Rio do Sul) mantinha uma, feita dum tronco de árvore e movido a motor de popa, que podia transportar uma tonelada. Em épocas chuvosas, quando o aumento das águas dos rios fazia desaparecer os pequenos desníveis existentes entre Riachuelo e Taió, este meio de transporte e locomoção era o ideal. As estradas e picadas eram geralmente intransitáveis quando chovia.

Com o nível apropriado das águas, usavam-se os rios para transportar também a madeira bruta. Viam-se balsas de muitas dezenas de toras que a correnteza levava para as serrarias de Bella Alliança em Rio do Sul. As toras eram ligadas por

travessas e para os balseiros guiarem o conjunto, este possuía lemes nas duas extremidades.

Durante 62 anos as Estradas de Ferro serviram ao vale do Itajaí em Santa Catarina. Começaram a ser construída em 2 de dezembro de 1906. O primeiro trem, saindo de Blumenau, chegou até Hansa, na confluência do Rio Hercílio com o Itajaí-Açu, em 1º de dezembro de 1909. Assim esta ferrovia atendia indiretamente também a todo o Alto Vale do Itajaí. Sendo inicialmente um empreendimento privado, passou, em 6 de janeiro de 1918, a ser propriedade do Governo Brasileiro.

No tempo mais recente, especialmente depois da I Guerra Mundial, vieram muitos imigrantes da Alemanha para o sul do Brasil, chegando no Alto Vale do Itajaí. Esta guerra com seus perigos, suas privações, seus anos de fome, a seguinte inflação galopante e o desemprego fez com que muitos se desgostassem de sua Pátria²³.

²³ Os imigrantes alemães depois da I Guerra Mundial no Alto Vale do Itajaí: ler obra: GRIMM, Dieter Erhard. Agrolândia - nossa terra nossa gente, 1991.

O município de Taió

Diz a tradição que as primeiras explorações feitas nas matas virgens desta rica zona, tiveram início em 1911, quando o território de que se compõe o Município de Taió²⁴ era habitado apenas por índios.

Entretanto, somente em 1911 foi aberta uma clareira, no lugar onde, hoje²⁵, fica a cidade de Taió. Ali foi construída a primeira roça, pelo colono e desbravador Eugênio Grescmuehl, que, no entanto, não permaneceu definitivamente em Taió.

Os primeiros colonos que fixaram residência, foram Albrecht, Kindel e os irmãos Wachholz, estes ainda vivos em 1958.

²⁴ O município de Taió; os dados que seguem são do período de 1959. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.

²⁵ hoje: refere-se à 1959.

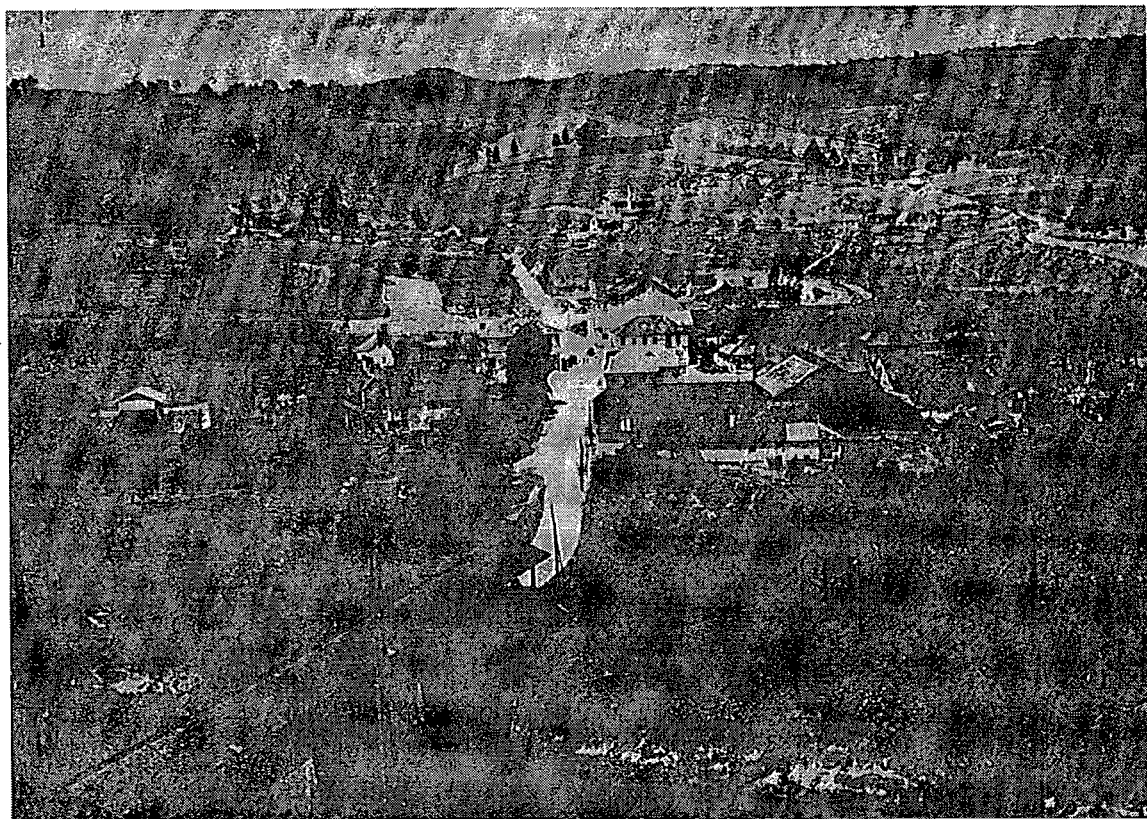


Figura 3. Vista da cidade de Taió, 1959.

Em 1917, começaram a afluir as primeiras correntes imigratórias, que aumentaram, em 1918, com a abertura de uma estrada de rodagem ligando o núcleo ao então distrito de Rio do Sul. Antes, a única via de comunicação ligando aquelas povoações era o rio Itajaí do Oeste, navegável, normalmente, apenas por canoas, em virtude de um pequeno salto e numerosos razos existentes. Na época das cheias, era possível o uso de pequenas lanchas, cuja capacidade não excedia a 5 toneladas.

Concluída a estrada, o transporte passou a ser feito por carroças, tiradas a cavalo, num percurso de 60 quilômetros.

A colonização de Taió, foi incentivada grandemente pela

Companhia Selinger, cujo chefe era o coronel Pedro Cristiano Federsen, e por Luiz Bertoli Senior, que colonizou a margem esquerda do rio Itajaí do Oeste, com todos os afluentes: ribeirão do Salto, ribeirão Grande, Ribeirão das Pedras, Rio do Campo e seus tributários.

Em 1927, Taió foi elevado à categoria de distrito do Município de Blumenau. A instalação do distrito se deu a 7 de setembro de 1929, estando presente Sua Excelência o Dr. Adolfo Konder, na época, Governador do Estado de Santa Catarina.

Em 1930, foram criados o Município e a Comarca de Rio do Sul, passando, então, o distrito de Taió a fazer parte dessa nova unidade administrativa e judiciária.

Em 1948, Taió foi elevado à categoria de Município, tendo ocorrido a instalação, a 12 de fevereiro de 1949. O Distrito de Taió, foi criado pela Lei nº 213, de 26 de março de 1927, do Município de Blumenau, sendo instalado a 7 de setembro de 1929. Pela Lei nº 247, de 30 de dezembro de 1948, foi criado o Município, ocorrendo sua instalação a 12 de fevereiro de 1949. O município de Taió, pertence nesse período à Comarca de Rio do Sul.

O seu quadro administrativo, em 1º de março de 1958, era o seguinte:

- Município: Taió.

- Distritos componentes: Taió (sede), Ribeirão Grande e Rio do Campo.

A atual legislatura teve início em 1954, tendo sido eleito Prefeito. O Sr. Walter Schmitz, e constituída a Câmara Municipal de 7 vereadores.

Taió se localiza na zona fisiográfica da bacia do Itajaí. A cidade fica às margens do rio Itajaí do Oeste, e dista, em linha reta, 152 km da Capital do Estado, possuindo, ainda, as seguintes coordenadas geográficas: 27°06'53" de latitude sul e 49°59'39" de longitude. A altitude é de 360 metros na sede municipal, sendo o 41º lugar em ordem crescente de altitude no Estado de Santa Catarina. O clima em geral é quente e úmido. No verão, a temperatura se eleva, muitas vezes, a 34°C e mais; no inverno, cai, aproximadamente, a 10°C. As chuvas predominam no verão com fortes trovoadas, variando as precipitações anuais, entre 1400 e 2000 mm. A área do Município é de 1643 km², figurando em 14º. Lugar, em relação às áreas das demais comunas.

O Rio Itajaí do Oeste, não navegável, rio Taió, afluente do Itajaí do Oeste, Ribeirão Grande, Rio do Campo e Ribeirão do Salto.

O Morro do Funil, ponto culminante do Município, com 1500 metros de altura. Morro do Taiózinho, com 1000 metros de

altura, aproximadamente. No tocante a saltos, podem ser citados: salto do Seminário, com altura de 35 metros, aproximadamente, aproveitado; salto Heidrich, com 25 metros de altura, inaproveitado; salto Raom, com 60 metros de altura, inaproveitado; salto do Bugio e do Rio do Campo, ambos com 18 metros de altura, inaproveitados²⁶.

As principais riquezas naturais desse período eram as de origem mineral: barro para olaria, areia e pedras para construção; de origem vegetal: canela, cedro, peroba, pinho, sassafrás e madeira para lenha; de origem animal: caititus, veados, cotias, pacas, cascudos, traíras, carpas e mandins, mel e cera de abelha.

A população de Taió, segundo o Recenseamento Geral de 1950, era de 17844 habitantes e tinha a seguinte composição: homens 9990, mulheres 8754; brancos 17338; pardos 110; pretos 338, e 58 não declararam a cor²⁷. Nesse período existiam 184 estrangeiros e 30 brasileiros naturalizados. Em religião predominaram os que se declararam católicos romanos, em número de 14992; as outras religiões possuem adeptos em pequena escala. A densidade era de 10,8 habitantes por quilômetro quadrado, ocupando o 56º lugar no Estado.

Os dados referentes a aglomerações urbanas, atividades

²⁶ Inaproveitados: nome dado aos rios não navegáveis.

econômicas, comércio, bancos, meios de transporte, comunicações, aspectos urbanos, assistência médico-sanitária, alfabetização, aspectos culturais, finanças públicas, particularidades, monumentos, manifestações religiosas, folclóricas e aspectos ligados ao nome de Taió no período de 1959, podem ser consultados na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros editada em 1959.

Os dados citados anteriormente referem-se ao período que vai até 1959, os que seguem são dados atualizados reportando a pesquisadores locais²⁸.

No início do século, inúmeras famílias dos campos de Lages, inconformadas ou perseguidas pela Guerra do Contestado, resolveram mudar para novas terras. Assim, Ramiro Goetten se estabeleceu em Pinhalzinho²⁹. Juvêncio Alves de Jesus em Barra Grande, os irmãos Rauen em Laranjeiras e a família Custódio na localidade de Paleta³⁰.

Em 1916, Eugênio Grewsmuller fez a primeira derrubada, onde hoje é a sede da cidade, mas foi em 1917 que a ocupação das terras de fato ocorreu, com a chegada de inúmeros descendentes de Alemães. Em 1920, Luiz Bertoli Senior, terminava a ligação rodoviária entre Taió e Bela Aliança, hoje Rio do Sul, por

²⁷ Cor: segundo o dicionário Aurélio: de cor diz-se das pessoas de pele naturalmente escura.

²⁸ Prefeitura de Taió, IBGE e arquivo particular de Fiorelo Zanella.

²⁹ Pinhalzinho: hoje pertence ao município recém criado de Mirim Doce.

onde um ano mais tarde guiou os primeiros descendentes de Italianos até o local. A partir de então, várias correntes migratórias fluíram ao local, dada a boa qualidade das terras e madeira que havia em abundância.

Há várias versões para a toponímia de Taió, que na língua indígena significa Pedra Grande ou Morro Grande - talvez em alusão ao Morro Funil, o 2º maior do Estado com 1.555 metros, que outrora pertencia ao Município. Uma Segunda corrente alega que Taió provém do Taiá - uma comida típica dos índios que hoje ainda é apreciada pela população.

Em 07 de setembro de 1929, Taió passou a Distrito de São Francisco do Sul, pertencendo mais tarde a Itajaí, Blumenau e Rio do Sul. Em 30 de dezembro de 1948 foi elevado a categoria de município com terras desmembradas de Rio do Sul, cuja instalação ocorreu em 12 de fevereiro de 1949. Em 27 de dezembro de 1959, passou a sede de Comarca, abrangendo os municípios de Salete, Rio do Campo e Mirim Doce - este último, desmembrado de Taió em 26 de setembro de 1991.

Taió possui 661,5 km², com uma altitude de 346m, incorporada ao Alto Vale do Itajaí, uma microregião situada na área central do Estado de Santa Catarina, que congrega 27 municípios de características homogêneas, que a classificam

³⁰ Prof. Mestre: Fiorelo Zanella. Pesquisador da colonização alemã e italiana na região do Alto

como o Vale Europeu no Brasil.

Localizada a uma latitude de 27°06'53" sul e 49°59'53" de longitude oeste, tem um clima mesotérmico úmido - sem estação seca, com uma temperatura média de 18°C e umidade relativa do ar em torno de 81%.

O relevo é constituído de superfícies planas, onduladas e montanhosas, com fertilidade apta para agricultura, na grande maioria.

Possui uma vasta bacia hidrográfica, captada pelo Rio Itajaí do Oeste, que integra o Rio Itajaí-Açu. Limita-se ao Norte com os municípios de Salete, Rio do Campo, Witmarsum e Dona Ema, ao Sul com Mirim Doce e Pouso Redondo, a Leste com Rio do Oeste e a Oeste com Santa Cecília.

A cidade de Taió possui uma excelente taxa de urbanização, considerando suas características sócio econômicas. Está perfeitamente integrada às necessidades da zona rural, com 733,5 km de vias públicas, e equipamentos de infra-estrutura, vitais ao desenvolvimento integrado.

Taió possui 15.997 habitantes - segundo o último censo, cuja força de trabalho é composta por 48% da população. A sociedade está organizada em 8 Partidos Políticos, o que reflete o alto índice de eleitores, 74% da população. O atual

prefeito é o Sr. Horst Purnhagen³¹ PMDB que sucedeu o prefeito Lino João Dell'Antonio PPB.

A densidade demográfica é de 25 habitantes por km², sem mobilidade ocupacional - verificada nos últimos censos, assim distribuída: Zona Rural 9.698 e Zona Urbana 6780 pessoas.

O município conta com um hospital equipado e inúmeros órgãos de apoio que não só atendem a população municipal, mas também a dos municípios vizinhos.

O setor primário é o que mais contribui para a produção econômica do município, com uma participação de 42%. Está organizado em 46 núcleos de produção, ocupando 48% da população economicamente ativa, ou mais precisamente 2.743 famílias, que são representadas por uma Secretária Municipal, um Sindicato Patronal, um Sindicato de Trabalhadores, uma Cooperativa, cinco Associações de Agricultores, uma Associação de Apicultores, uma Associação de Produtores de Hortifrutigranjeiros, uma Associação de Criadores de Gado e suporte técnico dos escritórios da ACARES e EPAGRI.

Toda a escoação da produção é feita por via rodoviária, em qualquer condição atmosférica, sendo comercializados anualmente em média:

³¹ Horst Purnhagen: atual prefeito de Taió e proprietário da empresa INDUMA.

- 12.6000 toneladas de arroz;
- 8.000 toneladas de aves;
- 100 toneladas de casulos de seda
- 1.000 toneladas de feijão;
- 3.600 toneladas de fumo em folhas;
- 22.000 cabeças de gado de corte;
- 480.000 litros de leite;
- 45.000 toneladas de mandioca;
- 14 toneladas de mel de abelha
- 9.000 toneladas de milho;
- 180 toneladas de suínos.

O setor Secundário participa com 35% no conjunto global da economia municipal, ocupando 37% da população economicamente ativa, absorvidas por 53 empresas de diversos ramos de produção, organizados em uma Associação Comercial e Industrial, que visa o aperfeiçoamento empresarial local.

O setor terciário absorve 15% da população economicamente ativa, contando com mais de 250 estabelecimentos comerciais e 115 Prestadores de Serviço, devidamente "organizados" em um Clube de Diretores Logistas - CDL.

O poder político é dividido em ciclos, que vão desde 1949 até o presente momento, dominado por famílias tradicionais do município de Taió, seguindo a seguinte cronologia:

Prefeitos e vice-prefeitos³²:

- 12/02/49 a 01/10/49 - Bertoldo Jacobsen. (PSD)
- 01/10/49 a 01/10/54 - Alfredo Cordeiro.(PSD)
- 01/10/54 a 01/10/59 - Walter Schmitz.(UDN)
- 01/10/59 a 30/09/64 - Ingo Hosang.(UDN)
- 01/10/64 a 05/02/66 - Moacir Bertoli.(PSD)
- 05/02/66 a 31/01/70 - Hercílio Anderle.(ARENA)
- 31/01/70 a 31/01/73 - Moacir Bertoli/Vice: August H. Purnhagen.(ARENA)
- 31/01/73 a 01/02/77 - August H. Purnhagen/Vice: Valmor Heidrich.(ARENA)
- 01/02/77 a 01/02/83 - Harry L. Gomes/Vice: Avelino Pasqual.(ARENA)
- 01/02/83 a 01/01/89 - João Machado da Silva/Vice: Lino João Dell'Antonio.(PDS)
- 01/01/89 a 01/01/93 - Ademar Dalfovo/Vice: Moacir Oenning. (PMDB)
- 01/01/93 a 01/01/97 - Nelson G. De Lima/Vice: Armando Hosang.(PPB)
- 01/01/97 a 28/05/99 - Erna Heidrich/Vice: Lino João Dell'Antonio.(PPB)
- 28/05/99 a 31/12/2000 - Lino João Dell'Antonio.(PPB)
- 01/01/2001 A 31/12/2004 - Horst Purnhagen (PMDB)

³² Fonte: Câmara de Vereadores de Taió. Até a 6ª legislatura não existia Vice-Prefeito, até a 7ª legislatura eram sete vereadores, na 8ª legislatura foram nove vereadores e a partir da 9ª

legislatura passou a ser onze vereadores. Os partidos políticos a que pertenciam os vereadores encontra-se no Capítulo III.

CAPÍTULO II

**AS COLONIZADORAS E AS INDÚSTRIAS DE MADEIRA: DO
VALE DO ITAJAÍ AO ALTO VALE**

AS COLONIZADORAS E AS INDÚSTRIAS DE MADEIRA: DO VALE DO ITAJAÍ AO ALTO VALE

A indústria no Alto Vale do Itajaí teve seu desenvolvimento, graças à abertura de vias de comunicação e ao fornecimento de energia. Em 1923 foi concluída a rodovia Itajaí-Blumenau-Lages (290 km); a estrada de ferro ligando Blumenau a Hansa-Hammonia, iniciada em 1907, acabaria por chegar ao alto da serra, em Rio do Sul, na década de 30, complementando a interligação da hinterlândia de Blumenau. Para a indústria, a conclusão dessas vias, ao longo das quais se processou o povoamento com elementos da colônia mais antigas e com imigrantes alemães e italianos, representou novo mercado, e para a lavoura nova tentativa de exploração de sua potencialidade³³.

³³ HERING, Luiza Renaux Hering. Colonização e Indústria no Vale do Itajaí - O Modelo Catarinense de Desenvolvimento. Blumenau, FURB, 1987.

O desenvolvimento industrial da região de Taió confunde-se com a chegada da família Purnhagen a Taió. Em entrevista concedida pelo Sr. Horst Purnhagen, sobre a saga de sua família, relatando que houve um período (início do século XX), em que seu pai estava hospitalizado, levou um tiro de canhão na coxa, ficou com a perna 10 cm mais curta. Dentre todas as dificuldades continuavam vivendo ainda de sopa, passarinho e nabo de cavalo. Quando completou 18 anos, "meu pai já tinha aprendido a profissão de carpinteiro, além de ter o ginásio, então resolveu pegar o navio para o Brasil, juntamente com um conhecido. Chegou no Brasil com uma moeda de um marco e uma caixa de ferramenta de carpinteiro. Chegou no Rio de Janeiro, ficou no departamento de imigração; na primeira noite levaram a caixa de ferramenta. Na triagem no Rio de Janeiro era examinado a mão de cada pessoa. Quem tinha calo era mandado para a plantação de café no Espírito Santo e em São Paulo. Meu pai, nesse período conheceu uma pessoa que vivia em Jaraguá do Sul SC e em Blumenau SC, teve boas referências dessas localidades, então resolveu ir para Jaraguá do Sul SC. Em Jaraguá do Sul, através de conhecidos, encontrou uma pessoa que tinha uma construtora Alemã com sede na Argentina, que fazia pontes, barragens na Argentina e no Brasil. A partir desse momento meu pai foi trabalhar na Argentina, Brasil,

Uruguai, passava um mês, dois meses fora. Nesse período arrumou dinheiro para trazer toda a família para o Brasil, mais ou menos em 1925. Meu pai era o filho mais velho, durante o período que ele estava no Brasil e a sua família na Alemanha, ele mandava dinheiro para o seu pai, porque eles não tinham como sobreviver. A sua família compunha-se de mais seis pessoas, conseguiu trazer todos, para uma casa em Jaraguá do Sul. Meu pai continuou as viagens, passaram a morar definitivamente em Jaraguá do Sul, meu pai ficou como um tutor da família".

O pai do Sr. Horst (Sr. Hermann Hindrich Purnhagen), conheceu a sua mãe (Sra. Erna Ruth Hübner) e casaram-se mais ou menos em 1931 ou 1932. Casaram-se e vieram morar em Jaraguá do Sul. Nesse período o Sr. Hermann começou um empreendimento sozinho. Esse empreendimento era uma área de Indústria de Madeira, faziam portas e janelas. Com o passar do tempo passaram a fabricar compensados de madeira.

No início em Jaraguá e região não havia dinheiro em circulação, então faziam seus negócios na base de troca (escambo). O dinheiro para ampliar os seus empreendimentos vinha das economias e das trocas. "Meu pai além de tocar essa Indústria, tinha então uma lagoa que tinha peixe a vontade, vacas, para a produção de leite, carne, etc. Em Jaraguá do Sul nasceram Günther, Carlos Heins, Horst (entrevistado), Germano

Emilio e Gerald, os três primeiro em Jaraguá do Sul. Com o intuito de ampliar os seus negócios, meu pai veio para Rio do Sul, eu (Sr. Horst Purnhagen) tinha 20 dias, viemos com toda a família".

Em Jaraguá do Sul o Sr. Hermann já tinha uma marcenaria (portas, janelas, etc.), veio para Rio do Sul tocar a antiga madeireira RIO-SUL, que era de Otto Renoux, primo do cônsul da época, possuía as tecelagens em Brusque e madeireiras. Na época essa Madeireira RIO-SUL, estava dando muito prejuízo, que anualmente chegava acima de 600 contos de réis.

"Os Renoux souberam que tinha um alemão arrojado, destemido, e então o velho Otto convenceu o meu pai a vender as suas coisas e dirigir a madeireira RIO-SUL em Rio do Sul, e foi o que ele fez. No primeiro ano já produziu um lucro de 490 contos de réis. O melhor automóvel da época custava entre 4,20 à 4.60 contos de réis. Meu pai era gerente comissionado. A partir do segundo ano, com a comissão começou a comprar ações dessa mesma empresa. Em 1942 a Madeireira RIO-SUL de Otto Renoux, vendeu para Pedro Sales, presidente do INP (Instituto Nacional do Pinheiro). Pedro Sales era preposto dos Bornhausen em Mosquitinho, localidade de Agronômica-SC. Meu pai montou outra industria em 1942 em Ribeirão Matilde, município de Atalanta-SC. Montaram a indústria junto com Otto Renoux e depois com o filho Roland Renoux (sogro de Jaison Barreto). Em

1945 foi começado uma nova industria em Rio do Sul, onde existe a INDUMA até hoje. Em 1948 foi começado uma serraria no Palmital no Ribeirão Bugiu, localidades de Taió-SC, meu pai tinha 25% das ações dessa empresa. Essa empresa no princípio, foi montada por causa exclusivamente da madeira. Em 1948 a empresa que hoje é nossa concorrente já estava instalada no município de Taió-SC, na localidade de Ribeirão da Vargem, pertencente a família Heidrich. Meu pai foi convidado a participar de sócio dessa empresa porque os sócios esbanjavam muito dinheiro, então chamaram um homem sério, que era o meu pai".

Em uma determinada ocasião o Sr. Hermann ficou muito doente e tocava a empresa no hospital, foi um período em que havia muitas perseguições aos alemães que moravam no Brasil, foi logo no pós guerra. Os alemães evangélicos vinham organizados da Alemanha enquanto que os católicos ficavam em Gaspar, região de Florianópolis, a família Koerich, etc., de Blumenau para baixo vieram os evangélicos. Em 1962, precisamente em 06 de agosto passei a tocar a empresa no Palmital, localidade de Taió-SC, a partir de 1972 a água existente na localidade passou a ser fundamental.

A entrevista concedida pelo Sr. Horst permite-nos entender como deu-se o florescimento econômico do Vale do Itajaí, no período que então se abria, a intensa atividade colonizadora

na vasta área do planalto incluída da jurisdição de Blumenau. A maioria das terras já estava medida e demarcada por colonos nacionais (das colônias do Vale) e estrangeiros (alemães e italianos), em movimento que se iniciara em fins do século XIX e início do XX. A partir de Blumenau a colonização foi executada por particulares - Emílio Odebrecht e Otto Wille, Victor Gaethner, Gottlieb Reiff, Luis Bertoli³⁴-, além de empresas como a Companhia Colonizadora Hanseática e o Sindicato Agrícola de Blumenau. A colonização do alto Rio dos Cedros, Benedito Novo e Rio do Sul³⁵ iria encerrar o ciclo colonizador do Vale do Itajaí, "transformando-o, economicamente, na mais poderosa região de Santa Catarina"³⁶.

Essa nova região foi vendida aos descendentes de imigrantes alemães e italianos localizados, no século passado, no médio vale do rio Itajaí-Açu e no sul de Santa Catarina, inclusive aos chamados "alemães novos", recém-chegados; para interligar as terras foram construídas estradas de rodagem na área. Depois, a Estrada de Ferro Santa Catarina prolongou sua linha além da Subida, na encosta da serra, chegando até Lontras e, posteriormente, até Rio do Sul, na década de 30.

³⁴ Taiense. Colonizador.

³⁵ Próximo de Taió (distância de 60 km)

³⁶ PELLIZZETTI, Beatriz. Estudo de Caso. Curitiba, Instituto Histórico-Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1981, p.104.

"A existência da estrada de ferro próxima à Bella Alliança (Rio do Sul) desenvolveu extraordinariamente as possibilidades de madeira no distrito, trazendo aumento da população na qual contavam mais comerciantes e industriais. O crescimento da exportação dos produtos que se concentrava na vila, e dos que aí se fabricavam, aumentou-lhe o movimento"³⁷.

A descrição acima mostra a atividade de uma zona pioneira que necessariamente acabaria envolvendo todo o Vale, seja pelo deslocamento de vários desbravadores, seja pelo impulso que tomou a produção local, fazendo com que se distribuísse, ainda de certa forma harmoniosa, o peso da exploração econômica entre a agricultura e a indústria, com maior peso para a primeira. No setor agropecuário, aperfeiçoou-se a indústria de laticínios; igualmente a exploração da mandioca, do aipim e, sobretudo da madeira, assumiu o caráter industrial.

É preciso compreender, então, que não foram apenas os industriais têxteis, com a expansão de suas indústrias, os responsáveis pelo novo surto de progresso que atingiu o Vale do Itajaí a partir de 1914. Tampouco os imigrantes mais recentes os únicos a criarem novas atividades; os mais antigos continuaram a participar, ativamente, no aprimoramento das frentes econômicas por eles anteriormente abertas. E deve

³⁷ Victor Jr. Rio do Sul. Florianópolis, Departamento Estadual de Estatística, 1942.

salientar-se ainda que, entre esses elementos tradicionais, assim chamados no sentido de terem sido os primeiros a se estabelecer na região e se dedicar a exploração das riquezas naturais, todas as tentativas foram feitas para se aproveitarem os recursos do Vale, na esperança, tantas vezes frustrada por clima e solo, de se alcançar de forma vantajosa o seu total florescimento.

No período entre as duas guerras européias, em toda a hinterlândia de Blumenau se desenvolveu a indústria de alimentos. Em Rodeio e Ascurra os colonos italianos plantaram arroz, sob a liderança comunitária de Ermembergo Pellizzetti, beneficiado por Lorenz, em Timbó, e Feddersen, em Blumenau. A produção de laticínios se aperfeiçoou, surgindo leiteiras em Timbó, Indaial, Ibirama, Rio do Sul, Trombudo.

A industrialização da madeira, assumiu maior importância, superando, em 1940, a produção dos têxteis no estado; a primeira participou com 20,8% da produção industrial por gênero, em Santa Catarina e os tecidos com 17,5%³⁸. No Vale do Itajaí o avanço deu-se em decorrência da exportação de pinho cerrado para os países platinos. Já existia, antes, desde os tempos coloniais, a exportação de madeira de lei serrada e também de caixas e esquadrias, para mercados nacionais, em

³⁸Ibid., 1974, p.49-50.

escala relativamente pequena, mas a maior produção supria, unicamente, o mercado local.

Ao beneficiamento de madeira em Blumenau está ligado ao nome da família Odebrecht. Seu patriarca, Emílio Odebrecht, encarregado pelo doutor Blumenau da medição e distribuição dos lotes coloniais, foi um dos primeiros imigrantes a estabelecer-se no Vale do Itajaí. Em realidade, aqui estivera duas vezes; a primeira, junto com um amigo, Heinrich Kreplin, em caráter exploratório; a segunda, para ambos, engenheiros formados, estabelecerem-se definitivamente em Blumenau. Já em 1859 Odebrecht naturalizou-se brasileiro e, do seu casamento com Bertha Bichels, resultou, por sua vasta descendência, um dos mais importantes troncos familiares do Vale do Itajaí. Em 1856 Emílio abriu com seu nome a lista de voluntários para a Guerra do Paraguai, o que lhe valeu o conhecimento das fronteiras da Argentina e Uruguai; participou, depois, da elaboração dos projetos de ferrovias e linhas telegráficas para o sul do Estado. No Vale do Itajaí fez exploração e o levantamento topográfico da região, para a construção das linhas de comunicação terrestres entre Brusque e Lajes, a partir de Blumenau³⁹. Na localização do caminho para o planalto que a família Odebrecht tornou-se pioneira na área, dedicando-

³⁹ Ibid., p. 50-51.

se à exploração de madeira. Rodolpho Odebrecht, filho do desbravador, fundou a primeira fábrica de esquadrias para exportação, em Rio do Sul.

Outros empreendedores do Vale, aberta a nova frente, também subiram em direção à riqueza da serra. Entre eles, Pedro Christiano Feddersen⁴⁰, em nome da Firma Salinger & Cia. e, mais tarde, a Fábrica de Tecidos Renaux, mantendo depósito e manufatura em Blumenau. Os irmãos Hering, Mas e Curt tornaram-se sócios da firma do cunhado de ambos, Rodolpho Odebrecht que, em 1934, passou-a para as mãos de grupos brusquenses liderados por Otto Renaux, tendo como associados Guilherme Renaux, Augusto Bauer, Carlos Schlemm e Herbert Renaux; os dois últimos, representantes do grupo têxtil brusquense no Rio de Janeiro⁴¹. A nova sociedade, passou a chamar-se Sociedade Madeireira Rio do Sul Ltda⁴².

Mão de obra experiente, conforme citado no Capítulo I, havia suficiente no ramo constituída por alemães estabelecidos em Rio do Sul e Jaraguá. Foi o caso dos gerentes técnicos Bredemeier, Fritzer e Purnhagen⁴³. Os trabalhadores eram, em

⁴⁰Rua Coronel Feddersen. Nome dado a principal rua da cidade de Taió.

⁴¹Livro de ata de reuniões, 1934-1946 de Otto Renaux em Rio do Sul.

⁴²Escritura pública, traslado L. N. 84 Fls. 133. Tabelação SILVIO PELLIZZETTI, Comarca de Rio do Sul.

⁴³ Hermann Hindrich Purnhagen, pai do atual Diretor Presidente da indústria INDUMA Sr. Horst Purnhagen, atual prefeito (PMDB) da cidade de Taió, gestão 2000-2004.

parte, teuto-russos, procedentes de Hansa-Hammonia. A firma comprara grandes reservas de madeira; cerca de 12.000 ha de terras nas cercanias de Rio do Sul, com serrarias montadas em Taió e Dona Matilde, ocupando, o conjunto, cerca de 750 operários⁴⁴. Sua produção era de compensados e esquadrias; a matéria prima básica, o cedro. O maior mercado consumidor para as madeiras eram as praças do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo seu principal concorrente a Cia. Gropp, em Mosquito, Rio do Sul.

Em Itajaí, o estaleiro da Madeireira Rio do Sul, que nos referimos no capítulo anterior, encarregou-se da construção de navios para o duplo transporte, de madeiras e tecidos. Dispunha o grupo de algumas embarcações, como uma escuna, adquirida na Alemanha e avariada em sua primeira viagem ao Brasil, nas costas do Espírito Santo, em 1935, e outras menores, a Ângela, Otto e Triunfo; as duas últimas construídas no estaleiro de Itajaí. Nos anos da Segunda Guerra acelerou-se o consumo da madeira e começaram a esgotar-se as reservas. O plano de garantir continuidade à empresa foi dar início à produção de aglomerado, capaz de aproveitar qualquer tipo de madeira, por não exigir qualidade. Obteve-se patente para exploração do ramo, adquiriu-se maquinaria da Alemanha e

⁴⁴ RENAUX, Roland. Depoimento à Maria L. R. Hering, p. 201.

providenciaram-se estudos técnicos realizados em fábrica alemã. O início da guerra paralisou, contudo, todos os compromissos de fornecimento de máquinas daquele país para o exterior. Frustrado o projeto e limitadas as reservas de madeira próximas, Otto Renaux retirou-se do ramo, passando parte do negócio ao filho, Roland, que fundou nova sociedade, de porte menor. O fornecimento de madeira foi garantido por mais 25 anos, tempo que perdurou a atividade da nova sociedade. Para esse fim foram anexadas reservas florestais no limite das terras entre Blumenau e Brusque, encerrando as nascentes do Garcia, ribeirão em cujas margens nascera a Colônia Blumenau.

A zona madeireira em Santa Catarina transferiu-se do Alto Vale do Itajaí para Lages, onde se procedeu ao reflorestamento, através da plantação de pinus, citados anteriormente.

Com a decadência da madeira a família Purnhagen passou gradativamente para o ramo do papel. Em 06 de agosto de 1962, o Sr. Horst Purnhagen passa a tocar a empresa no Palmital, interior de Taió.

A Instalação das fábricas no interior de Taió

A empresa do Grupo Industrial H. H. Purnhagen⁴⁵, empresa "mater" do grupo foi fundada em 12 de abril de 1943 com o nome de Indústria e Comércio de Madeiras e Navegação Ltda., sendo seus sócios fundadores os Srs. Otto Renaux, Roland Renaux e Hermann Hinrich Purnhagen, tendo a sociedade como ramo de atividade a indústria e comércio de madeiras, bem como a navegação de cabotagem. Com o decorrer do tempo e as dificuldades sindicais dos portuários em ascendência houve por bem a administração da empresa concentrar seus esforços em cada ramo de atividade, especificamente. Para tanto, a empresa foi desdobrada em Itaqu Comércio e Navegação Ltda. e Indústria de Madeiras Ltda., cada uma com vida própria tendo como único elo os seus sócios.

A empresa Indústria de Madeiras Ltda., foi transformada em INDUMA Indústria de Madeira S/A em 26 de novembro de 1953, então com um capital social de Cr\$4,000.000,00⁴⁶. Daí para frente, a empresa continuou progredindo lentamente, como permitia a conjuntura econômica-financeira da época, tendo

⁴⁵ Grupo presidido pelo Sr. Hermann Hinrich Purnhagen, pai do Sr. Horst Purnhagen, que passou a presidir a empresa INDUMA na localidade de Alto Palmital a partir de 1962.

⁴⁶ Quatro milhões de cruzeiros.

apenas como data marcante o ano de 1960, ocasião em que verificou a transferência do controle acionário da empresa, para o Sr Hermann Hinrich Purnhagen.

A empresa continuou sendo consolidada apesar dos anos de turbulência que viriam a seguir, prestigiada pela qualidade inegável de seus produtos, desiderato que continua a nortear suas atividades até hoje.

A empresa do Grupo Heidrich⁴⁷ que instalou-se na região antes da INDUMA, teve seu primeiro negócio efetuado na região em 1918 segundo entrevista com o Sr. Evaldo Heidrich (1987). Com uma entrada e recibos parcelados para abril de 1919, setembro de 1919 e o saldo em 20 de janeiro de 1920. O total foi de Rs 91700\$000⁴⁸. A área de noventa e um milhões e setecentos mil metros quadrados. Esta área era da Fazenda São Jacob e foi adquirida de Francisco Rauen, mas estava escriturada em nome do pai, José Rauen.

Em 1926 foi adquirida de João Filipe Rauen, na Fazenda Passa Dois, por 30 contos de réis uma área tal que completou 124.000.000 m². A Família Rauen já tinha comprado a Fazenda de uma outra pessoa quando eles compraram a fazenda já estava

⁴⁷ Grupo HEIDRICH: empresa que propunha-me a pesquisar para confrontar a sua trajetória a empresa INDUMA. Não consegui acesso a essa empresa, mas consegui uma entrevista de qualidade de 1987, cedida pelo arquivo pessoal do pesquisador Prof. Mestre Fiorelo Zanella.

⁴⁸ Noventa e um contos e setecentos mil réis.

medida.

Os Heidrich começaram primeiro com a fazenda, com o fim de invernar gado. Os primeiros lotes da colonização Heidrich foram vendidos no Mirim Doce⁴⁹ em 1925. O primeiro a adquirir foi Antonio Honorato, Eugenio Bratz, João José Nunes, José Nunes, Paulo Cordeiro, a família Tambosi e outros. Na Vargem⁵⁰ os primeiros compradores adquiriram em 1926: Vicente Berri, João Vicenzi, Horacio Vicenzi, Julio Campregher, genro do velho Peiker um tal de Redke, Joaquim Sandrim, Severino Berri, Vitorio Zanella. Os lotes ficavam do Vitorio Zanella para dentro. A medição dos terrenos da Vargem foi feita em março de 1926 por um tal de Stoll. Os terrenos do Mirim foram medidos por um polaco, casado com uma Grosch. A medição judicial do Passa Dois foi feita por Gerald Gebler. A medição na Campina foi feita por Otto Lira.

A fazenda dos Rauen foi dividida na Fazenda São Jacó, para o lado de lá do Ribeirão da Vargem e a Fazenda dos Heidrich, pro lado de cá. Francisco Chagas também era proprietário de uma área de 3.609.567 m², na Fazenda Passa Dois que foi comprada por Chico Rauen para completar a área da Fazenda

⁴⁹ Mirim Doce: localidade que pertencia ao município de Taió, hoje emancipada.

⁵⁰ Vargem: localidade no interior de Taió, que chama-se oficialmente de Alto Ribeirão da Vargem, localizada a Oeste da sede do município.

Konder. A fazenda Konder primeiro era de Victor Konder e depois que ele morreu passou para sua mãe Adelaide Konder.

A família Rauen era formada pelo pai José Rauen, conhecido por Juca Rauen e os filhos Francisco (Chico Rauen), João, Louiz e as filhas Olimpia, Emilia e uma que casou com um Goetten. A primeira escola do Mirim foi construída por Bruno Heidrich, a casa de Valmor Heidrich. Depois foi passada para o atual terreno.

A indústria do Mirim iniciou a construção em 1924 a 1926 por Alois Peicker, que construiu no Salto Tayó (Mirim) um engenho de Serra e uma atafona. A indústria na praça começou em 1934. A primeira fécula em 1935. Por volta de 1926, Alois Peiker também fez as duas pontes da praça do Mirim Doce.

A administração da Indústria do Mirim era feita por Bruno Heidrich, Valmor e Evaldo. Este chegou em 1939. Na Vargem o início da construção foi o seguinte: Dia 02 de outubro de 1944, funcionou a primeira turbina que moveu o engenho de serra. Em 1945 já começou a pasta mecânica. A fabricação do papelão couro iniciou em 1954. Até 1965 a administração foi de Bruno Heidrich na Vargem. A partir daí passou para Evaldo Heidrich. A estrada do Braço da Vargem foi a maioria construída pelos colonos que adquiriram os terrenos. A parte final foi feita pela indústria HEIDRICH. Edmundo Guse fez roças no local da firma, antes de sua implantação, na década

de 1930. Bruno Heidrich, no início do século trabalhou na Fazenda São Jacó e Maria Arruda em Lages. A partir de 1904, pelos livros de Evaldo Heidrich, começou a trabalhar por conta própria, vendendo e comprando animais na maioria das cidades do vale do Itajaí e do Norte. Barreira era o imposto pago por cabeça de gado vendida. Era pago em Rio do Sul na década de 1920 e 1930, era cobrado pelo fiscal, mas na barra do Trombudo ele já era contado pelo velho Hetterich. A primeira medição da Fazenda Passa Dois foi feita em 1884 pelo Sr. Augusto Moreira. A medição da Fazenda São Jacó foi feita em 1892 por Gil Correia Viana⁵¹.

A Fazenda Heidrich e parte da Fazenda Passa Dois tinha os seguintes limites: de um lado, a Fazenda Konder com divisa com o Ribeirão da Vargem em toda a sua extensão, depois uma linha reta desde o Ribeirão da Vargem⁵², até o Rio Tayó, passando pelo Brilhante, Braço Scoz e Ribeirão da Caça, sendo que esta linha reta era feita com terras da Cia Gaertner e Salinger; do outro lado, o Rio Tayó e a outra parte extremava com a Fazenda Passa Dois, na serra.

⁵¹ Dados tirados da caderneta de Bruno Heidrich.

⁵² Terreno de Vitório Zanella.

"A empresa colonizadora de Victor Gaertner, fez contrato com o Governo em 28 de fevereiro de 1919, com o objetivo de construir a estrada que ligaria Blumenau a Curitibanos desde o Rio trombudo até a localidade de Corisco, Em Curitibanos, numa extensão de 90 quilômetros. Em troca, Victor Gaertner recebeu terras, num total de 50.001 hectares e 6.115,5 m², no Rio Itajaí do Oeste e fundos, no Ribeirão Fruteira,, no Ribeirão Toca Grande, no Rio Pombas, no Rio Amoadado, no Rio Pombinhas e fundos do Rio Itajaí do Oeste. Com sua morte estas terras foram transferidas, em 25/09/1929, pela senhora Irma Gaertner para a Companhia Salinger, sendo que, um ano antes, Luiz Bertoli havia adquirido uma gleba de 1.650 hectares. As terras do Alto Vale, colonizadas pela Companhia Salinger, foram adquiridas da viúva de Victor Gaertner, cujas áreas foram assim descritas na escritura pública de 25/09/1929. '...Terras de cultura, situadas na zona do Rio do Oeste, neste município, de ambas as margens e na estrada geral de Blumenau a Curitibanos, e confluente do Rio do Oeste, a saber: na margem direita: Ribeirão da Fruteira, Ribeirão do Angico, Ribeirão São Bernardo, Rio das Pombas, Ribeirão da Herva e fundos, de ambos os lados do Rio Tayó, Ribeirão Woelfer e Ribeirão da Paleta; e na margem esquerda: Ribeirão Laurentino e fundos, Ribeirão Café Alto, Ribeirão Moratelli, Ribeirão Pisetta, Ribeirão do Amoadado, Ribeirão do Bugio e Ribeirão Pequeno' (PIAZZA, p.614). Em 1922, a Companhia Salinger construiu uma estrada de rodagem ao longo do Rio Itajaí do Oeste, em direção a Rio do Campo, numa extensão de 53 quilômetros. Em 1932, alienou grandes áreas de terras que havia adquirido de Victor Gaertner a Victor Weege, no Alto Ribeirão Café; a Cilly Lischke, no Ribeirão Moratelli; a Arno Weege, no Alto Ribeirão Café; e a Leopoldo Blase, também no Alto Ribeirão Café. O total deste parcelamento

de terras foi de 12.089.765 m². De 1934 a 1938, construiu a estrada do Ribeirão Pequeno, no Ribeirão do Ouro, na cabeça da Anta, no Ribeirão Fruteira, da Cabeça da Anta até Hamônia (10 km), e do Ribeirão Sumidor até Pouso Redondo (10 km). A Cia. Salinger vendeu também quatro lotes a Luiz Bertoli Júnior, uma área de 5.147.150 m² a Paulo Cordeiro e outra de 1.148.200 m² a Gustavo Feddersen. Colonizou ainda as localidades de Ribeirão Pizetta, Alto Café, Ribeirão Moratelli, Ribeirão Fruteira, Ribeirão Grande, Ribeirão Welfer e fundos e a linha fundos Taió e Ribeirão Paleta. Além da colonização, a empresa desenvolveu outras ações que colaboraram com o desenvolvimento colonizador do Alto Vale: uma delas foi a de idealizar a construção da estrada de ferro que ligaria o Porto do Itajaí ao Planalto Catarinense, aproveitando o traçado elaborado por Emílio Odebrecht, cuja execução ocorreu somente até Barra do Trombudo. A outra ação decisiva foi a instalação da Usina do Salto, que entrou em funcionamento em 1915 e começou a fornecer, nos anos seguintes, energia às cidades de Blumenau, Gaspar, Itajaí, Tijucas, Brusque, Indaial, Warnow, Timbó, Rodeio, Ibirama, Rio do Sul e outras. A "Empresa de Eletricidade Salto" tinha como sócios o idealizador Pedro Christiano Feddersen, Gustav Salinger, Paulo Zimmermann e Carlos Jensen" (CRISTOFOLINI, 2000, p. 116-117).

Os Heidrich, principalmente Bruno Heidrich sentiu a necessidade de fazer loteamentos rurais para serem vendidos aos colonos. Foram os seguintes os loteamentos realizados:

- 1º Ribeirão da Vargem, junto ao rio Brilhante, com 14 lotes.

- 2º Braço Scoz e Caça, com 43 lotes.
- 3º Mirinzinho, perto do Salto, com 21 lotes.
- 4º Praça do Mirim com 21 lotes.
- 5º Arroio do Paiol, também conhecido como Arroio da Mangueira Velha, junto à estrada da Campinas, 27 lotes.

José Rauen morava antes em Ponte Alta do Norte, no lugar Ribeirão das Pedras, onde sempre manteve a sede. Depois adquiriu a fazenda São Jacó. No entanto, mais tarde foram vendendo a mesma e voltaram para Ribeirão das Pedras, onde todos eles morreram. Lá era a sede da família.

Segundo estudos realizados pelo pesquisador e historiador Fiorelo Zanella sobre as Companhias Colonizadoras dentro do grande tema da COLONIZAÇÃO ITALIANA NO ALTO VALE DO ITAJAÍ, " a instalação da República no Brasil, deu um maior incentivo à colonização oficial, com a criação de várias colônias nacionais. Alguns núcleos colonizadores, no século XIX, lograram muito êxito, outros no entanto não tiveram a mesma sorte.

Portanto, no século XX, com uma política de distribuição de terras mais bem planejada, os núcleos de colonização disseminaram-se por todo o território catarinense.

No Alto Vale do Itajaí, segundo Arthur Koehler, 'os

descendentes dos velhos colonos europeus se tornaram, na quase absoluta maioria, os melhores e mais valiosos pioneiros (D'ÁMARAL, p.52).

O superintendente Paulo Zimmermann foi quem mandou iniciar o desbravamento da região do Alto Vale, cujo trabalho passou a ser realizado pelas colonizadoras, que exerceram papel primordial no movimento migratório. Essa iniciativa de colonização deve-se muito ao engenheiro Emílio Odebrecht⁵³, que fez explorações na região do Alto Vale com o intuito de abrir um caminho que ligasse Blumenau a Curitibanos e cujo relatório ele entregou à administração de Blumenau e serviu de ajuda às colonizadoras.

A indústria INDUMA nesse contexto de colonização adquiriu as suas terras na região de Alto Palmital localizada à Leste da sede.

⁵³ Engenheiro: eu em fevereiro de 1863, torna-se o primeiro homem branco, a romper as selvas do Alto Vale do Itajaí.

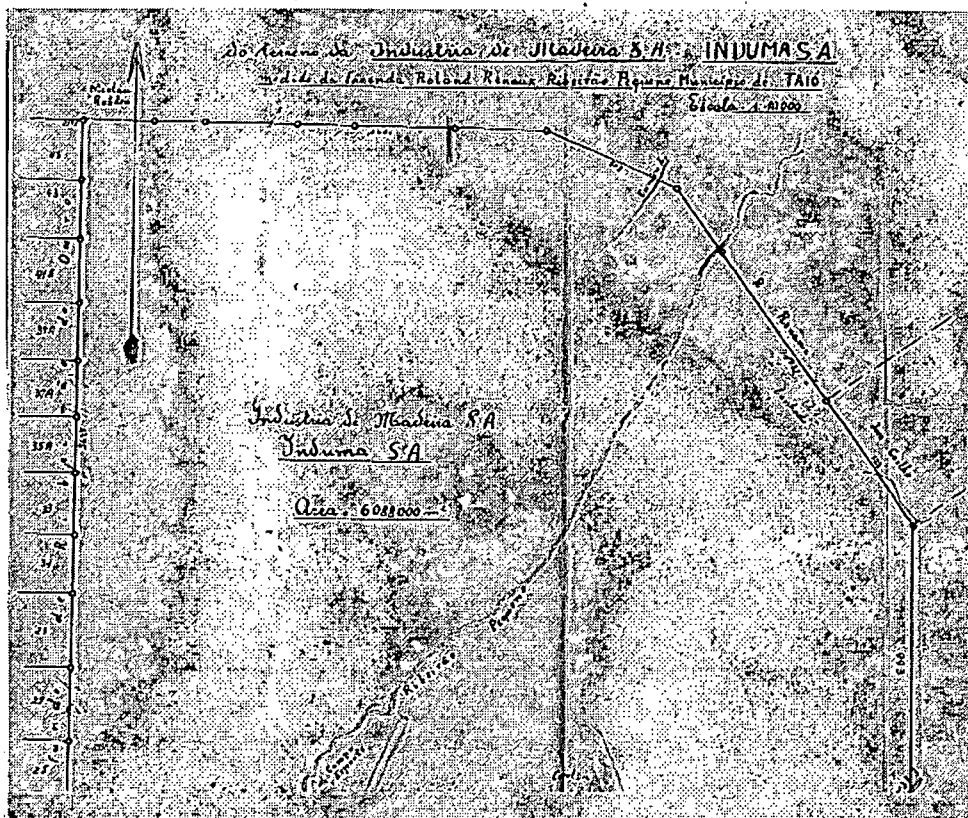


Figura 4. Mapa do terreno da Indústria de Madeira INDUMA S.A.

A INDUMA, Indústria de Madeiras Ltda., é uma das maiores arrecadadoras de impostos do município, possui um quadro de funcionários que oscila de 102 à 120 empregos⁵⁴ diretos e mais de 500 indiretos. Na localidade de Alto Palmital é mantida uma Associação para os funcionários, onde na sua sede social são promovidos, bailes, torneiros de futebol e outras atrações artísticas e culturais. Na localidade onde situa-se a INDUMA, existe um jardim de infância, uma escola, uma Cebem e uma

⁵⁴ Ver dados sobre os empregados no Capítulo III.

igreja católica⁵⁵.

A região de Alto Palmital, onde localiza-se a INDUMA, também é conhecida pelo nome de Fazenda, não foi colonizada propriamente por colonos. Sua área sempre fez parte de uma grande fazenda que, de início, pertenceu às famílias Renoux e depois Pamplona. Por volta de 1948, estas terras foram adquiridas pela família Purnhagen e montada a INDUMA. Mas, antes de iniciar as atividades da indústria, em Alto Palmital, a INDUMA já possuía indústria em Rio do Sul e no centro de Taió. A INDUMA possuía uma equipe de balseiros formados por Manoel Caetano, Lauro Caetano, Dino Ricardo e Doca Ricardo, entre outros, que levaram as toras até Rio do Sul, enquanto não havia transporte rodoviário. Muitas dessas balsas estouravam na viagem. Hoje a INDUMA possui serrafita⁵⁶ e fábrica de papelão.

Os primeiros moradores vieram logo após a colonização de Taió. No entanto, poucos dados se tem a respeito. Pelos arquivos da Colonizadora Bertoli, que realizou a colonização daquela localidade, os primeiros moradores foram Ângelo Zeferino Ramos, Manoel Salvador, João Ramos e Gonçalves Serafim, que por volta de 1943, ali se instalaram. Foram

⁵⁵ No Capítulo III, relatamos dados extraídos de pesquisa realizada por Fabiana Tambosi (aluna de graduação do curso de Administração da UNIDAVI - Campus Taió), sobre as ações sociais da INDUMA.

⁵⁶ Serrafita: pequena serraria para consumo da própria indústria.

moradores que vieram com a colonização do antigo Ribeirão Bugiu e adquiriram terrenos perto da atual comunidade de Alto Palmital.

"A Colonizadora Bertoli iniciou seus trabalhos, no alto Vale em 1992. Construiu, de 1916 a 1918, a estrada de rodagem de Barra do Trombudo até Anta Gorda. Em 23/11/1920 assinou contrato com o Estado para construir a estrada desde a barra do Rio das Pombas até Pouso Redondo⁵⁷. Em 1921 fez um novo contrato para a construção das estradas de Laurentino, Fruteira, Ribeirão Café, Toca Grande, Mosquitinho e Ribeirão Grande, num total de 46 quilômetros. Este contrato teve um aditamento para que se construísse, no lugar dos 10 km de estradas, no Ribeirão Grande, a estrada que ia do Perimbó aos Campos do Figueiredo, com 29 km. Em troca dessas construções recebeu três glebas de terras. A Gleba n.º 62, de 66.212.568 m² que ficava no vale do Rio Mosquito, nas linhas de Dona Luiza (Águas Negra), Dona Mathilde, Ribeirão da Areia, Ribeirão Strey e Ribeirão das Pedras, todas perto de Ituporanga. Esta área foi titulada, em 16/02/1925, e se situava: '...entre o travessão das terras de Paulo Zimmermann e Carlos Napoleão Poeta, compreendidas na margem esquerda do Rio do Sul, terras de Francisco Reuter, e a divisa das águas do Rio Trombudo até a Serra Geral' (PIAZZA, p. 615.). A Gleba n.º 62A, de 1.412.092 m², titulada em 30/11/1922, ficava na margem direita do Rio Itajaí do Oeste e a de n.º 62B, com 1.040.614 m², titulada em 21/01/1924, ficava na margem esquerda do mesmo rio. Em 01/03/1923 recebeu o título definitivo da área de 6.661 hectares e 2.568,5 m², cuja 'nesga de terras devolutas ficava entre as terras das concessões de Carlos Napoleão Poeta, Jensen

⁵⁷ Cidade distante de Taió à 16 km.

& Zimmermann, Francisco Reuter e Sindico Agrícola de Blumenau', nos atuais municípios de Rio do Sul, Ituporanga, Petrópolis, e Atalanta. O colonizador instalou nesta área, formada de 400 lotes, principalmente migrantes italianos, vindos de Luiz Alves e alguns de Diamante e Rodeio⁵⁸. Em 27 de março de 1924, Luiz Bertoli recebeu o título das terras, com área de 3.823.961 m², que ficavam nas nascentes do Rio das Cobras, "no planalto da Serra do Mirador' (PIAZZA, p.617). Walter F. Piazza cita, ainda, que em 1930 a Colonizadora Bertoli recebeu mais seis glebas" (CRISTOFOLINI, 2000, p. 117-118).

Outra área da colonizadora Bertoli, segundo Cristofolini (2000), foi adquirida do Estado, na margem esquerda do Rio Itajaí do Oeste, tinha 26.642 hectares e confrontava, segundo o registro n.º 20.737 de 06 de abril de 1925: 'Ao norte, com terras de Joaquim Moratelli e terras devolutas; ao sul, com terras particulares, terras de concessão Victor Gaertner, no lugar de Ribeirão Grande, lotes coloniais da margem esquerda do Rio Itajahy d'Oeste do n.º 58 a 76, e com o Rio Itajahy d'Oeste; a este, com o Rio Itajahy d'Oeste; a Oeste com terras da Companhia Colonizadora Hanseática e terras de Victor Gaertner, no lugar chamado Ribeirão Grande'.

Com aquisição desta gleba, o colonizador trouxe, a partir de 1927, grandes levadas de colonos para a região do antigo

⁵⁸ Manuscrito de Bertoli: arquivo de pesquisa.

DISTRITO DE TAYO, para qual construiu 133 km de estradas. Em 1934 começou a abrir caminho na Serra do Mirador, unindo o Caminho Pinhal até o Rio da Prata. Com a construção desta estrada começou a trazer colonos do sul do Estado e a fixá-los nas linhas que compreendiam desde o Rio Luiz⁵⁹ até o Caminho Pinhal (Dona Emma).

Em resumo, a Colonizadora Bertoli fundou e colonizou o município de Rio do Oeste, parte do município de Taió, todo o município de Salete e de Rio do Campo, parte do município de Pouso Redondo e de Laurentino, e o núcleo de Dona Luiza, do qual faziam parte as linhas de Areiado, Strey, Dona Matthilde e Ribeirão das Pedras e que atualmente pertencem aos municípios de Atalanta e Petrolândia.

Com a implantação da indústria, os primeiros moradores a residirem na vila operária foram: Bertoldo da Silva, Lindolfo Castilho, Jacó Pamplona, José da Silva, Silvério Guinter, Gregório Roberto FRANÇA, Alfredo Petersen e Ervino Petersen. Hoje a maioria dos moradores são operários da própria INDUMA.

Augusto Purnhagen foi quem montou o primeiro armazém, pertencente à própria firma, mas, mais tarde, Ângelo Zeferino Ramos também possuiu uma venda própria. João Zeferino Ramos implantou o primeiro engenho de farinha de mandioca e Manoel

⁵⁹ Localidade do interior da cidade de Salete, distante 22 km de Taió.

Silvério Correa, o primeiro engenho de açúcar. A primeira serraria e atafona foram de propriedade de Fulgêncio Correa.

Horst Purnhagen fez a doação dos terrenos para o Jardim de Infância e para a escola. O início da Escola Estadual de Alto Ribeirão Palmital foi em 01 de fevereiro de 1958 e a escola de madeira foi construída em 1962. Mas desde o início já havia uma outra casa servindo de escola. Hoje a comunidade tem uma escola de material. O terreno é de 1.500m². Os primeiros professores foram Aristides Marcos e Isolete da Silva. A Fazenda é uma atração turística, com um belo lago formado pela represa, próximo à INDUMA.



Figura 5. Vista da madeireira INDUMA Ltda.

Silvério Correa, o primeiro engenho de açúcar. A primeira serraria e atafona foram de propriedade de Fulgêncio Correa.

Horst Purnhagen fez a doação dos terrenos para o Jardim de Infância e para a escola. O início da Escola Estadual de Alto Ribeirão Palmital foi em 01 de fevereiro de 1958 e a escola de madeira foi construída em 1962. Mas desde o início já havia uma outra casa servindo de escola. Hoje a comunidade tem uma escola de material. O terreno é de 1.500m². Os primeiros professores foram Aristides Marcos e Isolete da Silva. A Fazenda é uma atração turística, com um belo lago formado pela represa, próximo à INDUMA.



Figura 5. Vista da madeireira INDUMA Ltda.

A INDUMA na sua trajetória da indústria madeireira até a produção de papelão, passou por várias organizações e constituições de sociedades até chegar ao comando do Sr. Horst Purnhagen em 1962 na localidade de Alto Palmital e escriturado essa condição em assembléia geral em 1974. Conseguimos a documentação das assembléias e escrituras públicas da empresa de 1943 à 1992, conforme segue:

- Em 1943 efetuou-se a escrituração pública de organização e constituição de sociedade por quotas de responsabilidade limitada... "Saibam quantos este público instrumento de escritura de constituição de sociedade por quotas de responsabilidade limitada virem, que aos doze dias do mês de abril do ano de mil novecentos e quarenta e três, nesta cidade do Rio do Sul, sede da Comarca do mesmo nome, Estado de Santa Catarina, em meu cartório, perante mim, escrevente juramentado e das duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas, compareceram partes entre si justas e contratadas, com outorgantes reciprocamente outorgados, a saber: Roland Renaux, brasileiro, casado, industrial... residente nesta cidade; Otto Renaux, brasileiro, casado, residente na cidade de Brusque, deste Estado, representados neste... ato por seu procurador bastante, o doutor Francisco Gottardi, advogado, brasileiro, solteiro, residente nesta cidade, nos termos, respectivamente, de uma procuração lavrada as folhas 179... do livro de

procurações número 24, deste cartório e de outra lavrada as folhas 6, do livro de procurações numero 15, do Tabelionato Alexandre Atanasio Gevaert, da cidade de Brusque..."⁶⁰.

Em 1949 lavrou-se a escritura pública⁶¹ envolvendo também Roland Renaux e Otto Reginaldo Renaux, onde as cláusulas contratuais vigorantes nesta data era a de substituir a denominação de Industrias de Madeiras e Navegação Ltda., para Industrias de Madeiras Ltda.

Em 17 de dezembro de 1953⁶², lavra-se a escritura pública onde participam Roland Renaux, Germano Purnhagen e Heinz Walter Purnhagen, substituindo a Indústria de Madeiras Ltda. para Indústria de Madeiras S.A., criando-se então a INDUMA.

"Aos trinta e um dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e setenta e quatro, às 16 horas, reuniram-se em assembléia geral extraordinária, devidamente convocada, na sede social à Rua Coelho Neto nº. 308, na cidade de Rio do Sul-SC, acionistas da "INDUMA" Industria de Madeiras S.A. representando a totalidade do capital social, conforme assinaturas e demais assentamentos legais constantes às folhas

⁶⁰ Pasta de escritura: arquivo autor. A escritura supra citada refere-se a instalação da empresa Madeireira Riosul S.A. nº 10388 p. 40, apresentado no dia 26 de junho de 1943.

⁶¹ Pasta de escritura: arquivo autor. A escritura supra citada refere-se a substituição de nomes da empresa. Livro de Notas, 142. Fls.173 à 176, apresentada em 27 de janeiro de 1949.

⁶² Diário Oficial do Estado de Santa Catarina.

13v. e 14 do livro de presença de acionistas. Por aclamação assumiu a presidência dos trabalhos o Sr. Hermann Hindrich Purnhagen, Diretor Presidente da sociedade, o qual convidou o Sr. Geraldo Roland Purnhagen, para servir de secretário, ficando assim constituída a mesma. Após haver constatado pelo livro presença de acionistas, estarem presentes acionistas portadores de numero de ações representando a totalidade do capital social, podendo assim a assembléia deliberar validamente sobre a matéria". A Assembléia Geral Extraordinária de 1974 tinha o objetivo de aumentar o capital social, alteração dos estatutos sociais e assuntos diversos de interesse da sociedade⁶³.

"Os participantes de ações sociais e também de relações sociais podem orientar-se pelas suas crenças na validade de uma ordem que lhes apresenta obrigações ou modelos de conduta e que se sustenta no costume ou na racionalidade. Ao adquirir o prestígio da legitimidade, ou seja, quando a ordem se torna válida, "aumenta a probabilidade que a ação se oriente por ela em um grau considerável"⁶⁴. As formações sociais como o estado, cooperativas, sociedades anônimas, etc., não são outra coisa que desenvolvimentos e entrelaçamentos de ações específicas de pessoas individuais, já que apenas elas podem ser sujeitos de uma ação orientada pelo seu sentido. Apesar disto, a Sociologia não pode ignorar, mesmo para seus próprios fins, aquelas estruturas sociais de natureza coletiva que são instrumentos de outras maneiras de colocar-

⁶³ Documento arquivo autor: Assembléia Geral Extraordinária realizada em 30/12/1974.

⁶⁴ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 3. ed. Brasília, DF: UNB, 1994

se diante da realidade. (...) Para a Sociologia, a realidade "estado" não se compõe necessariamente de seus elementos jurídicos, ou mais precisamente, não deriva deles. Em todo caso não existe para ela uma personalidade coletiva em ação. Quando fala do "estado", da "nação", da "sociedade anônima", da "família", de uma "corporação militar" ou de qualquer outra formação semelhante, refere-se unicamente ao desenvolvimento, numa forma determinada, da ação social de uns tantos indivíduos..".(WEBER, Economía y sociedad, p.12).

E nas ações e no sentido que o agente lhes confere que se atualiza a lógica de cada uma das esferas da vida social, e é a partir do contexto significante da ordem na qual uma ação individual está inserida que poderemos compreender seu significado.

"... a forma pela qual a honra social é distribuída dentro de uma comunidade, entre grupos típicos pertencentes a ela pode ser chamada de ordem social" (WEBER, Economía y Sociedad, p.683).

Se existe probabilidade de alguns homens considerarem válidas as normas do direito, eles estarão orientando sua conduta de acordo com a ordem jurídica. Quando, por exemplo, o sentido de uma relação social é dado pela ordem econômica, isto é, pela distribuição de serviços e de propriedade, sua referência fundamental é o mercado. Cada pessoa pode, ao mesmo

tempo, ser membro de um partido, desfrutar de um certo grau de prestígio, ter ou não uma propriedade, praticar uma religião... e da infinidade real das ações individuais é que devem extrair-se as regularidades do comportamento humano.

"Partindo do princípio geral de que só as consciências individuais são capazes de dar sentido à ação social, e que tal sentido pode ser partilhado por uma multiplicidade de indivíduos, WEBER estabeleceu conceitos referentes ao plano coletivo - classe, estamento, partido - que nos permitem entender os mecanismos diferenciados de distribuição de poder. Este pode assumir a forma de riqueza, de distinção ou do próprio poder político, num sentido mais estrito. Pessoas que têm a mesma posição econômica, no que se refere à propriedade ou não de bens ou de habilitações, encontram-se numa determinada situação de classe. Nesse contexto, as ações sociais vão ter a sua racionalidade e o seu significado definidos pelo mercado no qual os homens lutam para adquirir poder econômico" (BARBOSA, Um Toque de Clássicos, 2000, p. 113).

É nessa esfera que WEBER identifica os elementos para elaborar seu conceito de classes.

"...falamos de uma "classe" quando: 1) é comum a um certo número de pessoas um componente causal específico de suas probabilidades de existência na medida que 2) tal componente esteja representado exclusivamente por interesses lucrativos e de posse de bens 3) em condições determinadas pelo mercado (de bens ou de trabalho). (WEBER, Economía y sociedad, p.683).

Como exemplos de classes, WEBER cita os proprietários de terras ou de escravos, os industriais a que refiro-me enquadraram-se nesse perfil a exemplo das escrituras e assembléias supra citadas e das que seguem.

Em 1978⁶⁵, realizou-se Assembléia Geral Extraordinária, reunindo acionistas da INDUMA, devidamente convocados por convites expedidos a cada um dos sócios acionistas, representando a totalidade do capital social, conforme assinaturas e demais assentamentos legais constantes das folhas da ata de n.º 16v e 17. Nessa assembléia reuniram-se o Sr. Hermann Hindrich Purnhagen, Diretor Presidente. Gerald Roland Purnhagen, Diretor Administrativo-Financeiro, Carlos Heinz Walter Purnhagen, Diretor Divisão Madeira, Horst Grhard Purnhagen, Diretor Divisão de Papelão. Germano Emilio Purnhagen, Diretor Divisão Indústria Mecânica. Günther Germano Purnhagen, Diretor Divisão Serviços e Desenvolvimento, reunidos especialmente para Exposição justificativa e proposta da Diretoria, datada de 22 de janeiro de 1978, propondo a reformulação dos Estatutos Sociais e interesses da sociedade.

⁶⁵ Documento com autor: Assembléia Geral Extraordinária realizada no dia 14 de fevereiro de 1978.

É importante observar que os membros dessa sociedade fazem parte de uma classe social familiar, ligados economicamente a partir de ações sociais que são capazes de empreender, enquanto grupo. Torna-se viável a compreensão, do ponto de vista weberiano, do sentido das greves ou da constituição dos fundos de ajuda mútua entre trabalhadores, mas no nosso caso específico dá-se a associação de empresários. Nesses casos, o significado da conduta não é dado por uma referência a possíveis transformações estruturais da sociedade ou à manutenção do "status quo"... Nas duas situações, aquelas ações remetem ao modo de funcionamento do mercado, à configuração específica de interesses que nele se desenha e à maneira como os diversos agentes nele se posicionam.

Podemos então definir uma distinção entre classe e estamento. Refere-se, portanto, à existência ou não de um sentimento de pertencimento, já que as classes são apenas "bases possíveis de uma ação comunitária"⁶⁶. Os membros de grupos de status estão de acordo com a manutenção desse caráter de fechamento aos demais, isto é, de garantia de exclusividade, de privilégios ou monopólios. Participar de um estamento quer dizer, então, viver de acordo com determinadas

⁶⁶ WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. 3. ed. Brasília, DF: UNB, 1994. P. 683.

regras que diferenciam este grupo de outros. É esse sentido de distinção que orienta a conduta dos agentes que o constituem. Entre as ações comunais mais freqüentes nesse caso devem-se destacar as práticas de exclusão e afastamento dos não-membros, as quais reforçam os sentimentos de pertencimento e de distinção. Ao contrário:

"...o mercado e os processos econômicos não conhecem nenhum "sentido de pessoas". Os interesses "materiais" dominam então sobre a pessoa. Nada sabe de "honra". Ao contrário, a ordem estamental significa justamente o inverso: uma organização social de acordo com a "honra" e um modo de viver segundo as normas estamentais. Tal ordem é, pois, ameaçada em sua própria raiz quando a mera aquisição econômica e o poder puramente econômico, que revelam claramente sua origem externa, podem outorgar a mesma honra a quem os tenha conseguido, ou podem inclusive outorgar-lhes uma "honra" superior em virtude do êxito que os membros de um estamento pretendem desfrutar em virtude de seu modo de vida. Por isso os membros de toda organização estamental reagem com violência quanto mais ameaçados se sentem" (WEBER, *Economía y sociedad*, p. 691 e 692)

Mesmo que, tendencialmente, estamentos positivamente privilegiados se superponham a classes também privilegiadas, isto não ocorre sempre. Um exemplo clássico é o da aristocracia feudal européia que, embora economicamente decadente, continuava a ser socialmente valorizada em oposição aos ricos, mas pouco refinados, membros da burguesia. Uma

ilustração contemporânea desse tipo de comportamento distintivo é aquele adotado pelos freqüentadores da chamada alta sociedade em relação aos pejorativamente chamados "novos ricos", que não tiveram "berço", justamente ao contrário da família pesquisada que construiu historicamente as suas indústrias, organizados segundo as relações de produção e aquisição de bens.

Observando as escrituras públicas e as assembléias supracitadas e infracitadas, podemos entender o porquê das mudanças da empresa e a rejeição de outras. Segundo WEBER, (Índia: o brâmane e as castas, p. 460), o estamento é uma qualificação em função de honras sociais ou falta destas, sendo condicionado principalmente, bem como expresso, através de um estilo de vida específico. A honra social pode resultar diretamente de uma situação de classe sendo, na maioria das vezes, determinada pela média da situação de classe dos membros do estamento. Isso, porém, não ocorre necessariamente. A situação estamental, por sua vez, influi na situação de classe, pelo fato de que o estilo de vida exigido pelos estamentos leva-os a preferir tipos especiais de propriedade ou empresas lucrativas e rejeitar outras.

Embora reconheça na definição que se segue uma simplificação excessiva, WEBER diz: "As classes se organizam segundo as relações de produção e aquisição de bens, os

estamentos, segundo princípios de seu consumo de bens nas diversas formas específicas de sua maneira de viver"⁶⁷.

A organização que corresponde, no interior da ordem econômica, às classes e no da ordem social aos estamentos, ao nível do poder social gera os partidos, a exemplo do partido gerado em função da participação da família Purnhagen, participando sempre do poder político da cidade de Taió historicamente, ou em cargos eletivos ou nos bastidores, chegando definitivamente ao poder no ano de 2000, elegendo o Diretor Presidente da INDUMA como prefeito pelo PMDB⁶⁸. Essa ação é sempre racional: buscar influir sobre a direção de uma associação ou comunidade. O partido "é uma organização que luta especificamente pelo domínio" embora só adquira caráter político se pode lançar mão da coação física ou de sua ameaça.

"Em oposição à ação comunitária exercida pelas "classes" e pelos "estamentos"- nos quais esse caso não acontece necessariamente - a ação comunitária dos "partidos" contém sempre uma socialização, pois sempre se dirige a um fim metodicamente estabelecido, tanto se trata de um fim "objetivo"- a realização de um programa com propósitos ideais ou materiais - como de uma finalidade "pessoal"- prebendas, poder e, como consequência disso, honras para seus chefes e sequazes ou ambos de uma só vez. Portanto, só podem existir partidos dentro de comunidades de algum modo socializadas, isto é, de

⁶⁷ WEBER. *Economía y sociedad*, p.692.

⁶⁸ Ampliaremos essa discussão no Capítulo III.

comunidades que têm uma ordem racional e um "aparato" pessoal dispostos a assegurá-la, pois a finalidade dos partidos consiste precisamente em influir sobre tal "aparato" e, se possível, em ocupá-lo com seus seguidores". (WEBER, Economía y Sociedad, p. 693).

A ação quotista que a INDUMA utilizou ao longo de sua história continua alterando-se, conforme constatado em documento de 1995⁶⁹, onde reuniram-se em sua sede social, à Rua Coelho Neto, 308 na cidade de Rio do Sul, Estado de Santa Catarina, acionistas da INDUMA Indústria de Madeira S.A., no dia 21 de dezembro de 1995, onde deliberaram aprovando o Relatório da Diretoria e as Demonstrações Financeiras relativas ao exercício do ano anterior, bem como a incorporação ao Capital Social no valor de Cr\$ 2.270.028.327,57 (dois bilhões, duzentos e setenta milhões, vinte e oito mil, trezentos e vinte e sete cruzeiros e cinqüenta e sete centavos.

A empresa INDUMA sistematicamente efetuou incorporações do seu Capital Social, devido ao seu faturamento expressivo para uma cidade de 15997 habitantes. Em entrevista realizada com o Sr. Cesar Machado⁷⁰, conseguimos dados referentes ao faturamento da empresa no período de 1959 à 2000.

⁶⁹ Documento com o autor: Assembléia Geral Ordinária, registrada no Cartório Gaertner 1º Ofício de Notas. Comarca de Rio do Sul S. Catarina, em 21 de dezembro de 1995.

⁷⁰ Cesar Machado: Contador da empresa INDUMA - Industria de Madeiras S.A.

Tabela 1. Faturamento da empresa INDUMA no período de 1959 à 2000

FATURAMENTO BRUTO	VALORES
1959	Cr\$ 2.048.161,00
1970	NCr\$ 1.468.954,00
1980	Cr\$ 46.794.847,00
1990	Cr\$ 200.465.942,00
2000	R\$ 7.379.198,00

Fonte Contabilidade INDUMA.

O número de empregados diretos é expressivo para a região e a rotatividade é pequena, como poderemos comprovar com dados infracitados. Conseguimos documentos de registros de empregados que reportam-se a 1947, sendo que esses funcionários ainda fazem parte da empresa, mesmo tendo muitos deles se aposentado. A permanência dos empregados deve-se a muitos fatores que serão explorados no Capítulo III, mas dentre eles podemos destacar antecipadamente a disponibilidade de Moradia, pagamento de 100% das mensalidades escolares até o 3º grau, prêmios de produção, pesca, gincanas, festa natalina, festa do dia do trabalhador, cestas natalinas, gratificação pelo desempenho educacional e todas as cláusulas sociais da convenção coletiva de trabalho CCT. As casas da vila operária são de 45, que tem reforma total e gratuita anualmente.

Tabela 2. Número médio de empregados da empresa INDUMA

ANO	NÚMERO DE EMPREGADOS: MÉDIA
1997	116
1998	109
1999	102
2000	106

Fonte: INDUMA Ind. de Madeiras S.A. Evandino Ferrari – GRH

Tabela 3. Padrão salarial da empresa INDUMA

ANO	PADRÃO SALÁRIAL MÉDIO
1997	R\$ 488,18
1998	R\$ 447,67
1999	R\$ 429,42
2000	R\$ 449,65

Fonte: INDUMA Ind. de Madeiras S.A. Evandino Ferrari – GRH.

A seguir destacamos algumas fichas de empregados da INDUMA entre elas a do atual Diretor Presidente Sr. Horst Gerhardt Purnhagen. É importante destacar esse registro pois podemos nos reportar a WEBER, quando fala que o trabalho torna-se um valor em si mesmo, o operário ou o capitalista passam a viver em função de sua atividade ou negócio e só assim têm a "sensação irracional" da tarefa cumprida. O puritanismo inglês também condenava o ócio, o luxo, a perda de tempo, a preguiça.

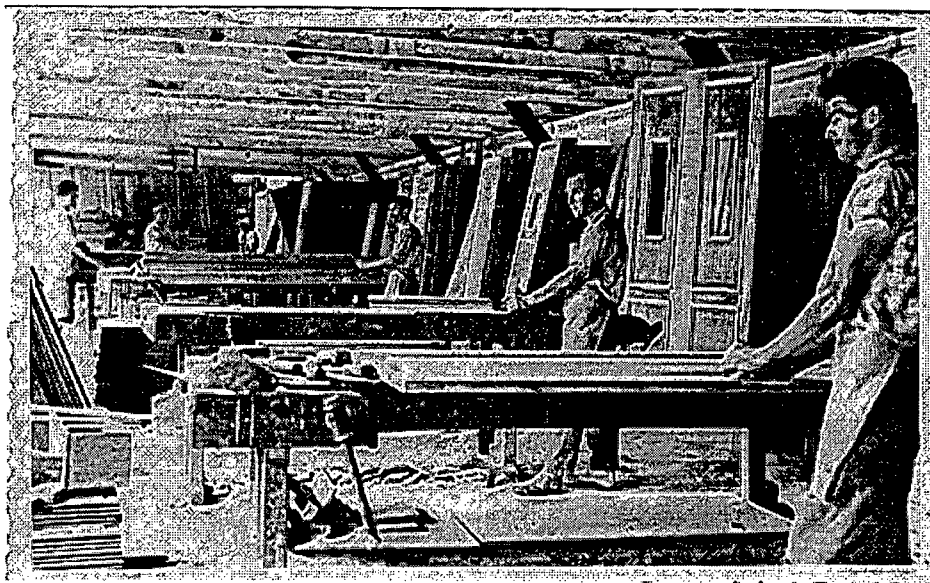


Figura 6. Foto da madeireira INDUMA no início de suas atividades

"Assim, a perdularidade dessa filosofia da avareza parece ser o ideal de um homem honesto, de crédito reconhecido e, acima de tudo, a idéia do dever de um indivíduo com relação ao aumento de seu capital, que é tomado como um fim em si mesmo. Na verdade, o que é aqui pregado não é uma simples técnica de vida, mas sim uma ética peculiar, cuja infração não é tratada como uma tolice, mas como um esquecimento do dever. Não é mero bom senso comercial mas sim um ethos" (WEBER, A ética protestante e o espírito do capitalismo, p.31).

Para estarem seguros quanto à sua salvação, ricos e pobres deveriam trabalhar sem descanso, inclusive o filho do patrão⁷¹ "trabalhar o dia todo em favor do que lhes foi destinado" pela vontade de Deus e glorificá-lo por meio de suas atividades

⁷¹ Horst Gerhardt Purnhagen: atual Diretor Presidente da INDUMA e prefeito da cidade de Taió, filhos do sócio fundador es Diretor Presidente Sr. Hermann Hindrich Purnhagen.

produtivas. Estas tinham se tornado um dever a ser metodicamente executado, possuindo um fim em si mesmas. Assim, os puritanos prescrevem:

"... contra as dúvidas religiosas e a inescrupulosa tortura moral, e contra todas as tentações da carne, ao lado de uma dieta vegetariana e banhos frios, trabalha energicamente em tua Vocação" (WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 1981. p. 113)

Um dos resultados dessa ética eram operários disciplinados,

"... que se aferravam ao trabalho como a uma finalidade de vida desejada por Deus. Dava-lhe, além disso, a tranqüilizadora garantia de que a desigual distribuição da riqueza deste mundo era obra especial da Divina Providência que, com essas diferenças e com a graça particular, perseguia seus fins secretos, desconhecidos do homem"⁷².

Por outro lado, gerava empresários que se sentiam abençoados ao estarem inteiramente dedicados à produção de riqueza, WEBER observou a presença desse conjunto de valores nos Estados Unidos, na Holanda e na Alemanha e notou que seu desenvolvimento favorecera "uma vida econômica racional e burguesa". A essa dedicação verdadeiramente religiosa ao trabalho ele chamou vocação - fruto de um ascetismo mundano,

⁷² WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo : Pioneira/UNB, 1981. p. 125.

oposto ao ascetismo católico em dois pontos fundamentais: primeiro, no seu caráter de ação metódica no mundo e, segundo, na valorização do sucesso econômico.

CAPÍTULO III

A HISTÓRIA POLÍTICA

A HISTÓRIA POLÍTICA

Em doze de fevereiro de mil novecentos e quarenta e nove (12/02/1949), Tayó⁷³ celebrou um de seus grandes dias, fato dos mais importantes e históricos, que foi a instalação oficial do município.

Nessa ocasião o Sr. Bertoldo Jacobsen⁷⁴, representante do PSD, do município, saudou a presença do Presidente da Assembléia Legislativa Sr. Armando Simone Pereira, representante do Governador do Estado.

O Sr. Bertoldo enfatiza em seu discurso⁷⁵ de instalação do município que as pessoas do interior, descendentes de colonos⁷⁶, não dispunham de frases sublimes e flores oratórias;

⁷³O nome "Tayó" é de origem indígena e, por isso, inicialmente, foi grafado sempre com "y". Hoje, com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira, o topônimo é escrito com "i".

⁷⁴Prefeito interino do município de Taió no período de 12/02/49 a 01/10/49.

⁷⁵Cópia do discurso de instalação em poder do autor.

⁷⁶Segundo o Aurélio, colono é o membro de uma colônia. Mas nesse caso o Sr. Bertoldo referia-se a simplicidade. Segundo Weber, característica de submissão e de dominação.

não eram conhecedores do estilo da corte, nem tinham prática da culta maneira com que a alta sociedade sabe exprimir-se. Pede respeito para com a suprema autoridade do Estado e a ilustríssima comitiva que o acompanha.

O que podemos observar é uma questão clássica que a Sociologia procura responder, é a que se refere à persistência das relações sociais. O que pode fazer com que o conteúdo dessas relações se mantenha? Dito de outro modo, o que faz com que os indivíduos dêem às suas ações um sentido determinado que perdure com regularidade no tempo e no espaço? Qual é a base da regularidade nas ações das pessoas se o que lhes dá sentido, para WEBER, não é uma "abstrata" instituição existente, apesar ou fora das ações individuais? A concepção weberiana de um "social", segundo OLIVEIRA (2000, p.119-120), origina-se no indivíduo que tem uma importante implicação para esse esquema: a continuidade das relações sociais é problemática. A resposta para tais questões encontra-se no fundamento da organização social, chave do verdadeiro problema sociológico: a denominação ou a produção da legitimidade, de submissão de um grupo a um mandato. É o que observa-se na instalação do município de Taió, uma relação de poder e dominação. Vale nesse momento distinguir esses conceitos.

"Poder significa a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo contra toda a resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade" (WEBER, 1984, p.693).

A dominação baseia-se numa probabilidade de obediência a um certo mandato.

"Os meios utilizados para alcançar o poder podem ser muito diversos, desde o emprego da simples violência até a propaganda e o sufrágio por procedimentos rudes ou delicados: dinheiro, influência social, poder da palavra, sugestão e engano grosseiro, tática mais ou menos hábil de obstrução dentro das assembleias parlamentares"⁷⁷.

Segundo OLIVEIRA (2000, p.120), a dominação representa-se em dois tipos opostos: a) a que se dá por meio de "Uma constelação de interesses (especialmente mediante situações de monopólio)"; b) a que ocorre "mediante a autoridade (poder de mando e dever de obediência)".

A última forma representa o discurso do Sr. Bertoldo, que logo em seguida fala que o colono em seu caráter mais simples tem sentimentos de justiça⁷⁸ e franqueza, capaz de reconhecer o valor de pessoas que poderosamente concorreram para satisfazer

⁷⁷id .

⁷⁸"No sentido mais simples, justiça é uma conceito que se refere à equidade e ao processo de pessoas conseguirem aquilo que merecem." (JOHNSON, 1997, p. 133).

uma justa aspiração da população, facilitando o progresso e o bem estar. Em seguida agradece a presença do representante do Governador do Estado, em nome do PSD e do povo presente, agradece o empenho dos Deputados a aprovação do projeto de lei que instituiu esta nova comuna. Enaltece o Presidente da Comissão Diretora do PSD de Santa Catarina, o Sr. Celso Ramos, o qual segundo Bertoldo, tanto se esforçou para que fosse atendido o pedido do povo taioense, providenciando a decretação do município.

Observamos que a instalação do município é uma festa do PSD, pois os agradecimentos continuam, agora enaltecendo o deputado do PSD, por Rio do Sul, o Sr. Felix Odebresht, o qual, sendo embora Deputado pelo município originário não se opôs no Congresso Estadual nenhum obstáculo nem protesto à realização da instalação do município. O Sr. Vitor Buhr, Presidente do Diretório Municipal do PSD de Rio do Sul.

O discurso continua agradecendo as autoridades judiciais administrativas e policiais da Comarca e município originário, das quais observamos através de várias cartas, não tiveram qualquer indicio de má vontade ou ressentimento pela criação do município.

É importante ressaltar que o discurso do Sr. Bertoldo vinha carregado de interesses políticos futuros, quando enaltecia a importância da emancipação destacando que Rio do Sul não

perderia com essa instalação, mas teria a ganhar pois nessa época Taió já possuía 600 km de estradas com muitas pontes, muitas destruídas pelos constantes vendavais e enchentes. Prometia então rapidamente melhorar as condições dessas estradas e pontes.

Esse discurso, ora de dominado, ora de dominação pode justificar-se em diversos motivos de submissão ou princípios de autoridade.

"Pode depender diretamente de uma constelação de interesses, ou seja, de considerações utilitárias de vantagens e inconvenientes por parte daquele que obedece. Pode também depender de mero costume, do hábito cego de um comportamento inveterado, ou pode fundar-se, finalmente, no puro afeto, na mera inclinação pessoal do súdito. Não obstante, a dominação que repousasse apenas nesses fundamentos seria relativamente instável. Nas relações entre dominantes e dominados, por outro lado, a dominação costuma apoiar-se internamente em bases jurídicas, nas quais se funda a sua legitimidade, e o abalo dessa crença na legitimidade costuma acarretar conseqüências de grande alcance. Em forma totalmente pura, as bases de legitimidade da dominação são somente três, cada uma das quais se acha entrelaçada - no tipo "puro"- com uma estrutura sociológica fundamentalmente diversa do quadro e dos meios administrativos" (WEBER, 1984, p.706-707).

A emancipação do município de Taió proporcionou na época a evolução econômica, social e fortalecendo o PSD. É importante

fazermos um ligeiro olhar retrospectivo sobre o desenvolvimento de Taió.

Os documentos⁷⁹ referentes ao desenvolvimento de Taió, relatam que em 1927 foi instalada a Agencia postal-telefônica que rendeu naquele ano CR\$1.100,00 e, pelo recenseamento do mesmo ano esta região contava então com 467 famílias e 2.717 habitantes. Em 07 de setembro de 1929 foi instalado o Distrito o qual havia sido criado dois anos antes. Nessa época a Agencia Postal já rendia mais de 2 contos e o distrito possuía 150 km de estradas, 11 pontes de regular tamanho e 36 menores. Em 1948 a Agência Postal-telefônica arrecadou CR\$ 35.990,00.

O distrito que era antes de 1.320 km², tornou-se município com a superfície de 1.800 km², aproximadamente, com cerca de 20.000 habitantes. A parte que formava anteriormente o distrito, sem contar o território de outros distritos que foram anexados para formar o município de Taió, fornecia os seguintes dados: População 13.500 habitantes; renda estadual, CR\$ 1.100.000,00; arrecadação municipal, aproximadamente CR\$ 400.000,00. Possuía 25 Escolas estaduais e municipais, com 1.300 crianças matriculadas e possuía 495 km de estradas. A produção de banha e toucinho era de 300 toneladas anuais; fumo

⁷⁹ Atas da sub-prefeitura de Rio do Sul, instalada em Taió. Cópias desses documentos em poder do autor.

em folha era de 70 mil arrobas, ou seja 1.050.000 quilos; a produção de milho era de 280 toneladas para exportação, fora o distrito, 300 toneladas eram para consumo interno; a produção de arroz, 250 toneladas; fécula, 450 toneladas.

A industrialização desse período era de 1 milhão de litros de leite anualmente e outro tanto consumido para fins domésticos e pecuários no próprio distrito. O cultivo de outros cereais em boa escala, além do desenvolvimento da criação bovina, cavalos e outros. É importante ressaltar que nesse período existiam 32 serrarias movidas a vapor e força hidráulica que beneficiavam 10.000 metros cúbicos de madeira de várias espécies, para exportação e uso interno. Existiam 2 fábricas de pasta mecânica e varias de óleo de sassafrás. Dados estes que aumentaram consideravelmente com a criação do município.

O desenvolvimento econômico, associado a emancipação do município muito contribuiu para que o PSD elegeesse o futuro prefeito no período de 01 de outubro de 1949 a 01 de outubro de 1954, o Sr. Alfredo Cordeiro (PSD). Nessa legislatura que foi considerada oficialmente a 1ª, os eleitos foram:

Tabela 4. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (1ª Legislatura - Período de 01/10/1949 a 30/09/1953)⁸⁰

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
EWALD OTTO HEIDRICH	PSD	135
SEVERINO PIAZZA	Coligação UDN-PRP	131
LINDO LENZI	PSD	130
ALBERTO PETRI	PSD	113
EDMUNDO ERN	PSD	108
EURICO PASOLD	Coligação UDN-PRP	102
SATURNINO SCHWEITZER	Coligação UDN-PRP	*

*Sem indicação total dos votos.

Os suplentes do PSD foram: 1º Germano Huscher, que assumiu no lugar de Ewald Otto Heidrich; 2º Emilio Largura.

O suplente da Coligação UDN-PRP foi Ingo Hosang que entrou no lugar de Severino Piazza.

Os vereadores eleitos foram diplomados em 16 de setembro de 1949. A Câmara foi instalada na Prefeitura Municipal de Taió, em 01 de outubro de 1949, às dez horas da manhã. Ali funcionou até que a Prefeitura "queimou", em 07 de maio de 1977.

Nesta legislatura foram Presidentes: Ewald Otto Heidrich⁸¹ (1º Presidente), Saturnino Schweitzer (interinamente em 1952) e Emilio Lenzi (interinamente em 1953).

⁸⁰Dados extraídos do arquivo particular do Sr. Fiorelo Zanella.

⁸¹Ewald Otto Heidrich, foi o Diretor Presidente da empresa HEIDRICH, hoje HIMASA, que concedeu a entrevista no Capítulo II. Empresa essa que é concorrente direta da INDUMA.

Tabela 5. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (2ª Legislatura - Período de 01/10/1953 a 30/09/1957)⁸²

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
WALTER SCHMITZ	UDN	213
HERCILIO ANDERLE	PSD	183
LUIZ TAMBOSI	PTB	164
JOSÉ ANTONIO NUNES	PRP	150
MARCOS OENNING	PSD	146
LEOPOLDO JACOBSEN	UDN	143
VITAL VALENTINI	PRP	143

A Câmara foi empossada, em 01 de outubro de 1953. Ficaram suplentes pelo PSD: Edmundo Ern, Gaspar Lima, Virgilio Moratelli e Jacó F. Westphal. Os suplentes da UDN foram: Artur Fietz, Domingos Stolf, Eurico Pasold e Frederico Rosemann, enquanto que os suplentes do PTB foram Roberto Mayer e Emilio Lenzi.

Em 1954, Walter Schmitz afastou-se da Câmara para concorrer a Prefeito e em seu lugar assumiu o Sr. Eurico Pasold.

Os presidentes da Câmara Municipal foram: José Antônio Nunes (1954) e Eurico Pasold (presidente em exercício em 1956).

⁸² loc. Cit.

Tabela 6. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (3ª Legislatura - Período de 01/10/1955 a 15/09/1961)

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
MANOEL CORREIA DE NEGREIROS	Coligação PSD/PTB	295
HERCILIO ANDERLE	Coligação PSD/PTB	256
MARTINHO LOCH	Coligação PSD/PTB	167
FERNANDO BERTOLINO FERNANDES	UDN	145
HEINZ ODEBRECHT	Coligação PSD/PTB	139
WIGAND DEEKE	UDN	101
MÉLIO TOMELIN	UDN	101

Os suplentes da Aliança Taioense: Bertoldo Jacobsen (131 votos), Euvaldo Vanelli (62 votos), Leopoldo Reblin (45 votos) e Alfredo Stolf (43 votos).

Os suplentes da UDN: Samuel Rohden (94 votos), Francisco Filgueiras (93 votos), Artur Hasse (65 votos) e Rodolfo Haveroth (60 votos).

Os presidentes da câmara de vereadores nesse período foram: Heinz Odebrecht (1957 a 1959), Mélio Tomelin (presidente em exercício em 1959) e Manoel Correa de Negreiros em 1960.

Tabela 7. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (4ª Legislatura - Período de 15/09/1961 a 05/02/1963).

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
HERCÍLIO ANDERLE	PSD	*
BERTOLDO JACOBSEN	PSD	*
PANCRÁCIO FRANZOI	PSD	*
FERNANDO BERTOLINO FERNANDES	UDN	*
ADOLFO LORENZETTI	UDN	*
CORNÉLIO ROHDEN	UDN	*
GUILHERME ADRÉ DALRI	PSD	*

*Os documentos que comprovassem os votos dessa legislatura ainda não foram encontrados.

Os suplentes do PSD foram: 1º Vital Valentini; 2º Heinz Odebrecht; 3º Werner Purnhagen; 4º Eugênio Goetten de Lima.

Os suplentes da UDN foram: 1º Fabiano Paterno; 2º Wigand Decker; 3º Humberto Bloemer; 4º Armenetegildo Andrioli; 5º Vendelino Oenning; 6º Albino Beber.

Nenhum candidato do PTB obteve legenda.

Com o desmembramento de Salete e Rio do Campo, em 07-10-1962, os vereadores Cornélio Rohden da UDN e Guilherme André Dalri e Pancrácio Franzoi, ambos do PSD, foram substituídos respectivamente por Fabiano Paterno, vital Valentini e Heinz Odebrecht.

Os presidentes da câmara de vereadores nesse período foram: Hercilio Anderle em 1961 e Fernando Bertolino Fernandes.

Os eleitos foram diplomados, em 31-05-1961. O ato foi

oficiado pelo Juiz Dr. Urbano Vicente Gama Salles, que contou com a presença também do Promotor Público, Dr. Milton Cunha. Na mesma data, esteve presente também o primeiro Juiz da Comarca de Taió, Dr. Wladimir d'Ivanenko, que foi homenageado com a entronização do seu retrato no recinto do Fórum.

A família Purnhagen começa sua incursão na política, buscando um cargo eletivo tendo como seu representante Werner Purnhagen, buscando uma vaga na câmara de vereadores.

Tabela 8. Composição da Municipal de Vereadores (5ª Legislatura - Período de 31/01/1963 a 31/01/1967)

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
HERCÍLIO ANDERLE	PSD	*
BERTOLDO JACOBSEN	PSD	*
VITAL VALENTINI	PSD	*
CURT STÜBER	PSD	*
CARLOS EVANDIR RAYMUNDI	UDN	*
ARMANDO HOSANG	UDN	*
LUIZ TAMANINI	UDN	*

*Os documentos que comprovassem os votos dessa legislatura ainda não foram encontrados.

Os eleitos foram diplomados, em 24/11/1962, pelo Juiz Dr. Urbano Vicente Gama Salles.

Ficaram como suplentes do PSD: 1º Eivaldo Vanelli; 2º João Feltrin; 3º João Vogel; 4º Antônio Coelho; 5º Paulo Lorenzetti.

A UDN ficou com estes suplentes: 1º Adolfo Lorenzetti; 2º Wigand Decker; 3º Ambrósio Ferrari; 4º Erwin Brandt; 5º Gabriel Bonin; 6º Ricardo Alberto Erkmann.

Os Presidentes da câmara de vereadores desse período foram: Hercílio Anderle (1964). Bertoldo Jacobsen (1965) e Curt Stüber (1966).

Nesse período a família não lançou nenhum candidato, mas apoiou os candidatos do PSD.

Tabela 9. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (6ª Legislatura - Período de 01/02/1967 a 31/12/1969).

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
HARRY LEOPOLDO GOMES	ARENA	782
BERTOLDO JACOBSEN	ARENA	601
RUBENS JOSÉ FONTANIVE	ARENA	517
WIGAND DEECKE	ARENA	484
AUGUST HINRICH PURNHAGEN	ARENA	482
VITAL VALENTINI	ARENA	471
VENDELINO OENNING	ARENA	465

Os suplentes desse período foram: ARENA: 1º Arno Conzatti (415 votos); 2º Walter Schmitz (370 votos); 3º Mélio Tomelin (284 votos) e 4º João Vogel (171 votos).

O Presidente da Câmara Municipal de Vereadores desse período foi: Bertoldo Jacobsen (de 1967 a 1969).

A diplomação dos vereadores e suplentes deu-se, em 22-12-

1966, por ato do Juiz Dr. Eloi Dadam.

Os vereadores eleitos nesse período de golpe militar⁸³ eram todos da ARENA, partido subserviente aos interesses do golpe.

A família Purnhagen consegue então, nesse período de anos de chumbo eleger o seu primeiro representante eletivo o Sr. August Hinrich Purnhagen com 482 votos.

Tabela 10. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (7ª Legislatura - Período de 01/01/1979 a 31/12/1972).

<i>ELEITO</i>	<i>PARTIDO</i>	<i>VOTOS</i>
MAURO HOSANG	ARENA	1114
HARRY LEOPOLDO GOMES	ARENA	834
VITAL VALENTINI	ARENA	828
RUBENS JOSÉ FONTANIVE	ARENA	786
CARLOS EVANDIR RAYMUNDI	ARENA	634
EWALD OTTO HEIDRICH	ARENA	462
VENDELINO OENNING	ARENA	409

O Presidente da Câmara Municipal de Vereadores desse período foi o Sr. Ewald Otto Heidrich.

A família Purnhagen elege o seu vereador da gestão passada para o cargo de vice-prefeito, do então prefeito Sr. Moacir Bertoli.

⁸³ Ler mais: TEIXEIRA, Francisco M. P. História do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Ática, 1993. MARKUM, Paulo. Vlado. Brasil Nunca Mais. COUTO, Ronaldo Costa. Memória viva do regime militar. São Paulo: Record, 1999. Essas são algumas referências, mas muitas outras podem contribuir para a compreensão do que foi esse período.

Os vereadores forma diplomados, em 19 de dezembro de 1969, pelo Dr. Wilmar Filippi, todos os vereadores eleitos eram da ARENA.

Tabela 11. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (8ª Legislatura - Período de 01/01/1973 a 31/12/1976).

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
ARMANDO HOSANG	ARENA	946
ADOLFO BUTZKE	ARENA	868
VITAL VALENTINI	ARENA	769
JOÃO MACHADO DA SILVA	ARENA	613
CARLOS EVANDIR RAYMUNDI	ARENA	573
EWALD OTTO HEIDRICH	ARENA	559
RUBENS JOSÉ FONTANIVE	ARENA	506
VENDELINO OENNING	ARENA	258
WALTER SCHMITZ	ARENA	161

Novamente todos os eleitos eram vereadores da ARENA. Os vereadores foram diplomados, em 19 de dezembro de 1972, no Cine Athenas, pelo Juiz Dr. Paulo Benjamim Fragoso Gallotti, que estava acompanhado também do Promotor Público, Dr. Orlando Graciosa Filho. O vereador Vital Valentini só foi diplomado em 03 de janeiro de 1973.

Com o falecimento de Walter Schmitz foram realizadas eleições exclusivamente para Taió, sendo que Edgar Hartmann foi diplomado, em 19 de dezembro de 1973. Nesta Legislatura foram presidentes da Câmara de Vereadores: Vendelino Oenning,

no período de 1973/1974 e Rubens José Fontanive, no período de 1975/1976.

O Prefeito desse período é um representante da família Purnhagen o Sr. August H. Purnhagen/Vice: Valmor Heidrich (ARENA). O "Sr. August que foi vice-prefeito na legislatura anterior teve o total apoio da empresa INDUMA.

Tabela 12. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (9ª Legislatura - Período de 01/01/1977 a 31/12/1982).

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
SIRIO WEBER	ARENA	629
BRUNO BLANK	ARENA	521
MOACIR OENNING	ARENA	516
ARMANDO HOSANG	ARENA	492
IVO JORGE POLEZA	ARENA	430
ANTÔNIO VENTURI	ARENA	414
LINO JOÃO DELL'ANTONIO	ARENA	409
MANOEL CORREIA DE NEGREIROS	MDB	407
CERILO MENEGAZZI	MDB	227

Os suplentes da ARENA forma: Lothar Jacobsen (327 votos), Vital Valentini (325 votos), Lino Sottopietra⁸⁴, Mario Martinelli⁸⁵, Daniel Glatz (262 votos), Wigand Deeke (253 votos), Edgar Hartmann (192 votos) e Moacir Custódio Maciel (101 votos).

⁸⁴ Nos documentos consultados não encontramos o total de votos.

⁸⁵ id.

O MDB obteve os seguintes suplentes: Gervásio Borghesan (195 votos), Wilson Vanelli (159 votos), Guilherme Vogel (141 votos, Vitorino Bertoldi (138 votos), Rita Windeisch (132 votos, Eloi Vicenzi (116 votos), Edmundo Ronchi (85 votos), Adolfo Müller (76 votos), Urbano Giovanella (49 votos), Ambrosio Zimmermann (42 votos), Fermino José da Rosa (38 votos), Daniel Bissoli (37 votos), Otávio Berri (35 votos), José Floriano Matias (34 votos), Pedro Gregório Justen (30 votos), Sebastião Cardoso (16 votos) Amélio Sandri (14 votos) e Heinz Heymanns (07 votos).

Nesta Legislatura, Armando Hosang foi residir em Ibirama e teve que renunciar à vereadura, assumindo em seu lugar, Vital Valentini, já que o 1º suplente, Lothar Jacobsen, também havia fixado residência em outra cidade. Por outro lado, com o falecimento de Vital Valentini, durante a legislatura, assumiu o 3º suplente, Lino Sotopietra.

Os presidentes da Câmara de Vereadores desse período foram: Armando Hosang (1977/1978), Lino João Dell'Antonio (1979/1980) e Moacir Oenning (1981/1982).

Nessa Legislatura a família; Purnhagen não lançou nenhum candidato, mas apoiou a candidatura do Sr. Manoel Correa de Negreiros (MDB). Começava ai uma aproximação com os partidos de esquerda e centro esquerda, apesar de ter lançado candidato na legislatura seguinte, tendo como suplente o Sr. Augusto

Purnhagen, pelo PDS.

Tabela 13. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (10^a Legislatura - Período de 01/01/1983 a 31/12/1988).

<i>ELEITO</i>	<i>PARTIDO</i>	<i>VOTOS</i>
MANOEL CORREIA DE NEGREIROS	PMDB	843
ERNA HEIDRICH	PDS	575
MOACIR OENNING	PDS	465
TEOBALDO MENEL	PMDB	410
RICARDO LIESENBERG	PDS	391
GUILHERME VOGEL	PMDB	374
OSNI HOSANG	PDS	374
ANTÔNIO VENTURI	PDS	368
PEDRO ANDRÉ DA SILVA	PMDB	357

Os suplentes do PDS foram: Luiz Valle (325 votos), Bruno Blank (307 votos), Victor Anderle (278 votos), Arno Conzatti (240 votos), Augusto Purnhagen⁸⁶, Miguel Angelo Raymundi⁸⁷, Norberto Valentini (239 votos), João Feltrin (169 votos), Elias Noriller (166 votos), Raulilno Peixer (131 votos), Simão Bernardo Kestring⁸⁸, Werner Brandt (73 votos), Durval Zeferino Ramos (59 votos), Isaias Pacher (56 votos) e Evaldo Venturi (02 votos).

Os Suplentes da Câmara de Vereadores, pelo PMDB, desse

⁸⁶ id.

⁸⁷ id

⁸⁸ loc. cit.

período foram: Lothar Wacholz Júnior (229 votos), Lino Nardelli (209 votos), Gervásio Borghesan (208 votos), Evaldino Pires de Lima (202 votos), Arcângelo Odorizzi (189 votos), Lino Martinelli (182 votos), Cirilo Menegazzi (126 votos), Celso Bagatolli (117 votos)¹, Cecílio Scheffer (72 votos), Ervino Stolf (44 votos), Gabriel Sievers (04 votos), Ivo José Juppa (03 votos), Valmor Klehm (03 votos) e Wilson Vanelli (01 voto).

No dia 20 de dezembro de 1982, o Juiz Dr. Rubens Ferreira Bühner, diplomou os nove vereadores de acordo com a legislação. Posteriormente, Luiz Vale e Lothar Wachholz Júnior, entraram com uma ação, solicitando mudança para 11 vereadores, o que foi permitido. Por isso, os dois foram diplomados, em 02-08-1983. No entanto, em seguida observou-se um erro na contagem dos votos e Lothar Wachholz Júnior teve que ceder a vaga para o Sr. Bruno Blank, que foi diplomado em 11 de junho de 1984.

Os Presidentes da Câmara de Vereadores desse período foram: Moacir Oenning (1983/1984), Manoel Correa de Negreiros (1985/1986) e Bruno Blank (1987/1988).

Tabela 14. Composição da Câmara de Vereadores (11ª Legislatura - Período de 01/01/1989 a 31/12/1992).

ELEITO	PARTIDO	VOTOS
NELSON GOETTEN DE LIMA	PDS	661
NORBERTO VALENTINI	PDS	553
MIRIAM PURNHAGEN	PMDB	501
VICTOR ANDERLE	PDS	453
ERNA HEIDRICH	PDS	418
WILSON VANELLI	PMDB	370
LUIZ VALLE	PFL	341
VENÂNCIO CLAUDINO	PMDB	322
PEDRO ANDRÉ DA SILVA	PMDB	319
FRANCISCO DE ASSIS SOARES	PFL	271
JOSELINO DE SOUZA	PT	135

Os suplentes da Câmara de Vereadores, pelo PDS, foram: Antonio Venturi (416 votos), Miguel Ângelo Raymundi (235 votos), Mafalda Largura Bertoli (121 votos), Bruno Blank (99 votos), Lirio Luiz Volpi (87 votos), João Souza (84 votos) e Walter Agostinho de Souza (83 votos).

Os suplentes da Câmara de Vereadores, pelo PFL, foram: Ary Duarte (224 votos), Osni Hosang (201 votos), Vendolino Friese (166 votos), Antônio Carvalho (159 votos), Leopoldo Martins (157 votos), Irineu José Sottopietra (11 votos), Aroldo Hörmann (61 votos), Garibaldi Fischer (60 votos), Norberto Müller (56 votos), Neri Seemann (43 votos) e Paulino Negherbon (22 votos).

Os suplentes do PMDB foram: Ingo Neumann (301 votos), Gregório Augusto Borghesan (297 votos), Manoel Correa de Negreiros (170 votos), Arcides Zanghelini (159 votos), Heinz Paulo Kurth (131 votos), Teobaldo Menel (126 votos), Cândido Berlanda (114 votos), Adinei Sandri (101 votos), Ademar Regis da Silva (90 votos), Lino Nardelli (75 votos), Guilherme Vogel (63 votos), Arcângelo Odorizzi (59 votos), Antonio Pedroso (56 votos), Ademir Dalprá (55 votos) e Wanderlei K. de Oliveira (25 votos).

Os suplentes do PT: Leopoldo Amorim (102 votos), Edevaldo Berlanda, Willy Busarello, Braulino Cirico (64 votos), Leopoldo Vicentini (56 votos) e Olindo Vizentainer (55 votos).

Em 20 de dezembro de 1982, perante o Juiz Dr. Rubens Ferreira Bühner e o Promotor Dr. Saulo Torres, os candidatos eleitos foram diplomados. Após a diplomação, Lothar Wachholtz Júnior e Luiz Valle "entraram com um mandato, através do advogado Lauro André da Silva, justificando a mudança para 11 vereadores na Câmara Municipal de Taió"⁸⁹.

Após a análise, o Tribunal deu ganho de causa à ação e Lothar Wachholz Júnior do PMDB e Luiz Valle do PFL foram diplomados vereadores em 02 de agosto de 1982 e a posse foi,

⁸⁹ DUARTE, Ary. Entrevista. Taió, 22 fev. 2000. Arquivo particular: Fiorelo Zanella.

em 04 de agosto de 1983, posteriormente, o PDS, verificou um erro na indicação de Lothar Wachholz Júnior e este foi substituído por Bruno Blank, do PDS, cuja diplomação ocorreu, em 11 de junho de 1984 e a posse, em 14 de junho de 1984.

Foram eleitos presidentes nesta legislatura: Norberto Valentini (1989/1990) e Nelson Goetten de Lima (1991/1992).

Nesse período a família Purnhagen elegeu a 2ª vereadora mais votada, a Sra. Miriam Purnhagen, esposa do Diretor Presidente da INDUMA o Sr. Horst Purnhagen. A família já dava mostras que não queria ficar apenas apoiando candidatos de outros partidos ou os de sua própria legenda. Com duras críticas às condições da estrada que liga o centro da cidade de Taió à localidade de Alto Palmital, prejudicando o escoamento da produção da empresa INDUMA e dos produtos agrícolas dos agricultores daquela região, a Sra. Miriam destacou-se com uma campanha arrojada e que envolveu um custo financeiro muito grande. Inovando com a distribuição de camisetas, envolvimento dos empregados da INDUMA em sua campanha. A urna do Alto Palmital, localidade onde moram os funcionários da empresa atingiu um montante de 98% dos votos para a Sra. Miriam Purnhagen. Com o sucesso dessa campanha e culminando com a sua eleição, na próxima legislatura aventurase, concorrendo ao cargo de executivo. Como a vice-prefeita numa coligação envolvendo PMDB/PT. Sendo que o candidato a

prefeito, antigo PDS Moacir Oenning, filiou-se ao PMDB, fazendo a dobradinha Moacir/Miriam (PMDB/PMDB), tendo o apoio do PT. O que foi muito desgastante para este partido, pois como veremos a seguir o PT, não elegeu nenhum vereador e a coligação fracassou, perdendo a eleição por 180 votos para Nelson Goetten de Lima, que no futuro viria a ser deputado estadual pelo PPB.

Tabela 15. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (12ª Legislatura - Período de 01/01/1993 a 31/12/1996).

ELEITOS	PARTIDO	VOTOS
ERNA HEIDRICH	PDS	475
VENÂNCIO CLAUDINO	PMDB	458
ADOLFO BUTZKE	PDS	439
VALMOR STRINGARI	PFL	387
INGO NEUMANN	PFL	352
TOMAZ BERTO	PSDB	343
ADEMIR DALPRÁ	PMDB	330
ANTONIO CLÁUDIO SCHMIDT	PFL	304
LINO JOÃO DELL'ANTONIO	PDT	295
ARY DUARTE	PFL	295
NORBERTO VALENTINI	PDS	282

Os suplentes da Coligação PDT/PT/PMDB/PSDB foram: Pedro André da Silva (273 votos), Aquino Berri (250 votos), Adélio Guski (289 votos), Manfredo Guilherme Greuel (196 votos), Adilson Moratelli (195 votos), Cândido Berlanda (139 votos), Ursula Heymanns (11 votos), Antônio Bloemer (76 votos),

Edevalde Berlanda (66 votos), Joselino de Souza (64 votos), Pedro Cé (62 votos), Valmir Felisbino Triches (61 votos), Magno Deeke (57 votos), Alfonso Vogel (51 votos), Luiz Valentini (46 votos), Edenilson da Silva (40 votos), Ilson de Barros (32 votos) e Alirio Odorizzi (18 votos).

O PDS ficou com estes suplentes: Edson Krueger (277 votos), Nelson Batista Broering (213 votos), Valdemar Jorge Poleza (195 votos), Augusto Purnhagen (175 votos), Flávio Gastão da Silveira (118 votos), Valmor da Silva (93 votos), José Schmidt (84 votos), Waldevino Duemes (75 votos), Guiomkar Brandt (69 votos), José Carlos Galdino (19 votos), e Ovidio Chichetti (01 voto).

Os suplentes da Coligação PFL/PRN, foram: Nilton Sotopietra (245 votos), Helenite Oenning Pandini (216 votos), José Goetten (162 votos), Evaldino Pires de Lima (117 votos), Lorival Coelho (110 votos), Gesi Peters (190 votos), Ivo Klehm (184 votos), Odilon Keiner (95 votos), Moacir Dallangnello (95 votos), Mauri Lorenzetti (91 votos), Valmor Alves (86 votos), Willy José Fiamoncini (56 votos), Herminio Regis da Silva (55 votos), Conrado Claudino (952 votos), Gilberto Orsi (52 votos), Anilda Roeder (33 votos), Gentil Menegazzi (27 votos) e Altair Loch (03 votos).

O vereador Pedro André da Silva assumiu interinamente uma vaga. O vereador Antônio Cláudio Schmitt apenas tomou posse na Câmara e depois assumiu cargo na Secretária da Saúde do Município, tendo sido substituído na Legislatura pelos suplentes Nilton Sottopietra e Helenite Oenning Pandini. O suplente Edson Krueger assumiu a vaga de Norberto Valentini que ocupou cargo na Secretaria da Agricultura do Município e depois foi residir em outro município.

A diplomação aconteceu, em 02 de dezembro de 1988, às 8h, no edifício do Fórum. A diplomação de Prefeito e do Vice-Prefeito ocorreu, no dia 25 de novembro de 1988.

Os Presidentes da Câmara de Vereadores, desta legislatura, foram: Erna Heidrich (1993/1994) e Ary Duarte (1995/1996).

A família Purnhagen nesse período investiu alto para eleger a representante da empresa INDUMA, para o cargo de executivo, concorrendo a Sra. Miriam Purnhagen como candidata a Vice-Prefeita na coligação PDT/PT/PMDB/PSDB. O Sr. Horst Purnhagen, Diretor Presidente da INDUMA, como nas outras eleições, contribuía na organização da campanha e do levantamento de recursos financeiros para a campanha, buscando o poder. Mas que poder era esse, se ele e a sua família já tinham o poder econômico, é o que veremos a seguir, pois essa tentativa de definitivamente a família estar a frente do executivo, do poder da cidade, frustrou-se, perderam a eleição por uma

pequena margem de votos, o que levou a direita ao poder pelos próximos oito anos.

A essência da política, dos mecanismos do mercado e da vida social é, portanto, a luta; seja "o duelo entre cavaleiros regulado convencionalmente, a concorrência sem limites, a disputa erótica sem regulações ou a competição esportiva estritamente regulada"⁹⁰. O conteúdo da relação "orienta-se pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência da outra ou das outras partes"⁹¹. Assim, "uma economia racional é uma organização funcional orientada para os preços de mercado que se originam na luta de interesses dos homens no mercado"⁹². E a política que é o foco de nossa discussão é a participação no poder ou a luta para influir na distribuição do poder, é o que a família Purnhagen fez historicamente, com a finalidade de desfrutar a sensação do prestígio produzido pelo poder. Para WEBER, o homem não ambiciona o poder apenas para enriquecer economicamente. Muito frequentemente, a aspiração pelo poder também "é motivada pelas honras sociais que ele produz"⁹³. Em suma, classes, estamentos e partidos são fenômenos de distribuição de poder dentro da comunidade e manifestações organizadas da luta cotidiana que caracteriza a

⁹⁰ QUINTANEIRO, Tania, BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira, OLIVEIRA, Márcia Gardência de. Un Toque de Clássicos. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p.122.

⁹¹ WEBER, Economía y sociedad, p. 31.

⁹² WEBER. Rejeições RELIGIOSAS DO MUNDO E SUAS DIREÇÕES, p. 379.

⁹³ WEBER. Economía y sociedad, p. 683.

existência humana.

A vitória daqueles cujas qualidades - não importa se baseadas na força, na devoção, na originalidade, na técnica demagógica, (a exemplo do Prefeito eleito Nelson Goetten de Lima), na dissimulação, etc. - aumentam suas probabilidades de entrar numa relação social (na posição, por exemplo, de funcionários, mestre de obras, diretor geral, empresários como o Sr. Horst Purnhagen, cônjuge, deputado) é chamada de seleção social. Normalmente a orientação comunitária, que compreende as relações familiares, afetivas, nacionais, etc., contrapõe-se à luta. Segundo OLIVEIRA (2000, p. 123), há que se atentar para o fato de que as categorias de luta e seleção, que poderiam dar margem a uma interpretação darwinista da sociologia weberiana, não se referem à luta dos indivíduos por suas probabilidades de vida, mas à luta e seleção das relações sociais, luta por impedi-las, estorvá-las, favorecê-las ou organizá-las num certo padrão.

Nesse quadro, a realidade social aparece como um complexo de estruturas de dominação. A possibilidade de dominar é a de dar aos valores, ao conteúdo das relações sociais, o sentido que interessa ao agente ou agentes em luta. O espírito do capitalismo, por exemplo. Segundo WEBER, "teve que lutar por sua supremacia contra todo um mundo de forças hostis.

"...para que um modo de vida tão bem adaptado às peculiaridades do capitalismo pudesse ter sido selecionado, isto é, pudesse vir a dominar sobre os outros ele teve de se originar em alguma parte e não apareceu em indivíduos isolados, mas como um modo de vida comum a grupos inteiros de homens" (WEBER, 1981, p. 34).

A luta pelo estabelecimento de uma forma de dominação legítima, que a família Purnhagen vem buscando historicamente, pode ser buscado nas definições de conteúdos considerados válidos pelos participantes das relações sociais, que marca a evolução de cada uma das esferas da vida social em particular e define o conteúdo das relações sociais no seu interior. As atitudes subjetivas demonstradas pelo Sr. Horst Purnhagen, passam a orientar-se pela crença numa ordem legítima, a qual acaba por corresponder ao interesse e vontade do dominante, o próprio sujeito. Desse ponto de vista, segundo OLIVEIRA (2000, p. 123), o que mantém a coesão social, o que garante a permanência das relações sociais e a existência da própria sociedade é a dominação.

A busca sem limites com o propósito de impor a sua própria vontade leva a família Purnhagen a buscar o poder, mesmo que para isso tenha que expor o seu líder maior nesse momento, que é o Sr. Horst Purnhagen, cogitado para ser o próximo candidato a prefeito. Mas como veremos a seguir, a chegada ao poder ainda tem um longo caminho a percorrer.

Tabela 16. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (13ª Legislatura - Período de 01/01/1997 a 31/12/2000).

ELEITOS	PARTIDO	VOTOS
GLADEMIR LUIZ TRENTINI	PMDB	604
WILLY DALFOVO	PMDB	469
JOSÉ NASATTO	PPB	451
VALMOR STRINGARI	PFL	439
URSULA HEYMANNS	PMDB	437
GILDA MORAIS	PPB	425
GESI PETERS	PFL	418
ARY DUARTE	PFL	410
EDSON KRUEGER	PPB	395
PEDRO ANDRÉ DA SILVA	PSDB	365
ADEMIR DALPRÁ	PMDB	360

Os suplentes do PPB/PRN foram: 1º Maria Moratelli Correia (327 votos), 2º Aristidees Eloi Valentini (227 votos), 3º Arno Xavier (222 votos), 4º Moacir Dallagnello (163 votos), 5º Waldevino Duemes (149 votos) e 6º Valmor Alves (88 votos).

A nominata dos suplentes do PFL foi esta: 1º Ivo Klehm (339 votos), 2º Eny Mary Bertoli Lima (324 votos), 3º Vinicius Valle (273 votos), 4º David Ruediger (266 votos).

Pelo PMDB ficaram suplentes: 1º Nadir Martinelli (287 votos), 2º Fiorelo Zanella (261 votos), 3º Albertina Salete Andrioli (249 votos), 4º Lindolfo Martins (130 votos), 5º Teobaldo Menesl (114 votos) e 6º Rubens Duemes (74 votos).

Os suplentes do PSDB, foram: 1º Almir Guski, 2º Edevalde

Berlanda (200 votos), 3º Walmir Ciipriani (169 votos), 4º Fermino José da Rosa (106 votos) e 5º Nelson Bach (42 votos).

Ary Duarte, após ter sido empossado como vereador, assumiu uma secretaria municipal e foi substituído pelo suplente Ivo Klehm. Outros vereadores que assumiram interinamente foram Eny Mary Bertoli Lima, Almir Guski e Nadir Martinelli.

A diplomação dos eleitos aconteceu, às 14h, do dia 19 de dezembro de 1996, no Fórum⁹⁴.

Os presidentes eleitos nesta legislatura foram: Ademir Dalprá (1997/1998) e José Gilmar Nasatto (1999/2000).

A família Purnhagen nessa legislatura não indicou nenhum representante para concorrer aos cargos tanto do legislativo, quanto do executivo, no entanto articulou nos bastidores a candidatura de, Ademar Dalfovo/PMDB e Ademar Machado/PSDB, com a coligação PMDB/PDT/PSDB e com o apoio informal do PT. A INDUMA entrou com o investimento financeiro, coordenado pelo Sr. Horst Purnhagen, mas não obtiveram sucesso. Elegeu-se nesse período os representantes do Sr. Nelson Goetten de Lima, Sra. Erna Heidrich/Prefeita e Lino João Dell'Antonio/Vice, ambos do PPB.

⁹⁴ É interessante aguçar o ouvido daqueles que sempre acharam que os vereadores antigamente exerciam a função de graça. Em 1954, pela Lei 148, de 20-09-1954., houve o reajuste dos vencimentos e gratificações dos vereadores, sendo que os vereadores do interior recebiam Cr\$ 150,00 por sessão e os da praça, Cr\$ 100,00 por sessão. Fonte; Arquivo particular de Fiorelo Zanella.

Observamos que nas tabelas citadas anteriormente e a seguir, constatamos a grande mudança de partido dos vereadores, segundo o tradutor de WEBER, Mills (1982, p. 107-108), todas as lutas partidárias são lutas para o controle de cargos, bem como lutas para metas objetivas. Na Alemanha, todas as lutas entre os proponentes do Governo no central e local se centralizam na questão dos poderes que controlarão os cargos, quer em Berlim, Munique, Karlsruhe ou Dresden. As restrições na participação da distribuição de cargos são mais sérias para os partidos do que qualquer ação contra as suas metas objetivas. Na França, a substituição de prefeito em consequência da política partidária sempre foi considerada como uma transformação maior e sempre causou maiores protestos do que a modificação do programa governamental - que tem quase que a significação de um mero palavrório. Alguns partidos, especialmente na América, desde o desaparecimento dos velhos conflitos sobre a interpretação da constituição, transformaram-se em simples partidos para o controle de cargos, distribuindo empregos e modificando seu programa material segundo as oportunidades de conseguir votos.

Tabela 17. Composição da Câmara Municipal de Vereadores (14ª Legislatura - Período de 01/01/2001 a 31/12/2004).

<i>ELEITO</i>	<i>PARTIDO</i>	<i>VOTOS</i>
GLADIMIR LUIZ TRENTINI	PPB	726
JOSÉ GILMAR NASATTO	PPB	692
GILDA MORAES	PPB	534
ALMIR RENI GUSKI	PSDB	518
NARCISO JOSÉ BROERING	PMDB	463
NADIR MARTINELLI	PMDB	430
WILLY DALFOVO	PMDB	398
MANFREDO GREUL	PMDB	367
FIGRELO ZANELLA	PMDB	316
KIKO	PFL	276
JOSÉ GOETTEN	PFL	257

Os suplentes do PPB foram: 1º Ademir Dalprá (286 votos), 2º Waldemar J. Poleza (252 votos), 3º Marino Anderle Junior (220 votos), 4º René Deeke (105 votos), 5º Evaldino Pires de Lima (100 votos), 6º Jaci Barbosa dos Santos (46 votos).

Os suplentes do PFL foram: 1º Elfrida Liesenberg (226 votos), 2º Ursula Hosang (198 votos), 3º Valmor Stringari (193 votos), 4º Ary Duarte (187 votos), 5º Ivo Klehm (181 votos).
Desta mesma coligação, pelo PTB, os suplentes foram: 1º Vivian Fach (185 votos), 2º Betinho (30 votos), 3º Luizinho (27 votos).

Os suplentes do PMDB foram estes: 1º Lindolfo Martins (294

votos), 2º Albertina Salete Andrioli (276 votos), 3º Iara Bonin (274 votos), 4º Neri Semann (270 votos), 5º José Vogel (262 votos), 6º Ursula Heymjanns (184 votos), 7º Luiz Fachini (184 votos), 8º Klaus Dieter Diel (171 votos), 9º Ingo Woelfer (115 votos), 10º Leni da Luz (97 votos), 11º Francisco Torres (70 votos), 12º Cláudia Amorim (61 votos).¹ Pela mesma coligação ficaram suplentes pelo partido do PT⁹⁵: 1º Zoni Edener (216 votos), 2º Irma Morais (77 votos).

A sigla do PSDB apresentou estes suplentes: 1º Alois Erkmann (112 votos), 2º Vilson Rocha (110 votos), 3º Edevalde Berlanda (102 votos), 4º Lato (94 votos), 5º Nelson Bach (50 votos).

O poder enfim chega a família Purnhagen, o Sr. Horst Purnhagen, passou décadas nos bastidores da política taioense, decidiu concorrer para o cargo do executivo como candidato a Prefeito da cidade na coligação PMDB/PSDB tendo o PT coligado para vereador. A dobradinha Horst Purnhagen/PMDB/Candidato à Prefeito e Raul Eble/PSDB/Candidato a Vice-prefeito, obteve sucesso, com uma diferença histórica de 1339 votos.

⁹⁵ O PT coligou apenas para vereador.

"O poder "condicionado economicamente" não é, decreto, idêntico ao "poder" como tal. Pelo contrário, o aparecimento do poder econômico pode ser a consequência do poder existente por outros motivos. O homem não luta pelo poder apenas para enriquecer economicamente. O poder, inclusive o poder econômico, pode ser desejado "por si mesmo". Muito freqüentemente, a luta pelo poder também é condicionada pelas "honras" sociais que ele acarreta. Nem todo poder, porém, traz honras sociais: o chefe político americano típico, bem como o grande especulador típico, abrem mão deliberadamente dessa honraria. Geralmente, o poder "meramente econômico", em especial o poder financeiro puro e simples, não é de forma alguma reconhecido como base de honras sociais. Nem é o poder a única base de tal honra. Na verdade, ela (a honra social), ou o prestígio, podem ser mesmo a base do poder político ou econômico, e isso ocorreu muito freqüentemente. O poder, bem como as honras, podem ser assegurados pela ordem jurídica, mas, pelo menos normalmente, não é a sua fonte primordial. A ordem jurídica constitui antes um fator adicional que aumenta a possibilidade de poder ou honras; mas nem sempre pode assegurá-los.

A forma pela qual as honras sociais são distribuídas numa comunidade, entre grupos típicos que participam nessa distribuição, pode ser chamada de "ordem social". Ela e a ordem econômica estão, decerto, relacionadas da mesma forma com a "ordem jurídica". Não são, porém idênticas. A ordem social é, para nós, simplesmente a forma pela qual os bens e serviços econômicos são distribuídos e usados. A ordem social é, decerto, condicionada em alto grau pela ordem econômica, e por sua vez influi nela" (WEBER, Ensaios de Sociologia, 1982, p.211 e 212).

Dessa forma a família Purnhagen vem contribuindo para a distribuição de poder no município de Taió e região. Dessa forma, segundo WEBER (1982, p.212), "classes", "estamentos" e "partidos" são fenômenos da distribuição de poder dentro de uma comunidade". Entendemos que a dominação antes de econômica é política.

Perfil Sócio Cultural dos Operários da INDUMA

WEBER tinha como uma de suas principais preocupações compreender as especificidades das sociedades ocidentais que levaram ao desenvolvimento do capitalismo. Ele considera que:

"...nem o incremento da população e nem a afluência de metais preciosos provocaram (...) o capitalismo ocidental. (...) Decididamente, o capitalismo surgiu através da empresa permanente e racional, da contabilidade racional, da técnica racional e do Direito Racional. A tudo isso se deve ainda adicionar a ideologia racional a racionalização da vida, a ética racional da economia" (WEBER, Origem do capitalismo moderno, p.169).

A vasta documentação que acumulei ao longo desses anos de pesquisa, demonstra que empresa racional estava tornando-se a INDUMA, desde os tempos em que possuíam a empresa de Navegação Fluvial e Marítima "ITAÇU" Ltda., a organização contábil, o

registro de todos os dados, a declaração de todos os seus bens é o que nos chama a atenção, como podemos observar no Balanço Geral realizado em 31 de dezembro de 1952 e em muitos outros balanços que estão arquivados em meu arquivo de pesquisa (Anexos).

A empresa INDUMA hoje representa uma contribuição significativa para o município de Taió e região. A presença muito significativa dos protestantes entre os imigrantes Alemães, entre eles a família Purnhagen, representa a presença de certos valores peculiares na burocracia administrativa. No entanto, observamos que a empresa INDUMA, contribuiu na construção de uma igreja católica no Alto Palmital⁹⁶. Em pesquisa realizada com os operários da empresa, num total de 85, de um universo de 106, sendo que 74,12% dos pesquisados do sexo masculino e 22% do sexo feminino, como podemos constatar no gráfico anterior a quantificação religiosa, além de podermos observar a quantificação dos dados referente ao erro estatístico, constatamos que a maioria dos funcionários é católico, como podemos observar nos gráficos em anexo.

A Religiosidade sempre esteve presente na família Purnhagen, apesar de serem protestantes, constatamos com a pesquisa que a maioria dos operários é católico. Sendo assim o

⁹⁶Localidade onde encontra-se a empresa INDUMA e a vila operária.

Sr. Horst Purnhagen, fez a doação dos terrenos para o Jardim de Infância e para a escola. O início da Escola Estadual de Alto Ribeirão Palmital foi em 01/02/1958 e a escola de madeira foi construída em 1962. Mas desde o início já havia uma outra casa servindo de escola e também para cultos religiosos. Hoje a comunidade tem uma escola de material. O terreno é de 1.500 m².

Em 1979, o Sr. Horst doou um terreno próximo à escola e a sede social da empresa, aproximando a vila operária. Nesta época, houve uma reunião entre os operários e o diretor Presidente da INDUMA, para escolher o nome do padroeiro da capela. O nome escolhido foi o de "São José", por ter sido ele operário, por ser o padroeiro dos operários e combinar assim mais com a comunidade que é quase que exclusivamente operária.

Nesta ocasião, ficou decidido que cada operário colaboraria com o valor de Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) por mês, da maneira como cada um podia. Toda a madeira foi doada pela empresa e a mão de obra, as telhas e a pintura foram pagos com o dinheiro arrecadado dos operários. A construção foi iniciada em 1979. A terraplanagem foi feita por José Vallim, com a máquina doada pela empresa.

A primeira missa, no salão do campo de futebol, foi rezada pelo Padre Moacir no dia 1º de maio de 1980. A primeira festa da comunidade foi realizada, em 08 de junho do mesmo ano, já

na igreja recentemente concluída. Nesse dia, foi também rezada a primeira missa na nova igreja, benta a imagem de São José, que foi doada pela própria empresa, além de ser inaugurada a igreja. A capela só foi criada quando o Padre Alírio foi vigário. A primeira visita pastoral foi realizada por Dom Tito Buss, em 24/04/1983. As primeiras missões na capela foram realizadas em 1979⁹⁷.

A presença muito significativa de protestantes de várias seitas entre os empresários e os trabalhadores qualificados nos países capitalistas mais industrializados sugeriu a WEBER a possibilidade da existência de algum tipo de afinidade particular entre certos valores presentes na época do surgimento do capitalismo moderno e a ética calvinista. Quanto a ética religiosa que se baseava numa atividade incessante no mundo e as condições para o estabelecimento do capitalismo. WEBER lembra que, para os puritanos:

"... a perda de tempo (...) é o primeiro e o principal de todos os pecados (...). A perda de tempo, através da vida social, conversas ociosas, do luxo e mesmo do sono além do necessário para a saúde - seis, no máximo oito horas por dia - é absolutamente dispensável do ponto de vista moral" (WEBER, A ética protestante e o espírito do capitalismo, p. 112).

⁹⁷ ZANELLA, Fiorelo. A Paróquia de Tayó. Taió: Gráfica Tambosi, 1987.

Podemos observar nos gráficos em anexo que a maioria dos operários é católico, mas apresentam uma certa atitude puritana, como podemos observar nos gráficos que seguem, a forma como utilizam-se de tempo para o lazer. Influencia certamente da organização da empresa, que incorpora o espírito do capitalismo, onde tempo é dinheiro.

As condições habitacionais dos operários da INDUMA são muito boas como podemos verificar na quantificação de pesquisa realizada com os operários. A maioria dos operários mora em casa cedida pela empresa.

A instalação elétrica das casas é de boa qualidade, como constatamos com a pesquisa realizada junto aos operários. A manutenção é feita periodicamente pelos eletricitistas da própria empresa. Além das condições sanitárias serem altamente salubres, com umidores em todas as casas, constatamos que todas as moradias dos operários possuem sanitários decentes.

A composição familiar dos entrevistados é na sua maioria de 4 membros, sendo que a maioria adulta trabalha na empresa.

A média salarial dos operários é de Cr\$ 449,65 (quatrocentos e quarenta e nove reais e sessenta e cinco centavos). Para os padrões da região, são aceitáveis, conforme constata os resultados da pesquisa em relação ao consumo de Bens Duráveis e Patrimônio adquirido pelos operários. Sendo

que essa renda é associada a criação de vaca leiteira, horta, característica de empresas de colonização Alemã, conforme citado no Capítulo I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista da produção sociológica acreditamos que atingimos o nosso objetivo geral de resgate da trajetória da colonização alemã e de analisar o empresariado na região de Taió, especificamente da Industria de Madeiras - INDUMA, proveniente da colonização alemã.

Analisamos a sua organização e a sua ação política no município de Taió e as influências na formação das idéias sociais. Entendemos que está longe de ser um tratado sociológico, mas fizemos a nossa parte, trabalhando com seriedade, fazendo o levantamento bibliográfico, estudando, pesquisando, lendo, anotando, buscando nos documentos antigos, argumentos para elucidar os nossos objetivos, questionando e evidenciando a importância histórica da colonização alemã para o Brasil, para Santa Catarina para o Alto Vale do Itajaí e para Taió.

Atingimos as nossas metas ao identificarmos na trajetória

da colonização alemã até os nossos dias, identificamos um imigrante que tornou-se um formador e empregador de mão-de-obra, criando alternativas industriais, que passou por várias dificuldades antes de chegar ao Brasil.

O imigrante alemão, que entrou nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul durante o século XIX, se localizou nas áreas de floresta, passando por um período de adaptação muito penoso, ficando separado dos luso-brasileiros. Podemos entender que as regiões colonizadas por alemães se caracterizaram, nesse período, principalmente pelo regime de pequenas propriedades policultoras, característica que influenciou as propriedades rurais até hoje.

A colonização alemã teve uma grande influência para o desenvolvimento da indústria brasileira, partindo do artesanato, transformando as oficinas em fábricas; entendemos que não foi simples, pois teve as suas implicações, como observamos no trabalho dissertado. A indústria da madeira assumiu maior importância, superando, em 1940, a produção dos têxteis no estado de Santa Catarina, tendo um papel relevante para a colonização do Alto Vale do Itajaí e em especial para o desenvolvimento histórico do município de Taió. Não queremos aqui entrar em questões ecológicas, pois não é o nosso enfoque. Observamos que as indústrias de madeira na sua passagem do Vale do Itajaí para o Alto Vale, possibilitaram a

formação dessa indústria significativa para Taió.

O município de Taió pode ser entendido com um pouco mais de clareza, pois através desse modesto trabalho pude identificar a sua trajetória e socializar com muitas pessoas, tanto do meio acadêmico ou não, identificar as tradições vindas desde 1911 até 2001. Compreender como deu-se a colonização dessa cidade, identificando os seus primeiros colonizadores que fixaram residência, a exemplo de Albrecht Kindel e os irmãos Wachholz e qual a sua contribuição histórica para o desenvolvimento de Taió.

A Revisão Bibliográfica, as pesquisas os questionários deram a cientificidade à coleta de dados, centralizado na bibliografia WEBER, que nasceu em Erfur, Turíngia, a 21 de abril de 1864. Seu pai, Max Weber, jurista e conselheiro municipal, vinha de uma família de comerciantes de linho e industriais têxteis da Alemanha Ocidental. WEBER morreu em 1920.

Com esse trabalho tem-se a oportunidade de conhecer o município de Taió, o processo de sua colonização e as influências político-sociais e culturais que essa colonização gerou em nossa cidade. A trajetória política ficou clara, evidenciando a participação do empresariado na política partidária.

A indústria no Alto Vale do Itajaí teve seu desenvolvimento, graças à abertura de vias de comunicação e ao fornecimento de energia, que tiveram a contribuição decisiva dos imigrantes alemães e italianos, representando a possibilidade de um novo mercado, e para a lavoura nova tentativa de exploração de sua potencialidade.

Identificamos o porque das fábricas terem instalado-se no interior de Taió e em especial a INDUMA na sua trajetória da indústria de madeira até a produção de papelão sob o comando do hoje prefeito da cidade o Sr. Horst Purnhagen.

Com a participação de Weber, tivemos a oportunidade de entender como os participantes de ações sociais e das relações sociais podem orientar-se pelas suas crenças na validade de uma ordem que lhes apresenta obrigações ou modelos de conduta e que se sustenta no costume ou na racionalidade. Entendemos por que a empresa INDUMA é conceituada na região de Taió destacando-se como referência na relação capital/trabalho.

Compreendemos que a importância deste trabalho evidencia-se também na história política do município de Taió, dando-nos a oportunidade de socializar a trajetória dos partidos políticos dessa cidade, além da participação efetiva da família Purnhagen, ora nos bastidores, ora à frente dos embates políticos, buscando e atingindo seus objetivos de viver o poder e disseminar as suas idéias sociais, seus valores

sociais-políticos e culturais. Ou talvez buscando o poder, segundo WEBER (1984, p. 693), com a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo contra toda a resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade

O intuito dessas considerações finais é lembrar que a realidade social, enquanto objeto de interpretação, coloca questões novas que acabam por extravasar os instrumentos que a ciência elaborou para respondê-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSCHI, Renato Raul. **Elites Industriais e Democracia**. Rio de Janeiro : Graal, 1979, cap. V, pp. 131-179.
- BOSI, Ecléa. **Memórias e Sociedade**. São Paulo : Quercus, 1979.
- CANO, Wilson. **Reflexões Sobre o Brasil e a Nova Desordem Internacional**. 4 ed., Ed. UNICAMP, Campinas SP, 1995.
- CARDOSO, Alfredo Emanuel. **Compêndio Histórico e Geográfico de Rio do Sul**. 2 ed., Pref. de Rio do Sul; Rio do Sul SC, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. 7 ed., São Paulo : Cortez, 1997.
- CHEVALLIER, Jean Jacques. **História do Pensamento Político**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1983.
- COGGIOLA, Osvaldo ; KATZ, Cláudio. **Neoliberalismo ou Crise do Capital**. São Paulo : Xamã VM, Ed e Gráfica Ltda., 2 ed., 1996.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo : Abril Cultural, 1983, 2 ed.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo : Cortez Editora, 1991.

- FURTADO, Celso. **Formação da América Latina**. 2 ed., Rio de Janeiro : Cia. Editora Nacional S/A, 1970.
- HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí**. O modelo Catarinense de Desenvolvimento. Blumenau: Ed. FURB, 1987.
- HILLESHEIM, A. **O Crescimento do Mercado Interno Numa Colônia do Império**. Florianópolis, UFSC, 1979. Dissertação de Mestrado em História.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 9 ed., Rio de Janeiro : J. Olympio, 1976.
- IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória Política do Brasil/1500-1964**. 2 ed., São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- KONDER, Marcos. **Ligeiras Considerações Sobre a Indústria Açucareira em Santa Catarina e no Vale do Itajaí**. In: COMEMORANDO O 25º aniversário da Usina Adelaide. Itajaí, 1944, Publicação Festiva.
- KRISCHKE, Paulo J. **Participação Social e Cultural Política**. ANPOCS, 1994, 26 p.
- _____. **O Contrato Social, Ontem e Hoje** (Org.). São Paulo : Cortez, 1993.
- _____. Os Movimentos de bairro ligados às CEBs de Florianópolis: A dimensão participativa. **Revista de Ciências Humanas**, v. 8, n. 12, 1992, p. 71-96.
- _____. Movimentos de Bairros em Florianópolis na 'Nova República': Transformação cultural e conservadorismo político. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 34, 1992, p. 187-212.
- LOPES, Juarez Rubens Brandão. **Do Latifúndio à Empresa**. 2 ed., Rio de Janeiro : Vozes Ltda., 1981,
- MARCELINO, Nelson C. **Introdução às Ciências Sociais**. v. 1, São Paulo : Ed. B., 1982.
- MARTINS, J. de Sousa. **Conde Matarazzo. o Empresário e a Empresa**. 2 ed., São Paulo : Hucitec, 1976.
- MATTOS, Antonio Jacinto de. **Colonização do Estado de Santa**

- Catarina; Dados Históricos e Estatísticos (1640-1916).** Gab. Typ. D" "O Dia".
- MELLO, Cardoso de. **O Capitalismo Tardio.** 3 ed., São Paulo : Brasiliense, 1984.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As Idéias Para a Reforma Democrática do Estado - Possibilidades da Política.** São Paulo : Paz e Terra, 1998.
- OLIVEIRA, Didymea Lazzaris. **Por um Pedaco de Terra.** Itajaí-SC. UNIVALI, 1997.
- ONODY, Oliver. **A Inflação Brasileira (1820-1958).** Rio de Janeiro, 1960.
- PELIZETTI, Beatriz. **Um Banco de Imigrantes em Santa Catarina.** Fundação Casa Dr. Blumenau, Blumenau-SC, 1985.
- PEREIRA, Luís Carlos Bresser de. Desenvolvimento Econômico e o Empresário. **Revista de Administração de Empresa.** 2(4): 79-91. mai/ago., 1902.
- PIAZZA, Walter F. **A Colonização de Santa Catarina.** 3 ed. Florianópolis : Lunardelli, 1994.
- PLUM, Werner. **Relatos de Operários Sobre os Primórdios do Mundo Moderno do Trabalho.** CORSETTI, Elizabeth Maria ; BONN, Hildesheimer Druck Gmbh. Col. ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS DA INDUSTRIALIZAÇÃO.
- POUTIGNAT, Philippe ; FENART, Jocelyne Streiff. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo : UNESP, 1998.
- PRADO, Caio Jr. **Evolução Política do Brasil.** 9 ed., São Paulo : Brasiliense, 1975.
- ROCHE, Jean. **A Colonização e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre : Globo, 1969.
- SCHMPETER, Joseph A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico.** Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1961.
- SEYFERTH,, Giralda. **A colonização Alemã no Vale do Itajaí.**

- Porto Alegre : Movimento, 1974.
- SILVA, Sérgio. **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil**. 8 ed., São Paulo : Alfa-Omega, 1995.
- VIANA, Maria L. T. Werneck. **A Emergente Temática da Política Social na Bibliografia Brasileira**. In: BID (Boletim Informativo e Bibliográfico em Ciências Sociais), n. 28, 2 sem/89, p. 3-41.
- VILLELLA, Annibal & SUZIGAN, Wilson, **Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira 1889-1945**. Rio de Janeiro : IPEA/INPES, 1973. (Monografia, 10).
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 11 ed., São Paulo, 1996.
- _____. **Ensaio de Sociologia**. 5 ed., Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1982.
- _____. **Metodologia das Ciências Sociais**. 2 ed., São Paulo : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- WILLEMS, Emílio. **Assimilação e Populações Marginais do Brasil**. Rio de Janeiro : Nacional, 1940. (Col. Brasiliana, 186).
- ZANELLA, Fiorelo. **A Parochia de Tayó**. Taió SC: GT, 1987.

ANEXOS

ANEXO 3

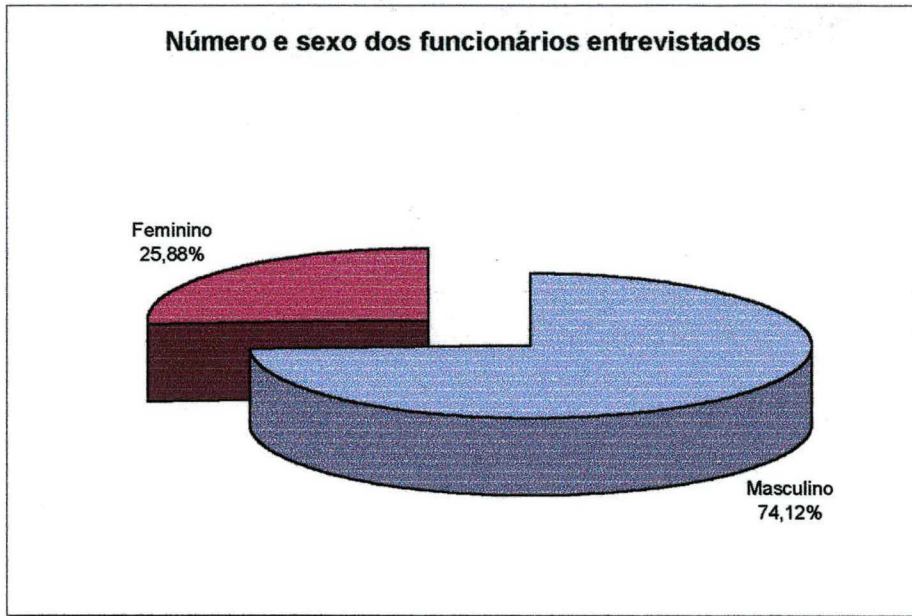


Gráfico 1. Número e sexo dos funcionários entrevistados

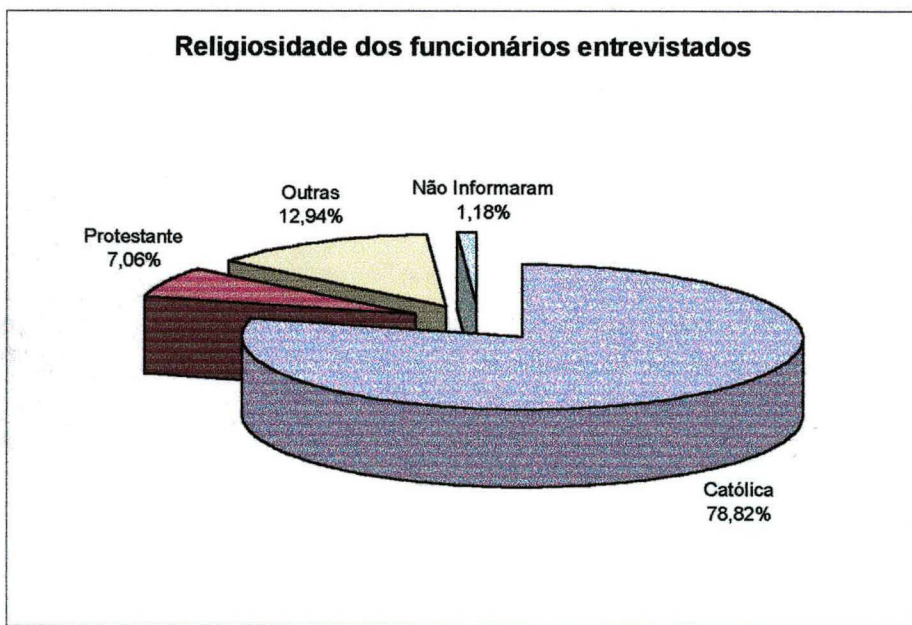


Gráfico 2. Religiosidade dos funcionários entrevistados

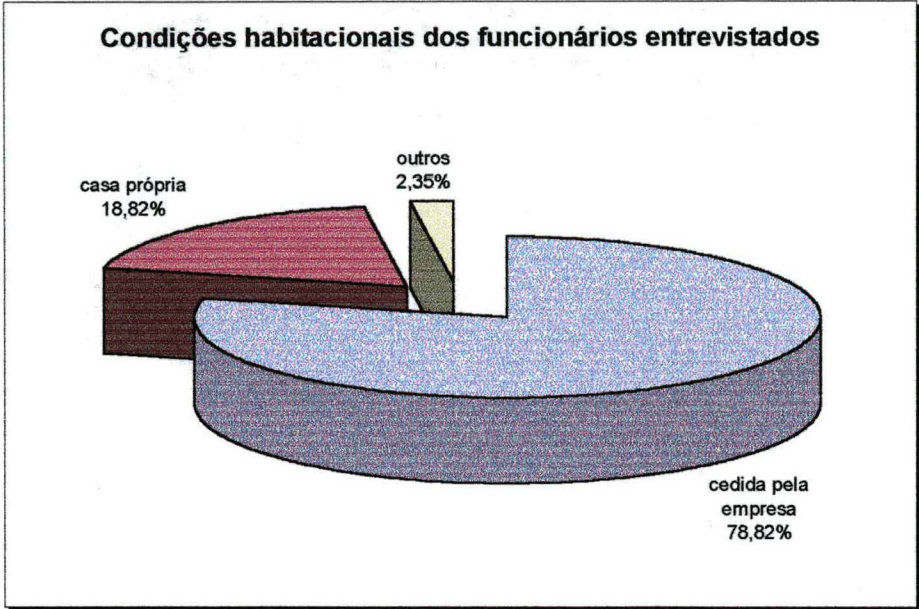


Gráfico 3. Condições habitacionais dos funcionários entrevistados

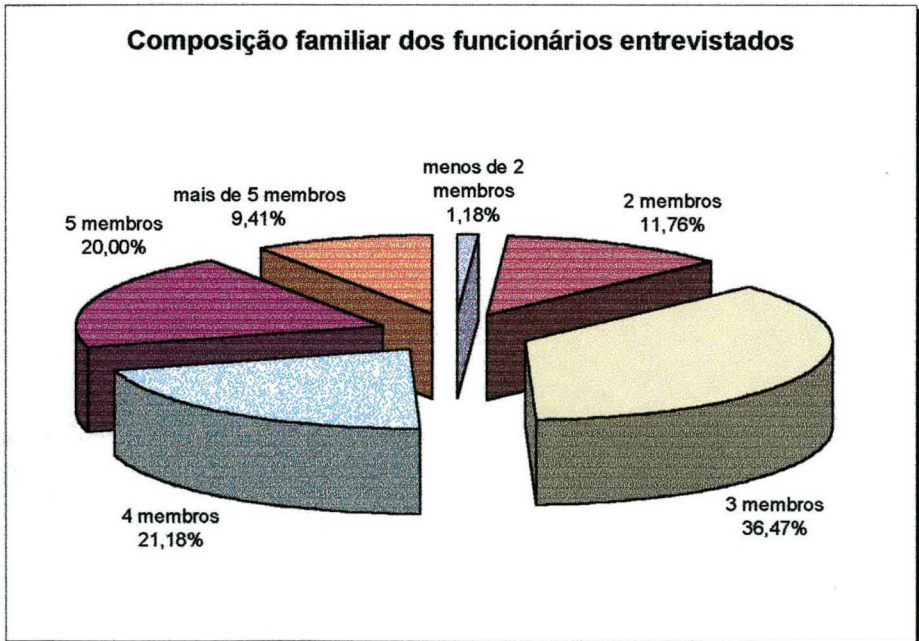


Gráfico 4. Composição familiar dos funcionários entrevistados

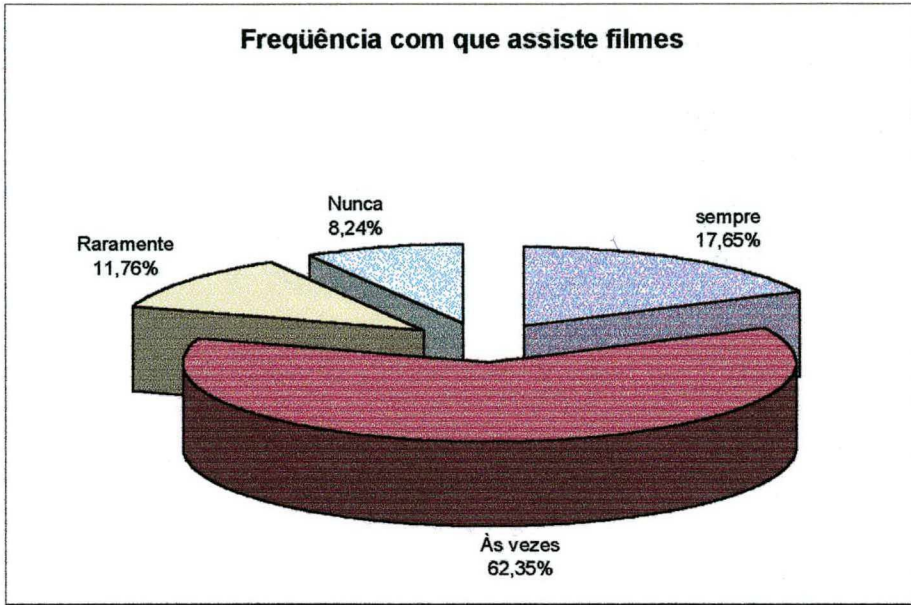


Gráfico 5. Frequência com que assiste filmes

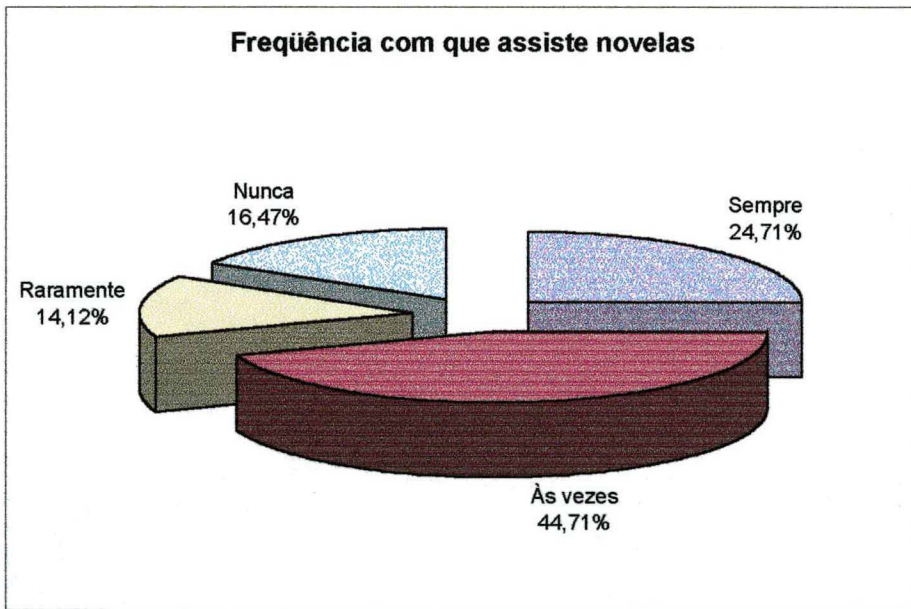


Gráfico 6. Frequência com que assiste novelas

Freqüência com que assiste jornais

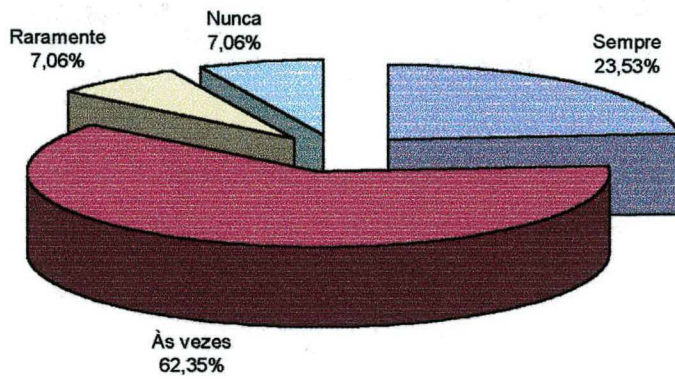


Gráfico 7. Freqüência com que assiste jornais

Freqüência com que assiste esportes

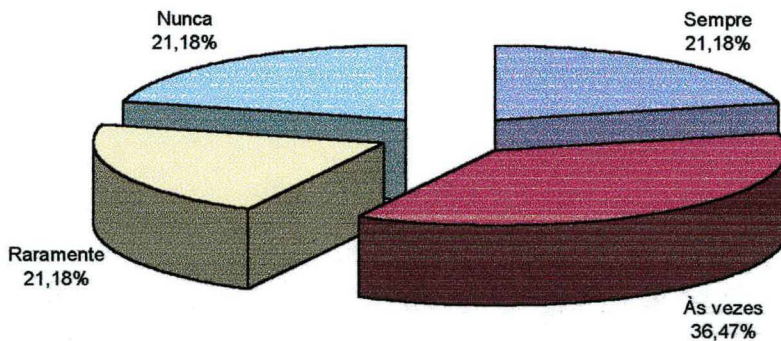


Gráfico 8. Freqüência com que assiste esportes

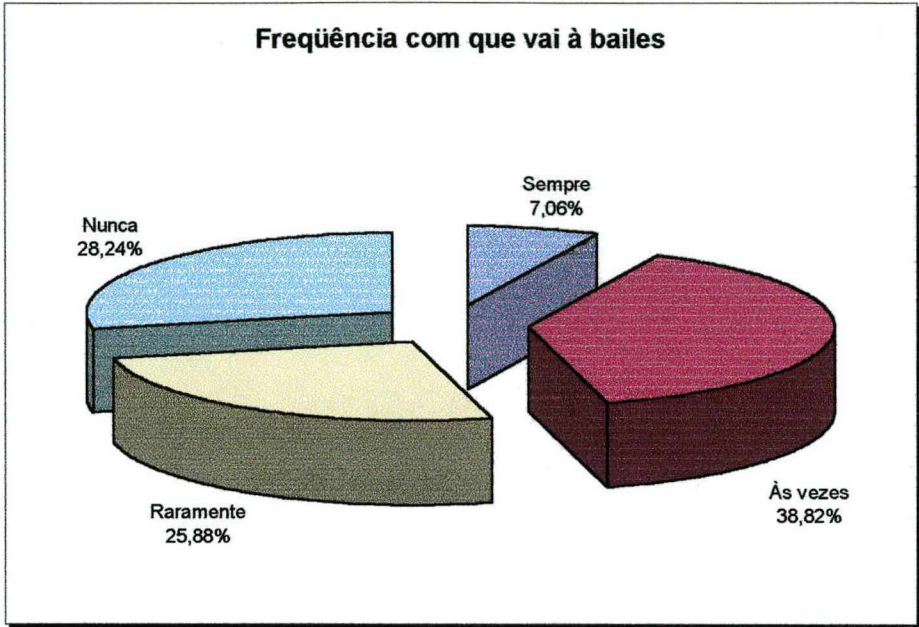


Gráfico 9. Frequência com que vai à bailes

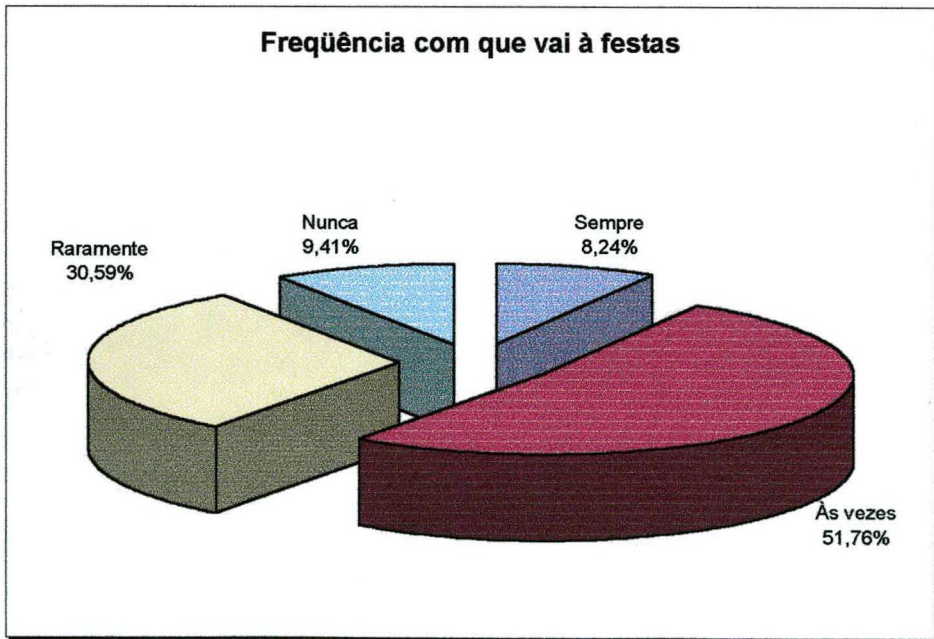


Gráfico 10. Frequência com que vai à festas

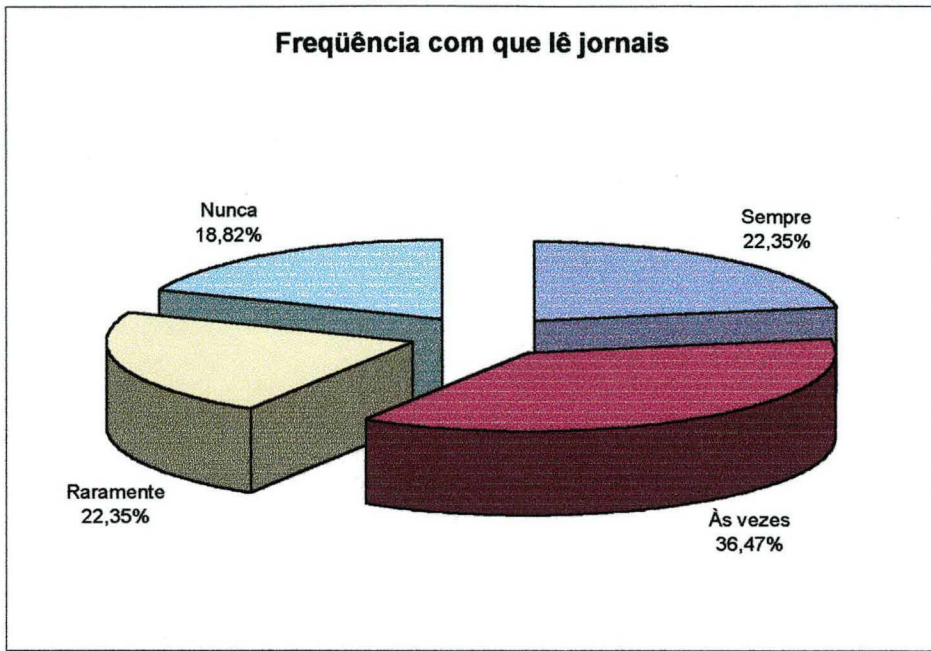


Gráfico 11. Frequência com que lê jornais

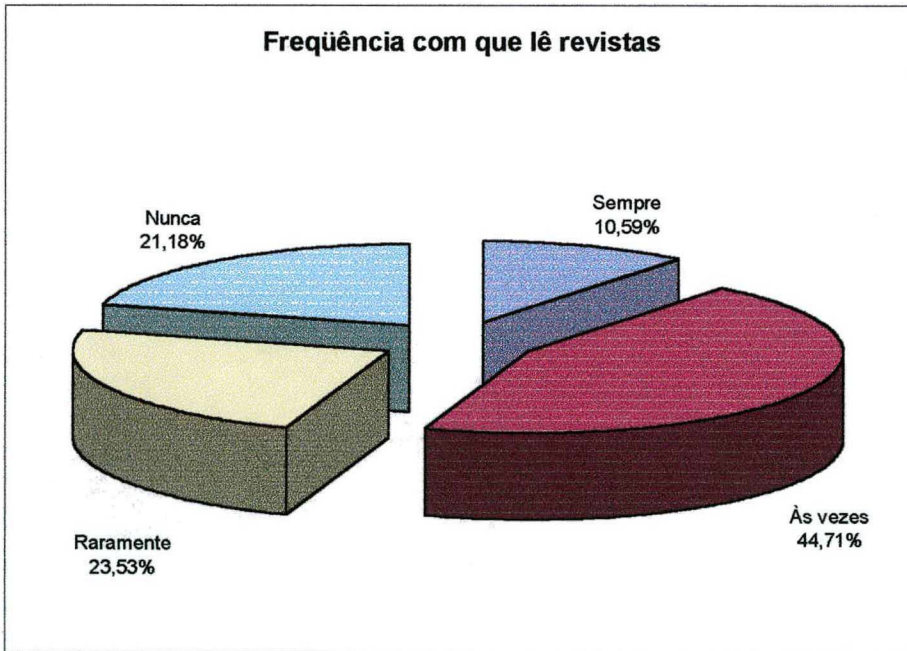


Gráfico 12. Frequência com que lê revistas

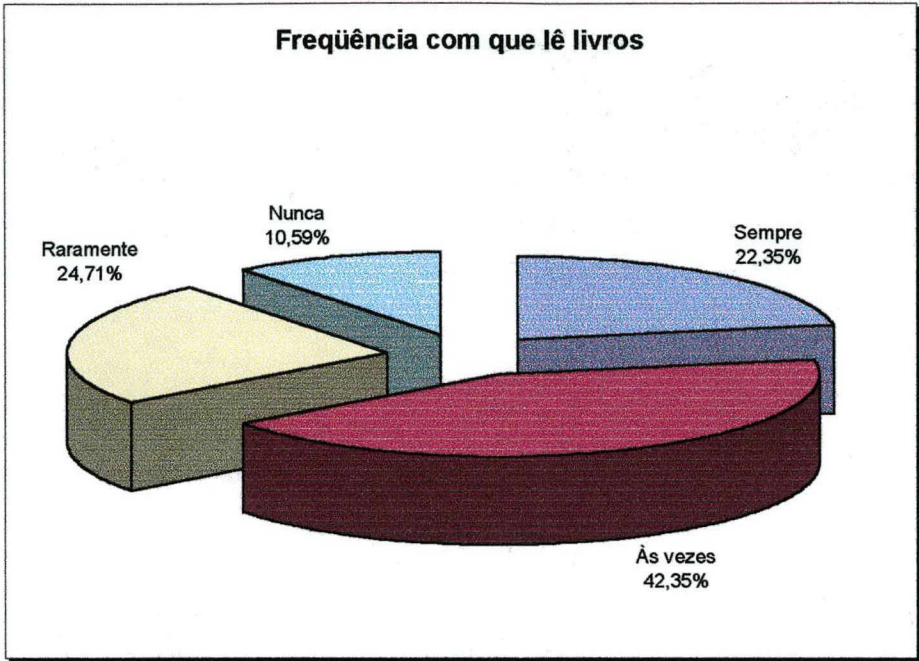


Gráfico 13. Frequência com que lê livros

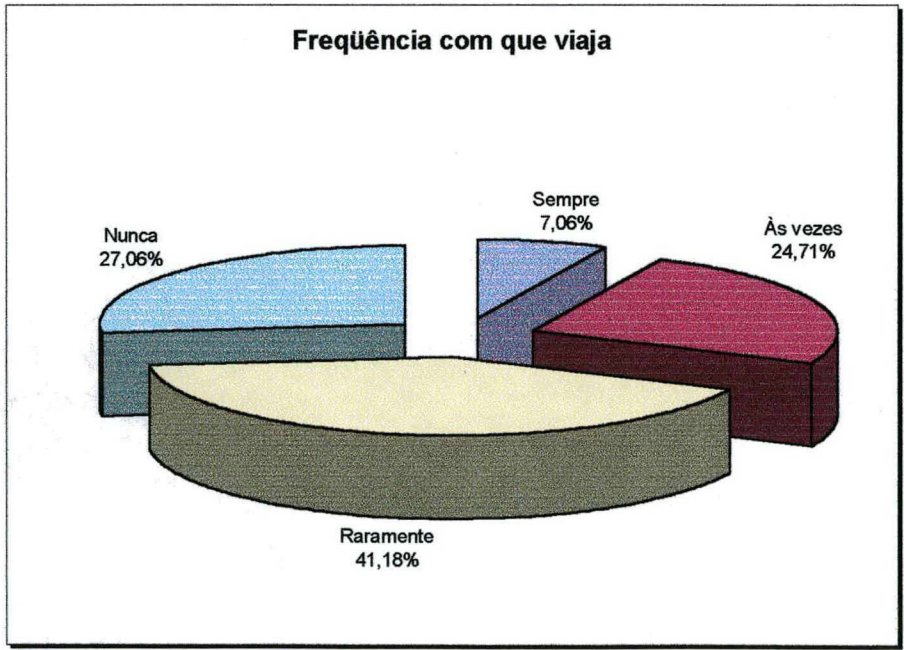


Gráfico 14. Frequência com que viaja

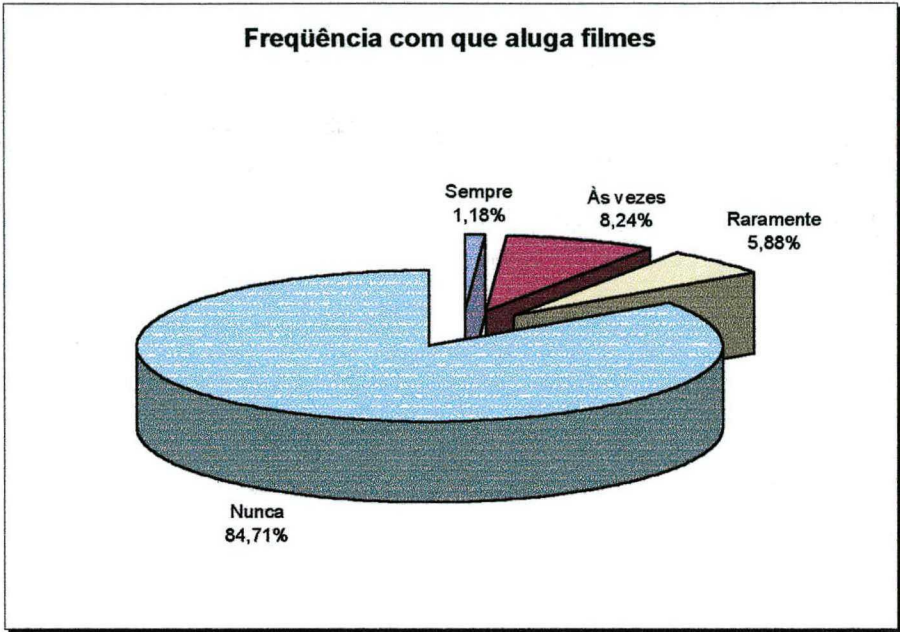


Gráfico 15. Frequência com que aluga filmes

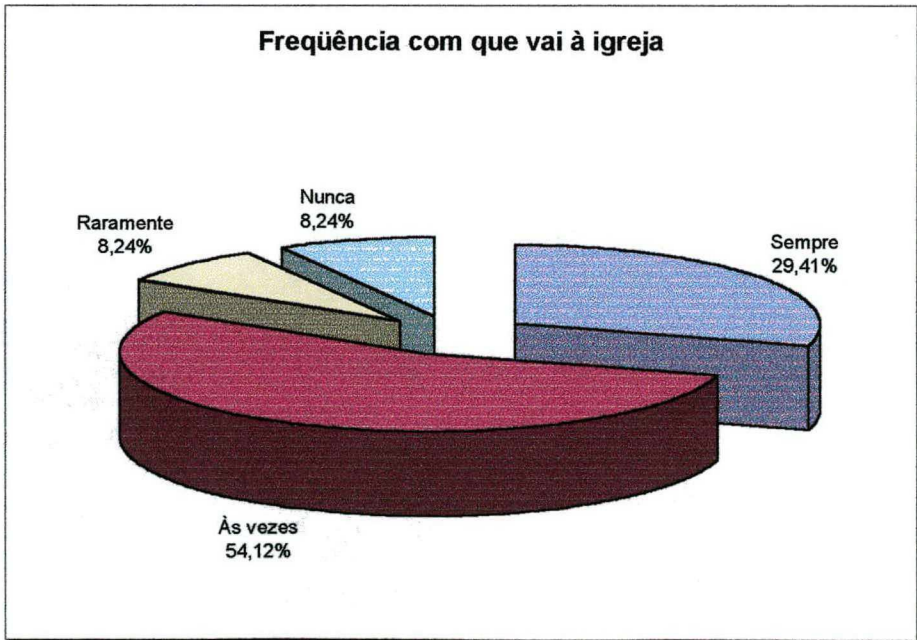


Gráfico 16. Frequência com que vai à igreja

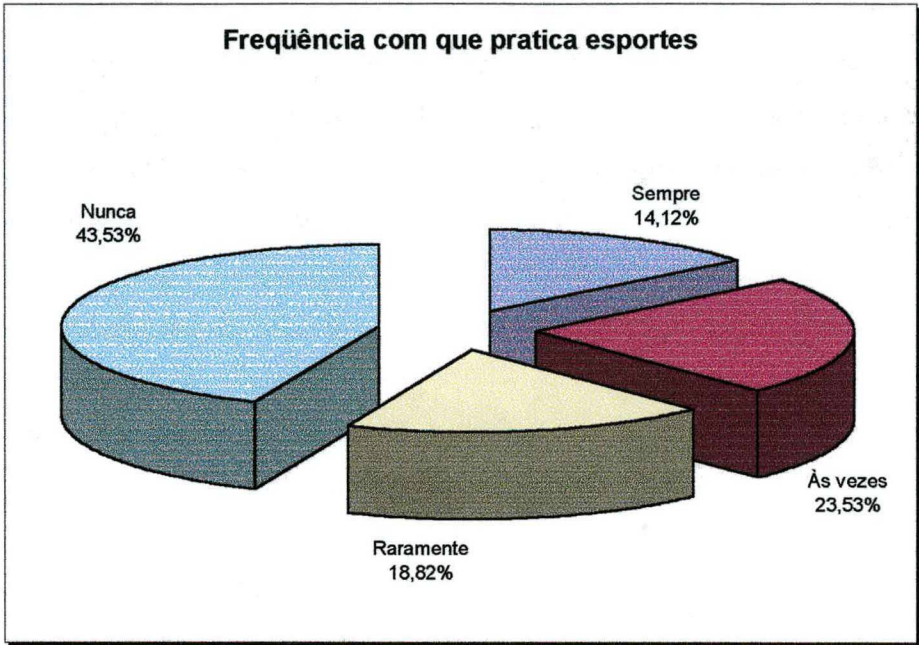


Gráfico 17. Frequência com que pratica esportes

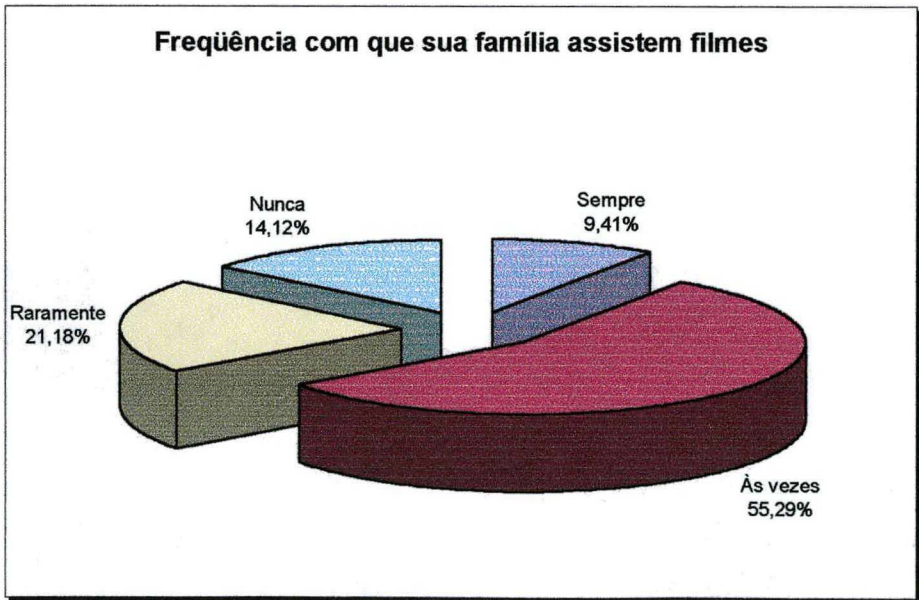


Gráfico 18. Frequência com que sua família assiste filmes

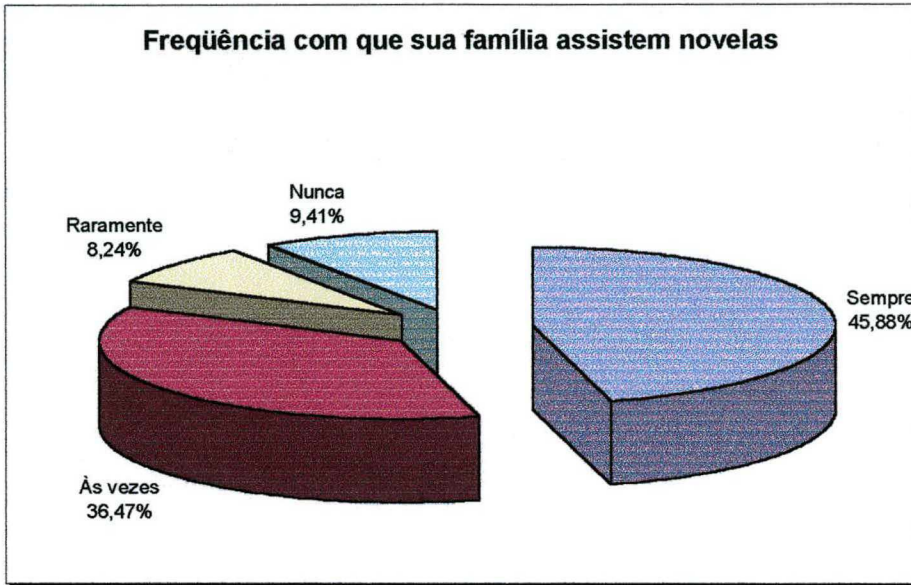


Gráfico 19. Frequência com que sua família assiste novelas

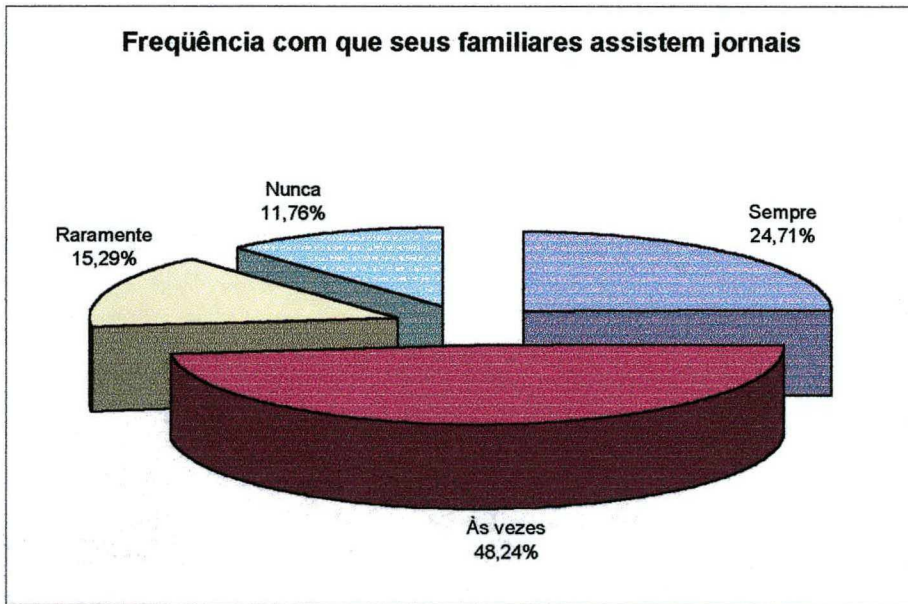


Gráfico 20. Frequência com que sua família assiste jornais

Frequência com que seus familiares assistem esportes

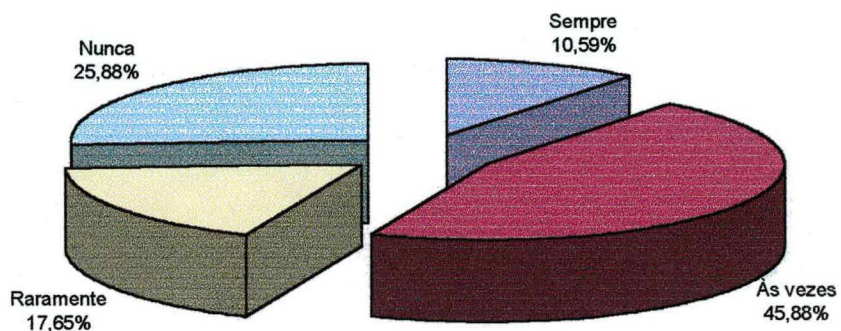


Gráfico 21. Frequência com que sua família assistem esportes

Frequência com que seus familiares assistem programas infantis

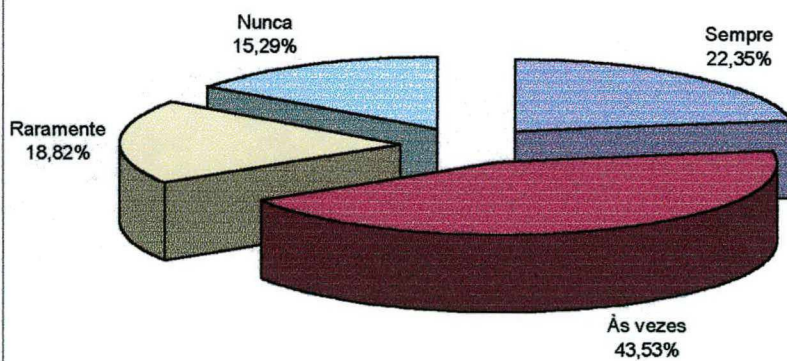


Gráfico 22. Frequência com que seus familiares assistem programas infantis

Instalações elétricas dos funcionários entrevistados

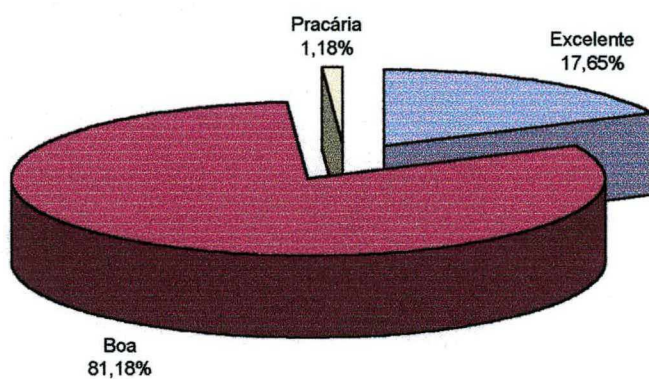


Gráfico 23. Instalações elétricas dos funcionários entrevistados

Instalações sanitárias dos funcionários entrevistados

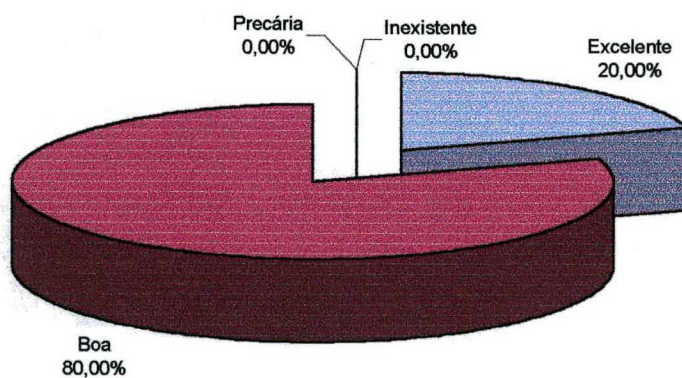


Gráfico 24. Instalações sanitárias dos funcionários entrevistados

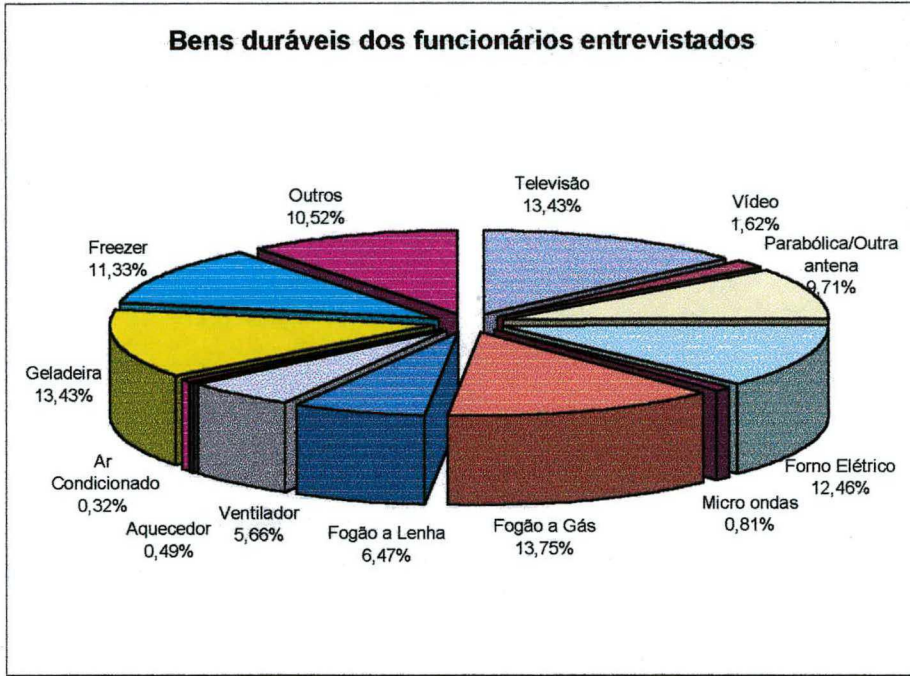


Gráfico 25. Bens duráveis dos funcionários entrevistados

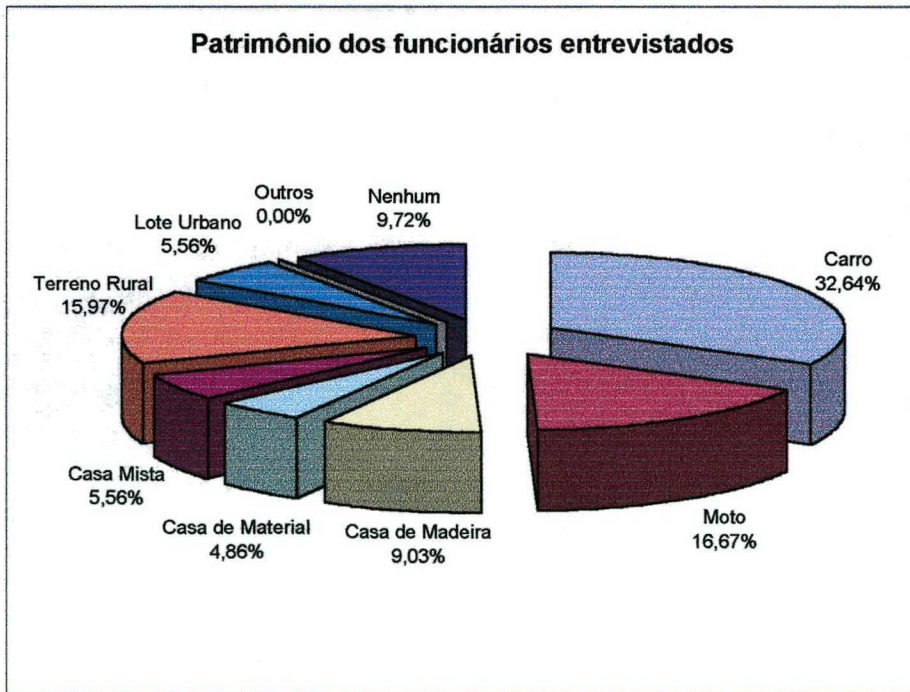


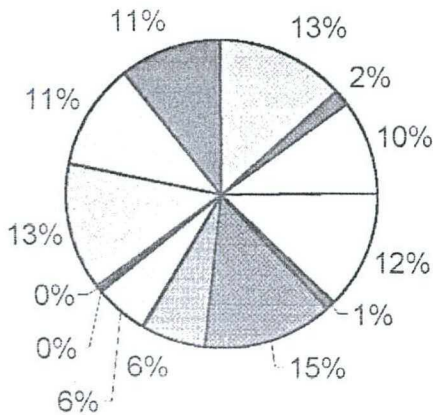
Gráfico 26. Patrimônio dos funcionários entrevistados

dos 85

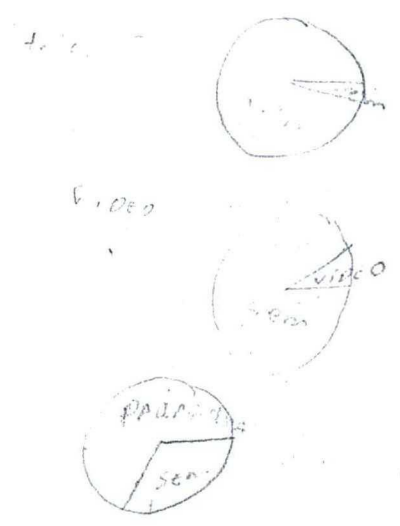
Bens Duráveis

Bem	Quantidade	Frequencia	Freq. %	Erro	Erro Q.	Graus
Televisão	83	0,1343	13,43	35,4615	1257,52	48,35
Vídeo	10	0,0162	1,62	-37,538	1409,14	5,83
Parabólica/Outra antena	60	0,0971	9,71	12,4615	155,29	34,95
Forno Elétrico	77	0,1246	12,46	29,4615	867,98	44,85
Micro ondas	5	0,0081	0,81	-42,538	1809,52	2,91
Fogão a Gás	85	0,1375	13,75	37,4615	1403,37	49,51
Fogão a Lenha	40	0,0647	6,47	-7,5385	56,83	23,30
Ventilador	35	0,0566	5,66	-12,538	157,21	20,39
Ar Condicionado	2	0,0032	0,32	-45,538	2073,75	1,17
Aquecedor	3	0,0049	0,49	-44,538	1983,67	1,75
Geladeira	83	0,1343	13,43	35,4615	1257,52	48,35
Freezer	70	0,1133	11,33	22,4615	504,52	40,78
Outros	65	0,1052	10,52	17,4615	304,91	37,86
Total	618	1,0000	100,00	39,8462	3689,9	134

Média: 47,5384615



- Televisão
- Vídeo
- Parabólica/Outra antena
- Forno Elétrico
- Micro ondas
- Fogão a Gás
- Fogão a Lenha



Horst G. Purnhagen

No de ordem 596



No. de Registro 89/53

REGISTRO DE EMPREGADOS

Carteira Profissional 2.248 Série 107 A

Carteira de Reservista no. 68.628 Classe 1937 - 1ª cat.

Caderneta de Aposentadoria no. 11.399.522/15995228

Nome HORST GERHARD PURNHAGEN Sexo masculino

Filiação { Pai Hermann H. Purnhagen
Mãe Ruth Erna Hubner Purnhagen

Nacionalidade Brasileira Naturalidade Santa Catarina Lugar do

nascimento Jaraguá do Sul Data do nascimento 10/4/1937 Idade 18

anos. Estado civil solteiro Residência Rio do Sul Data da

admissão ao serviço 1/11/1955 Categoria ou ocupação habitual aux. de escritório

Salário R\$ 1.400,00 Forma de pagamento mensalmente

Seccão onde trabalha escritório

Para trabalhar normalmente das 7 as 16,30 horas com os intervalos de 12 - 13,30

para refeições e descanso

Nome dos beneficiários Seus pais

Nacionalidade da esposa

Nacionalidade dos filhos

Quando estrangeiro, data em que chegou ao Brasil

Sindicato

no. de matricula

Assinatura do empregado *Horst G. Purnhagen*

Data 1/11/1955

Data da dispensa 30 de ABRIL de 1974

DECLARAÇÃO DE OPÇÃO

Eu, HORST GERHARDT PURNHAGEN
(Nome do empregado por extenso)

portador da Carteira Profissional N° 2.218 Série 107ª, empregado

da empresa "INDUMA" INDÚSTRIA DE MADEIRAS S/A.
(Denominação da empresa)

sita à Rua Coelho Neto N° 308

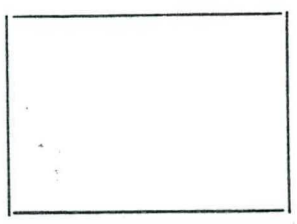
em Rio do Sul Estado Santa Catarina

declaro, para todos os fins, que nesta data, exerço a opção pelo regime do Regulamento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, aprovado pelo Decreto N° 59.820, de 20 de dezembro de 1966.

Rio do Sul, 8 de NOVEMBRO de 1967
(local e data)

Horst Gerhardt
(Assinatura)

Impressão dactiloscópica, quando se tratar de analfabeto.



Testemunhas:

1° Ulrich Trapp

2° Antonio Trapp

(Assistente responsável legal pelo menor, quando couber)

Recebemos a 1.ª via da presente Declaração de Opção em 8 de NOVEMBRO de 1967

"INDUMA" Indústria de Madeiras S/A
Ulrich Trapp
(Carimbo e assinatura)

Modelo aprovado, pela Portaria N° 21 de 9-1-67 do MTPS.

Impresso na Livraria e Gráfica do Vale Ltda. - Blumenau

Antônio Jacinto
Rubrica do funcionário

Indústrias de Madeiras e Navegação Ltda.
RIO DO SUL

Registro de Empregados



Nº de ordem *43*

Nº de Registro *96947*

Carteira Profissional nº *48166* Série *58ª*

Carteira de Reservista nº *---* Classe *está copiando*

Caderneta de Aposentadoria nº *4740257* cheia. 8.557.296

Nome *Antônio Manoel Cristiano* Sexo *masculino*

Filiação { Pae *Manoel Cristiano*
Mãe *Alexandrina Cristiano*

Nacionalidade *Brasileira* Naturalidade *Brasileira* 1908 Lugar do

nascimento *Santa Cruz* Data do nascimento *11/12/1910* Idade *37*

anos. Estado civil *casado* Residência *Rio do Sul* Data da

admissão ao serviço *7.1.1947* Categoria ou ocupação habitual *servente*

Salário *2.50 w. hora* Forma de pagamento *mensal*

Secção onde trabalha *na fabrica*

Para trabalhar normalmente das *7* às *16³⁰* horas, com os intervalos de *12-13³⁰* para refeição e descanso

Nome dos beneficiários *Maria - Olívia - José - Manoel - Celso*

Nacionalidade da esposa *Brasileira* Nacionalidade dos filhos *Brasileira*

Quando estrangeiro, data em que chegou no Brasil *1/1/1947*

Nº da carteira ou ceridão de estrangeiro *---*

Sindicato *---* nº de matricula *---*

Assinatura do empregado *Antônio Manoel Cristiano* Data *7.1.1947*

Data *11* da dispensa de *Fevereiro* de *1954*

Jouvenin
Rubrica do funcionário
Final do trabalho



de Registro *1194/47*

No. de ordem *94*

REGISTRO DE EMPREGADOS

Carteira Profissional no Série
 Carteira de Reservista no Classe
 Caderneta de Aposentadoria no *4248489* *4248489*
 Nome *Antenor da Silva* Sexo *mascul*
 Filiação | Pai *Jaimé da Silva*
 | Mãe *Alaide da Silva*
 Nacionalidade *Brasil* Naturalidade *Brasil* Lugar do nascimento *Rio do Sul*
 Data do nascimento *29.11.1928* Idade *19* anos
 Estado civil *solteiro* Residência *Rio do Sul* Data da admissão ao serviço *28.10.47*
 Categoria ou ocupação habitual *servente*
 Salário *270* Forma de pagamento *a diáritas mensais*
 Seccção onde trabalha *dos folhados*
 Para trabalhar normalmente das *7* as *16 1/2* horas, com os intervalos de *10 - 13 1/2*
 para refeição e descanso
 Nome dos beneficiários *paes*
 Nacionalidade da esposa Nacionalidade dos filhos
 Quando estrangeiro, data em que chegou ao Brasil
 Sindicato no. de matricula
 Assinatura do empregado *Antenor da Silva* Data *28.10.47*
 Data da dispensa de *1* de *jan* de 19 *48*

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO FLUVIAL E MARITIMA «ITAÇU» LTDA.

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO
End. Telegr.: «ITAÇU»
Rua São Francisco, 39 - Fone, 50
CAIXA POSTAL, 8
ITAJAÍ - ESTADO DE SANTA CATARINA

SECÇÃO MARITIMA

NAVIOS:
OTTO e TRIUNFO
Linha Itajaí - Rio de Janeiro
SECÇÃO FLUVIAL - (Lanchas a motor)
OTILIA e JASMIM
Chatas: - OLINDA, ODILIA e WALDIRA
Linha Itajaí - Blumenau

ITAJAÍ, 20 de Fevereiro de 1953.-

Exma. Snra.-
Ruth Purnhagen

Rio do Sul.-

Presada Senhora Quotista

Na qualidade de Diretor Gerente da Navegação Fluvial e Marítima "ITAÇU" Ltda, tenho a grata satisfação de enviar-lhe, junto a presente, o Balanço Geral e Demonstração da Conta LUCROS E PERDAS, relativos ao exercício de 1952.-

Pelos dados constantes dos referidos documentos, poderá V.S. perfeitamente inteirar-se do resultado apresentado, aliás, bastante satisfatório, procurando como sempre fiz, casa vez mais proporcionar aos Senhores Quotistas um maior rendimento.-

Peço notar que o Dividendo será pago por todo mez de Março. Certo de ter cumprido com meu dever, apresento-lhe minhas

CORDIAES SAUDAÇÕES
NAVEGAÇÃO FLUVIAL E MARITIMA ITAÇU LTD...



DIRETOR GERENTE

Diretor Gerente

NAVEGAÇÃO FLUVIAL E MARITIMA "ITAGU" LTDA.
BALANÇO GERAL REALIZADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1952.-

<u>RES</u>			
Tecidos Carlos Renaux S/A-Seqção Navde-		592.564,70	-
<u>AS CONTAS</u>			
Ind.Com.Sta.Catarina S/A	54.469,40		
Mario Heusi	10.000,00		
do Heusi Junior	<u>3.000,00</u>	67.469,40	-
<u>ES INVERTIDOS</u>			
<u>leiro</u>			
stalações Estaleiro	22.542,40		
ramentas Estaleiro	<u>13.320,00</u>	35.862,40	-
<u>HA</u>			
cha-Motor "OTILIA"		190.000,00	-
<u>OS</u>			
io-Motor "OTTO"	1800.000,00		
io-Motor "TRIUNFO"	600.000,00		
io-Motor "ESTELA"	<u>1800.000,00</u>	4200.000,00	-
<u>MONIO</u>			
icipações	894.640,00		
sa adquirida n/Sociedade	<u>100.000,00</u>	994.640,00	-
<u>IS E UTENSILIOS</u>		5.500,00	-
<u>AL</u>		-	3000.000,00
<u>O DE RESERVA</u>		-	322.876,70
<u>O DE DEPRECIACÃO</u>			
arcações Maritimas	1859.745,50		
arcações Fluviaes	<u>210.554,60</u>	-	2070.300,10
<u>ORES</u>			
rid Renaux	1.728,00		
ia Luiza Renaux	1.728,00		
o Renaux	142.066,40		
and Renaux	92.601,30		
adimento quota adquirida e outras			
tipicações	<u>32.000,00</u>	-	270.123,70
itas Dividendo		-	6.400,00
<u>DENDO</u>		-	360.000,00
<u>IFICACÃO DIRETORES</u>		-	36.336,00
<u>IFICACÃO</u>		-	20.000,00
		<u>6086.036,50</u>	<u>6086.036,50</u>

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA

"LUCROS E PERDAS"

RO da Seqção Maritima		-	1500.086,40
JUIZO da Seqção Administração		474.487,90	-
Dividendo á Distribuir		360.000,00	-
ificação aos Diretores (s.CR#-605.598,50)		36.336,00	-
ificação aos Mastres n/Triunfo, o,Estela e Funcionarios		20.000,00	-
RECIAÇÃO no c/exercicio		<u>609.262,50</u>	-
		1500.086,40	1500.086,40

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
MESTRADO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
PROF. RENATO RODRIGUES

Perfil Sócio Cultural

1. Identificação.

Nome: Luiz Carlos Campos
 Empresa: Indústria = A/
 Data de Admissão: 14/01/2000
 Tempo de Serviço: 1 ano e 5 meses

2. Composição familiar.

NOME	IDADE	PAPEL SOCIAL	INSTRUÇÃO	OCUPAÇÃO	RENDA
Luiz Carlos Campos	31	Empregado	4º grau	Assessor	3700
Luiz Carlos Campos	31	Empregado	4º grau	Assessor	3700
Luiz Carlos Campos	17	Estudante	6º grau		
Luiz Carlos Campos	11	Estudante	2º grau		
Luiz Carlos Campos	7	Estudante	1º grau		

3. Condições habitacionais.

3.1 Casa: Cedida pela empresa

Própria

Outros: _____

3.2 Número de Cômodos: sala

cozinha

quartos

banheiro

garagem

lavarão

TOTAL

3.3 Instalações elétricas: excelentes

boa

precária

3.4 Instalações sanitárias: excelente

boa

precária

inexistente

4. Bens da família:

carro (R\$ 3.000,00)

moto (R\$ _____)

casa madeira (R\$ _____)

mista (R\$ _____)

material (R\$ 15.000,00)

terreno rural (R\$ _____)

lote urbano (R\$ _____)

lote urbano (R\$ _____)

outros: _____ (R\$ _____)

5. Bens de consumo durável.

- TV
- vídeo
- parabólica/outra antena
- forno elétrico.
- micro ondas
- fogão a gás
- fogão a lenha
- ventilador
- ar condicionado
- aquecedor
- geladeira
- freezer
- outros: *Maquiadora, centrifugadora, Máquina de lavar roupa*

6. Lazer.

6.1 Com que frequência:

	Sempre	As vezes	Raramente	Nunca
Vai a baile			/	
Vai a festas			X	
Lê jornais	X			
Lê revistas		X		
Lê livros			X	
Viaja				X
Aluga filmes			X	
Vai a igreja, templo etc.	X			
Esporte		X		

6.2 O que mais assiste na TV:

	Sempre	As vezes	Raramente	Nunca
Filmes			X	
Novelas	X			
Jornais	X			
Esportes	X			

6.3 E a família, o que mais assiste:

	Sempre	As vezes	Raramente	Nunca
Filmes		X		
Novelas	X			
Jornais	X			
Esportes		X		
Programa infantil	X			

7. Religião predominante na família:

- Católica
- Protestante
- Outra: _____



AMAVI Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí
MAPA MICRO REGIÃO DO ALTO VALE DO ÍTAJAI

FONTE: IPA FURB

SETEMBRO/1999

ATA DE INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TAIÓ

Aos doze dias de fevereiro de 1949, em sendo Presidente da República o sr. General Eurico Gaspar Dutra, Vice-Presidente o sr. dr. Mareu Ramos e Governador do Estado o sr. dr. Aderbal Ramos da Silva, as onze horas, no prédio destinado a servir de sede da Prefeitura, na cidade de Taio, onde, em companhia do sr. Bertoldo Jacobsen, Prefeito Provisorio, nomeado por decreto de 28 de janeiro de 1949, do Governo do Estado, se encontravam autoridades civis e eclesíasticas, comerciantes, industriais, lavradores e funcionarios, notadamente o dr. Agrippa de Castro Faria, representando o sr. Celso Ramos, Presidente da Comissão Diretora do Partido Social Democrático de Santa Catarina, o dr. Cid Loures Ribas, representando o sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, o sr. Felix Odebrecht, representando a Assembleia Legislativa do Estado, os srs. Prefeitos Ivo Mueller e Germano Brandes Junior, respectivamente dos municípios de Ibirama e Indaial, e mais os srs. Prefeitos de Rio do Sul, Rodeio, Blumenau e Itajai, respectivamente representados pelos srs. Aymore Roussenq, Luis Bertoli Junior e Joao Bertoli pelos dois ultimos, convidados especiais fizeram-se ainda representar nesta solenidade os srs. Adriano Mosimann Inspetor Escolar das Associações Escolares, Dr. Alcides Abreu, Diretor da Diretoria de Economia e Assistência ao Cooperativismo, dr. João Ricardo Mayr, Delegado do I.A.P.I. do Estado, Urbano de Moura Ferro, Agente Postal-telegrafico de Rio do Sul e Adolfo Bauer, representados, respectivamente, pelos srs. Febrônio Tancredo de Oliveira, Joao Batista dos Santos, Roberto Mayr, Aniceto Noriller e Joao Bertoli; e grande massa popular, - compareceu o sr. dr. Armando Simone Pereira, Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, Educação e Saúde, por si e como representante do sr. dr. Jose Boabaid, Presidente da Assembleia Legislativa, no exercicio do cargo de Governador. Assumindo a presidência, apos ter designado o sr. Victor Butske, para servir de secretario, e fazendo uso da palavra, o sr. dr. Armando Simone Pereira, expôs a finalidade da cerimonia, referindo-se a lei estadual nº 247, de 30 de dezembro de 1948, que criou o municipio de Taio, desmembrado do de Rio do Sul, passando, portanto, a constituir mais uma celula da grande Comunidade Brasileira e com as confrontações seguintes: 1-Com o municipio de Curitiba: Começa na Serra Geral, no ponto em que esta encontra a linha que une as cabeceiras dos rios Foradinho e Aguas Pretas; continua pelos taludes da Serra Geral ate alcançar a mais alta nascente do rio Canoinhas, na Serra do Espigão. 2-Com o municipio de Canoinhas: Começa na mais alta nascente do rio Canoinhas na serra do Espigão, segue por esta ate alcançar a serra do Mirador e continua por esta ate a mais alta nascente do rio São João. 3-Com o municipio de Itaiópolis: Começa na mais alta nascente do rio São João na serra do Mirador, segue por esta ate a mais alta nascente do rio da Prata. 4-Com o municipio de Ibirama: Começa na mais alta nascente do rio da Prata, na serra do Mirador, segue por esta ate encontrar o ponto mais alto do divisor de aguas entre os ribeiros do Salto e Toca Grande. 5-Com o municipio de Rio do Sul: Começa no ponto mais alto do divisor de aguas entre os ribeiros Salto e Toca Grande, na serra do Mirador, seguindo pelo mesmo divisor ate encontrar a nascente do ribeiro Jundiaí; desce por este ate sua foz no rio Itajai d'Oeste; continua pelo Itajai d'Oeste ate a barra do ribeiro Buzarello; segue por este ate sua mais alta cabeceira; continua pelo divisor de aguas entre os ribeiros Irya e Anta Corda ate alcançar o divisor de aguas entre os rios Itajai d'Oeste e Continhas; continua por este divisor e pelo dos rios Itajai d'Oeste e o ribeiro Paleta, ate a cabeceira do Braço Oeste; desce este ate sua foz no rio Paleta; por este acima ate a barra do ribeiro Foradinho, continuando por este acima ate sua nascente, alcançando a Serra Geral por uma linha seca que une essa cabeceira a nascente do rio Aguas Pretas. Finalmente, sob entusiasticos aplausos da enorme e seleta assistencia, declarou solenemente instalado o municipio de Taio, que passaria, dali por diante, a existir para todos os fins de direito, sob a administração do sr. Bertoldo Jacobsen, que passava a exercer do cargo de Prefeito, na forma da lei. Cessadas as

prolongadas manifestações de regozijo popular, tomou a palavra o sr. Bertoldo Jacobsen, Prefeito Provisório que, em seu nome e no do povo, agradeceu ao Governo do Estado e a Assembleia Legislativa a criação e a instalação do município, congratulando-se com todos os munícipes no momento histórico em que se assinala uma primeira efemeride. Fez a seguir uso da palavra o sr. Luiz Bertoli Junior, que agradeceu ao Governo do Estado, ao sr. Celso Ramos, a Assembleia Legislativa, ao P.S.D. e a todos quantos concorreram direta ou indiretamente para a realização da aspiração da população taioense, criando o município, e fez um estudo retrospectivo de seu desenvolvimento desde 1927 até esta data. Falou ainda o sr. Aymore Roussenq, representante do sr. Prefeito de Rio do Sul, sr. Wenceslau Borini, congratulando-se com o povo taioense pelo feliz evento e dizendo da harmonia que sempre deverá existir entre o povo dos municípios de Rio do Sul e Taio. Dando fim as solenidades de instalação, o sr. dr. Armando Simone Pereira convidou os presentes para o hasteamento solene do Pavilhão Nacional, o que foi feito com grande pompa. E para que se perpetuasse o acontecimento lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos que tomaram parte na mesa-diretora e pelas pessoas presentes que o desejarem. Em tempo: Fez-se ainda representar a Câmara Municipal de Rio do Sul, na pessoa dos srs. Raymundo Mayr Sobrinho, Hermelino Largura, dr. Franciscão Gottardi e Vitor Buhr. (ass.) Armando Simone Pereira, Bertoldo Jacobsen, Agrippa de Castro Faria, Cid Ribas, Felix Odebrecht, Raimundo Mayr Sobrinho, Ivo Mueller, Aymore Roussenq, Germano Brandes Junior, Vitor Buhr, Hermelino Largura, Mario Mafra, Honorato Isolani, Pe. Clemente Kampmann-Vigário de Ribeirão Grande, Luiz Bertoli, Luiz Santos Che, Pe. Eduardo Zimmermatter, Edmundo Ern, Pe. Bernardo Fuechter, Pe. Jose Brandel, Arlindo Godoy, Pe. Jose Novak-Coadjutor, Rudolf Voigt, Alfredo Moser, Otavio Lauth, Indio Fernandes-Coletor Estadual de Taio, Luiz Bertoli Jnr., Lindo Lenzi, Leopoldo Jacobsen, Leandro Bertoli, Caetano Scoz, Joao Bertoli, Alberto Viviani, Vitor Pellizzetti, Emilio Lenzi, Edgar Maass, Francisco Tomazoni Jnr., Alberto Petri, Jaime Mendes, Alfredo Cordeiro, Batista Fontanive, Francisco Gottardi, Hercilio Anderle, Joao Maria Pereira, Joao Borghesan, Vicenti Peron, Otto Schoenau, Antonio Meurer, Erminio Zanghelini, Adolfo Lorenzetti, Clemente Giovanella, Joao Cachoeira, Martinho Kestring, Pedro Kestring, Frederico Mueller, Willy Wagner, Henrique Wensing, Pedro Jensen, Jose Leandro de Andrade, Carlos Buechele Jnr., Diretor do D.E.C.C., Uldarico Nascheweng, Rudolfo Glatz, Gregorio Kestring, Jose Kestring, Eduardo Jensen, Ludwig Graf Senior, Alois Peiker, Alberto Kindel, Febrônio Oliveira, Albert Wachholz, Ricardo Wachholz, Carlos Schott, Leo Grosch, Jose de Oliveira Malta, Frederico Blank, Bruno Wachholz, Walmor Heidrich, Guilherme Mettrich, Adolf L. Fiedler, Francisco May, Joao Klein, Hartwig Ern, Helmuth Kraemer, Roberto Mayr, Joao Benjamin Borba, Nicolau Eckmann, Joao Batista dos Santos, p. F.D.E.A.C., Silviano Demarchi, Joao Feliciano, Bonifacio Carara, Carlos Pedro Maciel, Artur Hosang e Victor Butzke-Secretario.-